UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE INSTITUTO DE HISTÓRIA DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

NARRATIVAS DA DESTRUIÇÃO: os bombardeios de Dresden nas memórias alemãs.

CARLOS JOSÉ BAUER DA SILVA

Niterói, RJ

2022

CARLOS JOSÉ BAUER DA SILVA

NARRATIVAS DA DESTRUIÇÃO:

Os bombardeios de Dresden nas memórias alemãs

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense como parte dos requisitos obrigatórios para a obtenção do título de mestre.

Orientador (a): Prof^a. Dr^a. Denise Rollemberg Cruz

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG Gerada com informações fornecidas pelo autor

D111n Da Silva, Carlos José Bauer

Narrativas da destruição: Os bombardeios de Dresden nas memórias alemãs / Carlos José Bauer Da Silva; Denise Rollemberg Cruz, orientadora. Niterói, 2022. 156 f.: il.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

DOI: http://dx.doi.org/10.22409/PPGH.2022.m.11368671713

1. Memória. 2. Nazismo. 3. Trauma. 4. Negação. 5. Produção intelectual. I. Cruz, Denise Rollemberg, orientadora. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de História. III. Título.

CDD -

Bibliotecário responsável: Debora do Nascimento - CRB7/6368

Dedico esta pesquisa ao meu querido avô Eduardo Augusto, pois ele representa a minha procura constante pelo saber histórico. Suas lembranças são verdadeiras aulas e espero homenageá-lo em vida. Dele sou fruto, para ele dedico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu pai, Carlos José, por ter possibilitado as minhas conquistas como pessoa e estudante. Da escola ao mestrado, tive no seu esforço a inspiração e base para continuar caminhando. Sua insistência e seu investimento na educação foram fundamentais para que eu pudesse chegar até aqui, sendo cada detalhe parte de um propósito maior. Muito obrigado, eu te amo.

Agradeço à minha mãe, Rosemary Bauer, por personificar o afeto e doar todo o amor do mundo desde o meu nascimento. Sempre desapegada dos bens materiais, mostrou-me como a vida pode ser conduzida com base no carinho e na compreensão. Seus sacrifícios não foram em vão. Você moldou a minha essência a partir de sua bondade, te amarei eternamente por isso.

Agradeço à minha orientadora, Denise Rollemberg, por ser o maior exemplo de conhecimento e erudição na minha área de atuação. Sua paciência e análise criteriosa da pesquisa histórica foram essenciais para a consolidação da minha vida acadêmica. Além disso, sua disciplina sobre República de Weimar mudou os meus rumos ainda na graduação.

Não poderia deixar de mencionar a importância da minha banca de qualificação, Janaína Cordeiro e Vinícius Liebel, referências nos estudos de História contemporânea. Obrigado por abrirem novos caminhos no meu texto, além de demonstrarem como o conhecimento pode ser compartilhado de maneira afetuosa e amigável.

Agradeço ao amigo e irmão Lucas Abreu, a amizade mais verdadeira que a vida poderia proporcionar. Seu apoio, direto e indireto, foi essencial para a minha caminhada até aqui. Nossas conversas sobre História iniciaram-se em 2015 e insistem em permanecer, ainda que em contextos completamente diferentes. Obrigado por ser inspirador, meu irmão.

Agradeço ao meu querido amigo Carlos Augusto por ter incentivado meu interesse pela História. Ganhei dele o primeiro livro ao entrar na graduação, uma coletânea sobre a Segunda Guerra Mundial, temática estudada por mim até hoje. Nossas conversas fomentam meu interesse como pesquisador.

Agradeço ao meu amigo Roberto Corrêa, mestre e professor do ensino básico, por ter sido a maior inspiração da minha vida como estudante no ensino médio. Sua confiança em mim foi imprescindível para trilhar o caminho da docência e pós-graduação.

Por fim, agradeço ao amor da minha vida, Taissa Vieira. Minha esposa, companheira e parceira de docência. Sua paixão pela educação é inspiradora, assim como seu olhar afetuoso para o mundo. Obrigado por aguentar as consequências do mestrado no meu humor e por sempre acreditar no meu potencial. Palavras são escassas para descrever o quanto eu te amo.

RESUMO

SILVA, Carlos José Bauer da. **Narrativas da Destruição**: os bombardeios de Dresden nas memórias alemãs. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

Este trabalho tem como premissa a construção teórica entre o trauma, a memória e as narrativas construídas na Alemanha de 1945 até o presente. Utilizando de um recorte temporal centrado no Tempo Presente, a análise efetuada desenvolve uma ampla discussão historiográfica acerca do conceito de memória e suas possíveis instrumentalizações. Os bombardeios de Dresden, efetivados pelos Aliados em 13 e 14 de fevereiro de 1945, configuram-se como elemento central neste estudo, visto que são entendidos como ponto de partida para o entendimento do trauma. Dresden, capital da região alemã da Saxônia, é uma cidade marcada pela produção cultural e pelas cicatrizes deixadas pelos questionáveis ataques no desfecho da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Afetados pela violência dos ataques, os cidadãos da Dresden desenvolveram diferentes perspectivas e narrativas que insuflaram suas memórias familiares e intergeracionais, possibilitando a construção de relações entre o presente e o passado. A instrumentalização do passado e o negacionismo, corrente que ganha força na extremadireita, são outros aspectos explorados por este estudo, pois representam a estruturação de uma cultura política autoritária na realidade alemã. Ainda no campo da memória, o processo de reunificação da Alemanha representou uma nova possibilidade de discussão, uma vez que políticas de memória e a obsessão mnemônica passaram a ditar os rumos dos novos governos. Contudo, a discussão a seguir visa descontruir a efetividade de tais políticas, ressaltando a sua superficialidade no tocante ao território da antiga Alemanha oriental.

Palavras-chave: Memória; nazismo; trauma; negação; produção intelectual.

ABSTRACT

This work is premised on the theoretical construction between trauma, memory and narratives built in Germany from 1945 to the present. Using a temporal cut centered on the Present Time, the analysis carried out develops a broad historiographical discussion about the concept of memory and its possible instrumentalizations. The bombings of Dresden, carried out by the Allies on February 13 and 14, 1945, are a central element in this study, since they are understood as a starting point for the understanding of trauma. Dresden, capital of the German region of Saxony, is a city marked by cultural production and the scars left by the questionable attacks at the end of the Second World War (1939-1945). Affected by the violence of the attacks, the citizens of Dresden developed different perspectives and narratives that instilled their family and intergenerational memories, enabling the construction of relationships between the present and the past. The instrumentalization of the past and denialism, a current that gains strength in the extreme right, are other aspects explored by this study, as they represent the structuring of an authoritarian political culture in the German reality. Still in the field of memory, the German reunification process represented a new possibility for discussion, since memory policies and mnemonic obsession began to dictate the directions of the new governments. However, the following discussion aims to deconstruct the effectiveness of such policies, highlighting their superficiality regarding the territory of the former East Germany.

Keywords: Memory; Nazism; trauma; denial; intellectual production.

SUMÁRIO

| INTRODUÇÃO | 5 |
|--|-----|
| 1. CAPÍTULO 1: DA DESTRUIÇÃO COLHE-SE O TRAUMA | 13 |
| 1.1 TUDO COMEÇA POR WIELUN | 13 |
| 1.2 O AVANÇO DA BLITZ | |
| 1.3 QUEM SEMEIA O VENTO COLHE FURAÇÃO | 19 |
| 1.4 "BOMBER HARRIS" E O COMANDO DE BOMBARDEIROS | 29 |
| 1.5 MARCADOS NA MEMÓRIA | 37 |
| 1.6 A CULTURA DOS ESCOMBROS | 40 |
| 2. CAPÍTULO 2: DE FLORENÇA AO INFERNO | 50 |
| 2.1 A FLORENÇA DO ELBA | 50 |
| 2.2 O PESO DA GUERRA | 56 |
| 2.3 INDÚSTRIA, CAPITALISMO E O REICH | 61 |
| 2.4 REFÚGIO: A CAMINHO DO INFERNO | 66 |
| 2.5 QUANDO AS BOMBAS CAEM | 74 |
| 2.6 "UM INFERNO DE FOGO" | 86 |
| 2.7 REVIRANDO ESCOMBROS, CONTANDO MORTOS | 89 |
| 3. CAPÍTULO 3: OS ABUSOS, A CULPA E A NEGAÇÃO | 94 |
| 3.1 CONSTRUINDO A MEMÓRIA TRAUMÁTICA | 94 |
| 3.2 O TRAUMA NA CONSOLIDAÇÃO DA RDA | |
| 3.3 NARRATIVAS EM DISPUTA | 109 |
| 3.4 REVER A HISTÓRIA OU NEGAR O PASSADO | 115 |
| 4. CAPÍTULO 4: ACERTANDO AS CONTAS COM O PASSADO | 123 |
| 4.1 REUNIFICAÇÃO E MEMÓRIA REDENTORA | 123 |
| 4.2 ALEMANHA UNIFICADA, MEMÓRIA DIVIDIDA | 127 |
| 4.3 OS ECOS DO SILÊNCIO: MUSEUS EM DRESDEN | 130 |
| 4.4 DRESDEN: MEMÓRIAS EM DISPUTA | 139 |
| CONCLUSÃO | 148 |
| RIRI IOCRAFIA | 152 |

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| Figura 1 - Vista do Terraço Brühl |
|--|
| Figura 2 - Dresdner Zwinger em 2020 |
| Figura 3: Mapa da cidade com a localização do campo Hellerberg |
| Figura 4: A rota dos deslocados alemães |
| Figura 5: Corpos carbonizados em Dresden |
| Figura 6 - Mapa do bombardeio inglês em Dresden, onde o azul representa as regiões mais atingidas por bombas. A faixa ao sul do rio Elba é conhecida como Alstad e foi a mais atingida |
| Figura 7- Centro de Dresden Destruído pelas bombas |
| Figura 8 - Corpos carbonizados em Dresden |
| Figura 9: Refugiados em Dresden |
| Figura 10: Escombro caído em frente à igreja Frauenkirche em Dresden |
| Figura 11: Democracia e Ditadura. Dresden no século XX |
| Figura 12: Fragmento de bomba inglesa encontrado nos escombros de Dresden 134 |
| Figura 13: Entrada do Museu de História Militar em Dresden |
| Figura 14: Blocos de concreto recuperados em Dresden |
| Figura 15: Vista do 4º andar no Museu de História Militar, Dresden |
| Figura 16: Discurso de Frank-Walter Steinmeier em Dresden, 2020 |
| Figura 17: Preparação para o abraço coletivo à Frauenkirche, 2020 |

INTRODUÇÃO

No dia 18 de dezembro de 2010, o comerciante Mohamed Bouazizi ateou fogo no próprio corpo na Tunísia. A autoimolação respondeu ao autoritarismo do governo e à corrupção dos aparelhos de segurança do país, que mais uma vez, tentavam extorqui-lo à luz do dia. O impacto visual do corpo em chamas foi além das barreiras imaginadas pelo vendedor de rua com renda de 75 dólares mensais, dando início ao processo conhecido como Primavera Árabe.

No espectro político, a Primavera diz respeito às ascensões de movimentos, geralmente revoluções, que "florescem" com novos desejos e ideias de mudanças. Transformações estruturais dificilmente são pacíficas e acabam entrando em rota de colisão com as forças do Estado, garantidor da ordem e detentor do monopólio da violência¹. Com o choque de forças, a guerra torna-se inevitável.

O conflito Sírio, iniciado em 2011, é exemplo dessa perspectiva, visto que colocou em lados opostos parcelas da população (os rebeldes) e as forças do governo (exército formal). No meio deste cenário de guerra, estão os civis, aqueles que não possuem envolvimento com o conflito e tentam sobreviver, mesmo que a única saída seja abandonar sua terra natal. A guerra traz consequências diversas, mas nenhuma é tão constante quanto a crise dos refugiados.

A Alemanha, principal potência econômica do bloco europeu, tem na sua história uma relação muito próxima com os refugiados — seja com o seu povo ou com povos invadidos por suas forças. Na recente crise síria, foi o país que adotou a chamada política de "portas abertas" e recebeu milhões de pessoas em busca de abrigo e reconstrução. Todavia, a política oficial não representa uma opinião hegemônica da população alemã sobre o assunto.

A discussão proposta por este trabalho visa a reconstruir os diferentes percursos do problema acerca da memória dos bombardeios de Dresden, em particular, daquela construída e usada pela extrema-direita que se quer herdeira do nazismo. Torna-se cada vez mais relevante discutir o tema, uma vez que grupos extremistas ganharam força com a entrada dos refugiados, principalmente aqueles que adotaram discursos do "inimigo

¹ Conceito utilizado por Max Weber, em *A política como vocação* (1919), para definir os instrumentos de coerção dentro dos seus limites, visando manter sua legitimidade.

comum". Casos semelhantes espalharam-se por toda a Europa. A revista polonesa conservadora wSieci ("A Rede")², em 2016, publicou uma capa que continha o seguinte título: "O Estupro Islâmico da Europa". Com mãos pardas que agarravam os cabelos da figura feminina europeia, a revista associou os refugiados islâmicos aos crimes sexuais na Europa.

O caso da revista foi parte integrante de um movimento ainda maior, chamado de "Grande Substituição" (*Great Replacement*). Trata-se da teoria supremacista, difundida pelo extremista francês Renaud Camus, que alega estar em curso a substituição populacional dos homens brancos cristãos por indivíduos negro e muçulmanos principalmente. Esta substituição estaria em curso por meio das políticas migratórias como as que ocorrem na Europa.

Com o aumento dos defensores de teorias conspiratórias extremistas, manifestações contrárias aos imigrantes foram organizadas em Berlim, Munique e outras grandes cidades alemãs. Além disso, partidos com plataformas de extrema-direita ganharam força e passaram a eleger mais políticos para representações regionais e nacionais, ainda que a coalizão³ liderada por Angela Merkel mantenha o controle do Estado.

Além de ser base para a política partidária, a questão dos refugiados é instrumentalizada para reforçar culturas políticas de extrema-direita. Exemplo claro desta realidade é o PEGIDA (Europeus Patriotas contra a Islamização do Ocidente)⁴, grupo extremista que prega a expulsão dos refugiados, pois afirma que a cultura ocidental corre perigo de ser apagada. É o mesmo argumento utilizado pelo primeiro-ministro húngaro Viktor Órban, grande representante do autoritarismo contemporâneo.

O PEGIDA é um movimento nacional, mas sua base e origem estão em Dresden. Na capital da Saxônia, observa-se a difusão dos debates sobre o neonazismo e a proliferação de grupos extremistas que voltaram a ter voz com as questões sociais recentes (crises econômicas na Europa, crises humanitárias, globalização e multiculturalismo). Em 2019, a cidade declarou "emergência neonazista"⁵, ação tomada pelo conselho local

² "O Estupro Islâmico da Europa": https://oglobo.globo.com/mundo/revista-polonesa-retrata-mulher-europeia-sendo-atacada-por-imigrantes-18698902, acessado em 01/06/2021, às 13:33.

³ Coalizão da União Democrata-Cristã, de Merkel, com o SPD.

⁴ Patriotische Europäer gegen die Islamisierung des Abendlandes.

⁵ Emergência neonazista em Dresden, Alemanha: https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50270069, acessado em 01/06/2021, às 14:28.

buscando reforçar a necessidade de posicionamentos claros contra o neonazismo, o que gerou espanto para muitos, mas não para quem conhece a realidade da cidade.

A extrema-direita não se configura como um grupo homogêneo em ideias e atuações. Por exemplo, pode-se visualizar de maneira bem clara as distinções entre grupos supremacistas brancos e movimentos conservadores associados ao militarismo, como é o caso do Brasil. Contudo, esses grupos posicionam-se no campo político reconhecido pela defesa da violência contra "inimigos comuns" e discursos antidemocráticos.

No caso do neonazismo, como a própria denominação indica, existe a nítida tentativa de dar continuidade a um fenômeno característico do século XX, especificamente entre 1920 e 1945. Símbolos e discursos são ancorados nos princípios do hitlerismo, apesar de incorporarem novos inimigos, como é o caso do islâmico. Em Dresden, a extrema-direita expressa-se em movimentos islamofóbicos defensores da pureza da raça alemã.

Além disso, a imagem do extremista caricato (coturno, roupas pretas e cabeça raspada) não deve pautar todas as intepretações da realidade alemã, apesar de o discurso extremista ter ganho ares institucionais e conseguido espaço na política partidária da República. Como aponta Vinicius Liebel, o vácuo político existente na Alemanha possibilitou a ascensão do AfD (*Alternative für Deutschland*/Alternativa para a Alemanha).

Em 2013, diante desse contexto, é fundada a Alternative für Deutschland (AfD), um partido que se apresentava como uma opção que fugia à política tradicional da Alemanha e que se propunha conservador, liberal e nacionalista, colocando-se à direita da CDU e visando aos eleitores que sentiam que o partido da chanceler Angela Merkel havia perdido sua vocação conservadora, especialmente em alguns temas-chave, como a imigração e a economia doméstica e europeia (LIEBEL, 2020, p.109).

Por conta da integração dos refugiados, a Alemanha tornou-se palco dos grupos ditos "identitários". Michael Löwy, pensador brasileiro radicado na França, aponta a influência da globalização e de uma "homogeneização cultural forçada" (LÖWY, 2015). Segundo ele, os grupos que alegam ser defensores da "pureza racial" passaram pelo processo de *identity panics* (pânicos de identidade), quando o extremismo aparece como resposta às buscas por raízes nacionais.

Ainda na conceituação do extremismo, Löwy aponta três tipos de categorias para a extrema-direita atuante na Europa: partidos de caráter abertamente fascista/nazista,

partidos semifascistas e partidos de extrema-direita sem raízes fascista ou nazistas, mas que compartilham do discurso de ódio.

Grupos como Pegida e AfD tentam se desvencilhar das alcunhas de extremistas ou neonazistas, embora seu eleitorado e muitos dos seus membros integrem tais grupos. Em Dresden, as ações tornaram-se explícitas e impressionaram pelo número crescente de participantes nas manifestações anuais conhecidas como "marchas fúnebres de Dresden".

A capital da Saxônia pode resumir em muitos aspectos a trajetória alemã até a catástrofe nazista, assim como suas consequências no presente. Reconhecida como um dos grandes centros culturais da Europa, ela foi o último grande alvo dos Aliados no front ocidental, na operação *Thunderclap*.

A Royal Air Force britânica e a força aérea dos Estados Unidos articularam-se para impactar de maneira derradeira o moral da população alemã, mesmo com a guerra em seus capítulos finais. Não existiria respeito à realidade histórica se afirmássemos que a guerra ainda estava indefinida em 1945; os alemães já estavam derrotados e usavam crianças nas linhas de defesa em Berlim.

Entretanto, tal argumento não foi suficiente para interromper a vontade explícita de devastação defendida pelo comandante do comando de bombardeiros da RAF, Sir Arthur Harris. Marcado na História pela alcunha de "açougueiro", o oficial foi a principal mente por trás da transformação estratégica da força aérea inglesa durante a guerra.

Nos primeiros anos do conflito, a RAF era um braço de defesa e não possuía qualquer linha estratégica voltada para incursões nos territórios alemães. Enquanto isso, a *Luftwaffe*, liderada por Göring, arrasava a Europa central e a Polônia. Adotando a tática chamada de *blitzkrieg*, guerra relâmpago, a força aérea alemã sufocava as forças inimigas por terra, céu e mar, um verdadeiro rolo compressor.

As batalhas de Londres foram fundamentais para os rumos da guerra. Limitados por questões geográficas, os alemães investiram pesado na guerra aérea contra os ingleses. A *blitz*, como ficaram conhecidos os incessantes ataques a partir de 1940, passou a moldar o comportamento e a mentalidade dos britânicos: indivíduos que trabalhavam, confraternizavam e, à noite, dormiam nos túneis do metrô. Era a normalidade moldada em meio ao caos.

Os ataques aéreos tiveram reflexos tão visíveis socialmente que autores como Mark Clapson e, principalmente, Lyndsey Dodd, especialistas nos impactos dos bombardeios na memória social europeia, aprofundaram o conceito de *Blitz Spirit*. O espírito da *Blitz* diz respeito às impressões, ao comportamento a ao cotidiano influenciado pelas ruínas, mortes e dificuldades causadas pelas bombas.

O conceito foi utilizado até mesmo durante a pandemia de Covid-19 como sinônimo de luta e união nacional, rendendo críticas às comparações com a guerra, já que o conflito foi caracterizado por sacrifícios de vidas, algo inaceitável no contexto pandêmico. Portanto, é correto afirmar que a mentalidade britânica é influenciada até hoje pelos eventos dos bombardeios.

Não apenas o campo social fora influenciado pelas hostilidades alemãs, mas também a reorganização militar britânica em duas guerras. A criação da RAF teve como premissa os ataques germânicos no fim da Primeira Guerra, da mesma forma que a nomeação de Arthur Harris e a adoção do bombardeio de área foram respostas às bombas diuturnas nos céus de Londres.

Adepto da teoria *trenchadista* da RAF, a qual preconizava a ampla destruição do território inimigo visando a sua desmoralização, Harris defendia a necessidade de mudanças na força aérea. Era preciso causar impacto humano e estrutural, não destruir apenas fábricas, mas moradias, ruas, igrejas e todo tipo de edificação e vida na cidade atacada.

Foi essa mentalidade que moldou as principais operações dessa nova fase militar da Inglaterra. Colônia, Hamburgo, Berlim, Munique e Dresden foram alvos escolhidos por motivos diversos, mas que possuíram o mesmo fim: escombros e morte. Toneladas de bombas explosivas abriram espaço para tonéis abarrotados de material inflamável; era o terror pelas chamas.

Relatos orais desse período devem ser cuidadosamente analisados por conta das possíveis distorções para mais ou para menos. A entrevista com a senhora Elisabeth Wagner, nascida na Tchecoslováquia e testemunha de inúmeros fatos históricos no Leste europeu (a anexação do seu país⁶ por exemplo) oferece caminhos para o dimensionamento dos ataques a Dresden. As chamas causadas pelas bombas dos dias 13 e 14 de fevereiro podiam ser observadas, segundo a professora de inglês radicada no Brasil, "a 100km de distância":

⁶ Anexação dos Sudetos em 1938.

Não lembro bem, mas vimos os clarões das chamas. Estávamos a uns 100 km de distância de Dresden e os clarões eram vistos desta distância. Ao longo da guerra, sabíamos dos mísseis V1 e V2 lançados pela Alemanha. Nós ouvíamos as sirenes (reproduz o barulho), e os ingleses? Eles tiveram suas cidades destruídas. Portanto, quando aconteceu Dresden (o bombardeio), soubemos que era o acerto de contas. Não ficamos pensando: Oh, que absurdo! Era uma vingança, os alemães pediram isso e pagaram o preco.

(Elisabeth Wagner, transcrição de entrevista concedida ao autor em 28 de maio de 2020.)

Testemunhos semelhantes reproduziram-se aos montes, mas nem sempre foram ouvidos. O "pacto de silêncio", termo cunhado por Hermann Lübbe nos anos 1980, começara a ser desenvolvido dias após os ataques, fosse por questões coercitivas, visto que o aparato policial alemão persistia, ou pelo motivo do recalque, argumento defendido por W. G. Sebald, conhecido escritor alemão do pós-guerra.

Sebald entendia o silêncio como consequência direta da culpa⁷, sentimento generalizado de responsabilização que não ficou restrito aos tribunais internacionais e difundiu-se por todo o território alemão. Ao mesmo tempo, em meio ao silêncio, proliferou-se o negacionismo.

O caso de Dresden é emblemático pois representa o dilema moral que persiste até os dias atuais. Discute-se acerca da moralidade dos ataques, se foram justos ou não (Michael Walzer coloca Dresden no centro da discussão sobre "guerras justas" e "injustas") e sobre a construção do "mito da vítima". Nomes conhecidos do negacionismo histórico, como David Irving⁸, deram prosseguimento às primeiras instrumentalizações de Goebbels após o ataque.

Goebbels apontara que os ataques aliados a Dresden deviam ser configurados como terrorismo e crimes de guerra. Com estimativas manipuladas que acrescentaram números a mais na contagem dos mortos, o ministro da propaganda nazista divulgou para a imprensa a quantidade de 100.000 vidas perdidas no bombardeio (TAYLOR, 2004). Sabe-se hoje, a partir de análises demográficas anteriores às bombas, que cerca de 25.000 pessoas morreram.

Irving classificou a noite do dia 13 como o verdadeiro inferno e lançou mão da sua pseudo-história carregada de achismos e poucas fontes históricas. Seu livro A

⁸ Escritor britânico de História militar conhecido por ser um famoso negacionista do Holocausto.

_

⁷ Conceito analisado pelo filósofo alemão Karl Jaspers no seu livro *A questão da culpa* lançado em 1946. Jaspers observou a construção da culpa generalizada após os crimes nazistas serem julgados em Nuremberg.

destruição de Dresden (1963) integrou as indicações das principais obras sobre o assunto nas décadas posteriores ao fim do conflito. Adepto do negacionismo, muitas vezes erroneamente igualado ao revisionismo (ROLLEMBERG e CORDEIRO, 2020), Irving reforça a tese da verdadeira posição que supostamente Dresden deveria ser colocada: vítima.

A partir do silenciamento da população e de testemunhas e da instrumentalização desenfreada do regime soviético, que utilizava os ataques para difamar ingleses e estadunidenses na mídia, a cultura política de extrema-direita entendeu a oportunidade que surgia na Saxônia e não perdeu tempo para aproveitá-la (BERSTEIN, 2009).

Enquanto Huyssen (2000) refletiu sobre a aceleração do presente e o encurtamento do tempo histórico, o Leste alemão parecia funcionar em outra sintonia. O desejo memorialístico de Berlim não era visualizado em cidades como Dresden em pleno século XXI. Andar por Berlim é caminhar em meio à memória e às políticas públicas mnemônicas, algo que Huyssen concebeu como problemático e fruto de um furor memorialístico do presente.

Em Dresden, os museus são as próprias representações do silêncio. Conhecidos pela arquitetura exuberante, em seus interiores apresentam exposições generalistas que parecem temer o passado. Quando citam os ataques, o fazem de maneira superficial sem colocar o visitante na perspectiva de quem sofre, mas apenas de quem causa o sofrimento.

Parece inconcebível para o cidadão de Dresden e para o povo alemão, de forma geral, imaginar uma cidade nazista como vítima e não como algoz. É preciso lidar de maneira direta com a ideia de que é possível ser vítima com responsabilidades em meio ao nazismo, da mesma forma que é possível responsabilizar os aliados embora fossem o lado correto da guerra.

Os alemães definem o acerto de contas com o passado a partir da palavra Vergangenheitsbewältigung, "lidando com o passado" na tradução literal, (VESS-GULANI, 2008). Em Dresden esse acerto não ocorreu e os vácuos deixados por essa inatividade pavimentaram caminhos para que discussões necessárias fossem apropriadas por movimentos contrários à democracia.

As marchas do luto, iniciadas nos anos 2000, representam o tamanho do problema. Grupos de jovens nacionalistas, desde então, vão às ruas, naquela que já foi considerada a maior manifestação anual de neonazistas da Alemanha, e afirmam categoricamente que

as pessoas de Dresden eram vítimas moralmente inocentes e que o verdadeiro Holocausto acontecera ali, em plena Saxônia, pelas mãos dos Aliados.

Movimentos de contramanifestações oferecem os caminhos possíveis para combater esse avanço do neonazismo negacionista na Alemanha. O *Dresden Nazifrei*, organização antifascista dresdense, por exemplo, vai às ruas todos os anos para ocupar espaços que seriam utilizados para manifestações extremistas, dificultando o discurso de ódio, embora pontualmente.

Por fim, vale ressaltar a opção pela palavra "memórias", ou seja, no plural. Ao longo dos inúmeros debates envolvendo a pesquisa sobre a memória nas ciências humanas, diferentes perspectivas colocaram-na em um campo oposto à História. Maurice Hallbwachs (2017), formulou o conceito como elemento coesivo para indivíduos inseridos no corpo social. Utilizando Durkheim, Hallbwachs trilhou o caminho da memória sem conflitos.

No caso de Dresden, a leitura de Michael Pollack (1989) adquire mais sentido. Entendendo o conceito de Hallbwachs como problemático, por propor uma visão homogeneizadora da memória, Pollack defende a memória em disputa. Objeto de interesses políticos e ponto de embate nas narrativas sociais, a memória não caminha no sentido da estabilidade, mas sim do conflito.

Sendo assim, em Dresden não cabe apenas o estudo da memória hegemônica, mas sim das lacunas deixadas por ela e as apropriações desenvolvidas entre os grupos excluídos. Os excluídos são os principais sujeitos desta história, visto que as deturpações narrativas encontradas em Dresden ao longo dos anos partiram de indivíduos que não integravam a memória nacional, mas continuaram preservando sua memória subjetivas em relação a um passado traumático.

Desta forma, os capítulos dessa dissertação foram estruturados de maneira que esclareçam a construção da narrativa extremista. O capítulo 1 será completamente focado nas ações e reações à guerra aérea, partindo das ofensivas alemãs e chegando ao clímax dos ataques ingleses à Alemanha. No segundo capítulo, o leitor poderá visualizar de maneira mais detalhada a cidade de Dresden, compreendendo sua formação, desenvolvimento na guerra e colapso após os bombardeios.

As bombas determinam a ruptura com a guerra, no sentido estrito da palavra, e o início da guerra pelo passado. Enquanto a história dos bombardeios foi instrumentalizada

por Estados e indivíduos, a sociedade alemã permanecia em silêncio causado pela culpa. O capítulo 3 oferece uma conceituação teórica do negacionismo histórico e suas interferências na construção política da Alemanha. Por fim, o capítulo 4 trata da Alemanha reunificada "acertando contas" com o seu passado. Nesse ínterim, compreende-se a atuação de grupos extremistas e antifascistas em Dresden como a representação das discussões anteriores.

1. CAPÍTULO 1: DA DESTRUIÇÃO COLHE-SE O TRAUMA

1.1 TUDO COMEÇA POR WIELUN

Quando retornava de Munique, em 1938, Neville Chamberlain falou aos britânicos: as questões anglo-germânicas estavam resolvidas, Hitler não avançaria sobre a Polônia e os líderes europeus haviam conquistado a "paz para o nosso tempo". O discurso, que ficou marcado na História, traduzia a ilusão do Acordo de Munique, resultado da reunião de Hitler com Daladier (França), Chamberlain (Inglaterra) e Mussolini (Itália). Após a anexação dos sudetos tehecos, as principais lideranças da Europa reconheceram os avanços nazista (sem a participação da Tehecoslováquia) e se comprometeram com a manutenção da paz.

A ilusão durou pouco tempo, já que no ano seguinte a *blitzkrieg* varreu as defesas polonesas em poucas semanas, iniciando a Segunda Guerra Mundial. O sentimento de paz já não era realidade para muitos grupos na Alemanha e, agora, estendia-se rumo aos países vizinhos.

O horror causado pela guerra estava sendo ensaiado antes da sua eclosão. Pablo Picasso, um dos mais renomados pintores espanhóis, reproduziu em tela, em 1937, o massacre de Guernica. A cidade, localizada no País Basco, foi alvo dos bombardeios liderados pela *Luftwaffe*, força aérea alemã que lutou ao lado do franquismo e utilizou o conflito como laboratório de testes. O marechal nazista Wolfram Freiherr von Richthofen não fazia distinção entre civis e combatentes republicanos, apenas ordenava que a cidade fosse reduzida a escombros.

Os ataques alemães a Barcelona e Guernica durante a Guerra Civil Espanhola forneceram pequenos ensaios gerais para o massivo sofrimento infligido pelos nazistas às cidades europeias a partir de setembro de 1939. No primeiro dia daquele mês, a Operação Wasserkante foi lançada contra a capital polonesa, Varsóvia. A *Blitzkrieg* tinha começado, e com ela, a Segunda Guerra Mundial. A Luftwaffe entrou na guerra com mais de 4.300 aeronaves de combate e implantou mais de 1,5 milhão de militares durante a invasão da Polônia. (CLAPSON, p 78, 2019)

Em Wielun, Polônia, a lógica da destruição total foi repetida, desta vez, já no contexto da Segunda Guerra Mundial. "As sirenes de alarme me acordaram do sono profundo. No início, eu não sabia o que era. Saltei da cama, vi os meus pais na varanda. Minha mãe disse ao meu pai que provavelmente era um teste. Meu pai concordou, mas se admirou que fosse tão cedo", conta Jan Tyszler, nascido em 1933, em entrevista à *Deutsche Welle*9. Os ataques da força aérea alemã à cidade polonesa marcaram o início das atividades bélicas, em 1º de setembro de 1939.

O comandante deste primeiro ataque também foi Wolfram von Richthofen, membro de família com forte tradição em guerras e batalhas no ar. Seu primo, Manfred von Richthofen, o Barão Vermelho, foi considerado o maior ás da aviação alemã, recebendo todas as condecorações possíveis na Grande Guerra. Wielun fica a 200km de Varsóvia e a 20km da fronteira polonesa com a Alemanha e não possuía grande importância estratégica e, consequentemente, não tinha grandes defesas.

Por essas condições, Richthofen enxergou em Wielun a oportunidade perfeita para desenvolver novas táticas de bombardeios que seriam utilizadas de maneira repetida ao longo da guerra, o que viria a ser o bombardeio de área focava na incapacitação do inimigo, não apenas no clássico apoio às tropas terrestres. As baixas de civis eram parte do cálculo, pois o foco era a destruição total de estruturas e na capacidade de resposta do oponente. Os aviões eram mobilizados em grandes contingentes e despejavam suas bombas em largas áreas da cidade. Em Wielun, os números já anunciavam o que viria a seguir: "Em vários bombardeios entre 4h35 e 14h, foram destruídos 70% da cidade, e 1.200 dos 16 mil habitantes perderam a vida" (*Deutsche Welle*, 2019).

"Já com as primeiras bombas, fugimos para o quintal ao lado, onde meu pai, que era serralheiro, tinha uma oficina de mecânico. Ficamos lá, sentados, tremendo, na vala onde se checa os carros por baixo. À tarde, éramos os únicos que ainda tinham a casa em pé. Todos os outros prédios haviam virado ruínas." (Jan Tyszler, em entrevista à Deutsche Welle)

O ataque a Wielun foi o primeiro passo de algo maior: a destruição das principais cidades europeias. Londres, Roterdã, Berlim, Dresden e outras cidades no front do pacífico. Aviões foram planejados para executar ataques que tiveram suas justificativas

_

⁹https://www.dw.com/pt-br/ataque-a-wielun-marcou-in%C3%ADcio-da-2%C2%AA-guerra/a-50170493, acessado em 04/06/2021, às 13:45.

questionadas após a guerra. Afinal, civis foram mortos sem discriminação pela *Luftwaffe* e por forças aéreas aliadas.

Ao abrir os eventos referentes aos 75 anos dos bombardeios de Dresden, Frank-Walter Steinmeier, presidente da República Federal da Alemanha, não deixou de responsabilizar o nazismo pela catástrofe da guerra:

Cidadãos de Dresden, há alguns meses, no dia 1º de setembro, eu estive no mercado central na Polônia, junto com o presidente polonês. Escutados por muitos civis, lembramo-nos do bombardeio de 80 anos atrás. No mês de setembro de 1939, a força aérea alemã levou morte e destruição a Wielun sem qualquer aviso. Era uma insignificante cidade (militar e economicamente). Destruiu o mercado central, o centro histórico, matou nas primeiras horas de guerra 1.200 pessoas. As bombas foram os primeiros crimes cometidos na guerra pelos nazistas no mundo (na Segunda Guerra Mundial). As bombas foram percursoras da atrocidade alemã, conviçção de supremacia, racismo fanático e desejo de destruição. Seis anos de guerra com uma violência sem barreiras; mais de 50 milhões de mortos na Segunda Guerra; 6 milhões de judeus mortos, torturados nos campos de concentração, algo que lembramos há algumas semanas no Yad Vashem. O ataque à cidade de Wielun foi o prelúdio de uma brutal guerra de bombas, na qual os civis estavam no fogo cruzado. A Luftwaffe de um lado e as bombas britânicas e americanas do outro destruíram no caminho da guerra centenas de cidades ao redor do mundo.

(Discurso de Frank-Walter Steinmeier, em Dresden, 2020. Tradução minha)

Em 2019, 80 anos após o início da guerra, a visita do presidente alemão foi histórica, pois representou a primeira celebração de autoridades envolvidas na cidade polonesa. Geralmente, as celebrações ocorriam em Gdansk e na península de Westerplatte, mas ambas as regiões estavam no centro da disputa entre o PiS, partido governista de extrema-direita e a oposição liberal. Como consequência, tal reconhecimento de Wielun veio no momento oportuno para o governo polonês.

Ainda sobre o discurso, o posicionamento de Steinmeier buscou o equilíbrio entre o reconhecimento das atrocidades nazistas e a lembrança da destruição perpetrada pelas tropas aliadas. Abordar este tema em Dresden, nos 75 anos do bombardeio, não era simples formalidade, visto que é notória a instrumentalização do passado e o fato dos nazistas não terem sido os únicos a utilizarem bombardeios de civis como instrumento de terror.

1.2 O AVANÇO DA BLITZ

As intenções da máquina nazista enxergavam a invasão da Polônia como o primeiro passo para a conquista de toda a Europa, mesmo que fosse necessária sua

destruição completa. Limitado na Grande Guerra, o potencial da força aérea era explorado a partir das diferentes estratégias elaboradas pelos seus respectivos comandantes. Os alemães deram as cartas nos primeiros anos do conflito, com a Luftwaffe muito mais incisiva e preparada.

Os Junkers Ju 87, *Sturzkampfflugzeug*¹⁰, ocuparam grande espaço no imaginário da guerra. Popularmente chamados de *Stukas*, esses aviões faziam impressionantes mergulhos quando assumiam posição de ataque. O barulho das suas sirenes ocupou espaços na memória dos soldados, rendendo aos aviões o nome de *morte uivante*.

Seu domínio nos ares condiz com o domínio nazista nas ofensivas militares. Testados na Legião Condor, foram peças fundamentais nos já citados ataques às cidades espanholas durante a Guerra Civil espanhola. Na Segunda Guerra, os *Stukas* eram os braços aéreos da Blitzkrieg, a guerra relâmpago alemã que encurralou a Europa ocidental até 1942.

Em 1940, visando a anteceder uma invasão franco-inglesa, Hitler deu ordens para o início da operação *Weserübung*¹¹, a invasão da Noruega e Dinamarca. Os dinamarqueses renderam-se rapidamente, mas a Noruega organizou uma importante resistência aos alemães, principalmente no porto de Narvik, por onde passava o minério de ferro sueco. A campanha da Noruega utilizou a tradicional mobilização das tropas de terra, mar e ar. Duros bombardeios desenrolaram-se até a capitulação norueguesa (1940).

O momento era propício para o avanço, já que ingleses e franceses estavam inseridos na sua "guerra de mentira". A *phoney war*¹² ou *Sitzkireg*¹³ eram nomes dados à posição adotada pelos Aliados nos meses posteriores à declaração de guerra: organização de tropas e armas, mas nenhuma iniciativa. Enquanto isso, a militarizada Alemanha avançava como um rolo compressor pelo Ocidente.

Em Roterdã, Holanda, a linha do "aceitável" foi rompida até mesmo para autores simpáticos ao nazismo (CLAPSON, 2019). Outro ponto estratégico entre Alemanha e os Aliados, a Holanda foi invadida em maio de 1940, ano de grande expansão do Terceiro Reich. A ofensiva teve início com aviões da Luftwaffe avançando sobre o espaço aéreo holandês, mas dando a entender que iriam atacar a Inglaterra. Seu objetivo, entretanto,

¹³ Guerra sentada.

¹⁰ Bombardeiro de mergulho.

¹¹ Exercício Weser.

¹² Guerra falsa.

era conquistar a Holanda. Os números de tropas e veículos foi desproporcional, uma vez que o exército holandês era muito inferior ao germânico.

Roterdã, segunda maior cidade da Holanda, é o maior porto marítimo da Europa. Além da sua importância estratégica, a cidade colheu os frutos do século de ouro holandês, com grande avanço do comércio e da cultura. Durante a invasão de 1940, alemães e holandeses estavam em um impasse, com os primeiros exigindo a rendição do país invadido, que ousava resistir, mesmo com sua inferioridade numérica e derrotas contundentes em poucos dias. Como resposta, a *Blitz* germânica tomou os céus de Roterdã.

A incapacidade da força aérea holandesa era nítida e os bombardeiros alemães não possuíram grande resistência ao lançarem os artefatos. As bombas eram, supostamente, direcionadas a alvos militares e econômicos da cidade, mas acabaram destruindo tudo. O saldo do ataque foi de 20 mil edifícios incendiados e 78 mil pessoas desabrigadas (CLAPSON, 2019).

Enquanto franceses e ingleses articulavam-se para conflitos futuros, metade do continente acordava sob a sombra da suástica. A Blitz aérea nazista é geralmente reduzida ao período de ataques à Inglaterra, mas Lyndsey Dodd¹⁴ vê no fenômeno algo transnacional, o que ela classifica como *Blitz spirit*¹⁵. Os sentimentos gerados pelos bombardeios (perda, destruição e refúgio) não estavam restritos às fronteiras inglesas, mas sim vividos por franceses, holandês, noruegueses e todas as vítimas dos ataques da Luftwaffe.

Usando a história oral, ela fornece um relato muitas vezes emocional da devastação de casas, ruas, comunidades e famílias na região industrial ao redor de Lille, no nordeste da França. Ela também retrata o efeito sobre o indivíduo. Desde o final do século XX, a história social testemunhou um foco crescente no corpo como o *locus* da mudança histórica, e Dodd mostra como os corpos frágeis das crianças foram afetados pela natureza invasiva e cruel dos bombardeios, e fornece imagens vívidas de cadáveres distorcidos sendo retirado de locais bombardeados. Sua história oral se concentra na subjetividade: a maneira como seus respondentes orais vivenciaram, lembraram e processaram o que eles passaram.

(CLAPSON, p 81-82, 2019. Tradução minha)

_

¹⁴ Professora titular de História Europeia Moderna na Universidade de Huddersfield, com foco nos jovens em tempos de guerra.

¹⁵ Espírito da Blitz.

Notavelmente, os efeitos dos bombardeios ultrapassaram aspectos estruturais das cidades atingidas. Edifícios e moradias possuem sua importância, mas podem ser reconstruídos. Dodd dá luz aos elementos mais profundos e subjetivos, aqueles que acompanham os indivíduos mesmo após o fim do conflito. A destruição do espaço é acompanhada pela destruição da vida, as duas faces mais visíveis dos bombardeios. Todavia, os efeitos psicológicos são mais duradouros, assim como os impactos culturais, ambientais e sociais.

Por esses motivos, a guerra aérea também é um instrumento de terror, extrapolando a categoria de "estratégia de guerra". Pessoas constantemente bombardeadas convivem com o medo e apreensão, fatores que supostamente deveriam enfraquecer a "união sagrada do povo" e desestabilizar qualquer tipo de consenso social e político. Mesmo parecendo infalível, o script nem sempre era seguido dessa forma, e a reviravolta na guerra demonstra claramente isso.

Voltar para casa após os bombardeios era mais comum do que o imaginado. Muitos retornavam na esperança de encontrarem algo de pé, ou porque não conseguiam refúgio em cidades vizinhas. O espírito da *Blitz* tornou-se mais forte entre aqueles que viviam em meio à destruição, tomados por lembranças e pela realidade da qual ainda faziam parte.

'Encontrar uma casa intacta foi um alívio', depois disso, a vida continuou na monótona paisagem bombardeada. Caminhando por ruas antes conhecidas, Cécile viu "casas em ruínas, casas em ruínas, casas em ruínas. Tudo abaixo da rua - outra e outra. "Lucien também ilustrou tamanha descrença atordoada: "Agora era apenas um campo de ruínas. Todo o distrito destruído. Caminhamos por meses e meses em ruínas. Não havia nada para consertar." (CLAPSON, p 82, 2019. Tradução minha)

O convívio com os bombardeios não cessou em 1940. Os anos posteriores foram de escalada nas ofensivas aéreas. A Itália, ao declarar apoio à causa nazista, tornou-se alvo de ataques. Assim como a França, os italianos, mais tarde, conviveram com "ataques duplos", uma vez que Aliados e nazistas lançaram bombas em seu território. Derrotado em 1943, Mussolini foi preso nos montes Apeninos e resgatado por paraquedistas alemães na *Operazione Quercia*, ficando à frente do governo fantoche no Norte da Itália. A *República di Salò* dividiu o país entre Aliados e nazifascistas, dividindo também os ataques de ambos os lados.

Os efeitos das bombas foram sentidos por gerações em todos os países envolvidos em ataques. Narrativas orais, como as apontadas por Lindsey Dodd, expressaram a angústia do retorno à normalidade em meio aos escombros. O cenário de obliteração é o layout do pós-guerra que ambientou o crescimento de culturas políticas totalmente influenciadas por traumas do passado.

Como sobreviventes, aqueles que chegaram ao fim da guerra eram testemunhas da catástrofe. Anestesiados pelo trauma e, muitas vezes, inseridos em meios sociais contrários às políticas de memória, eles enveredavam pelo caminho do silêncio. A relação das destruições das bombas com o esquecimento é extremamente comum na esfera individual, coletiva e nas políticas de Estado, mas existem exceções.

Certamente, algumas cidades foram mais impactadas do que outras. Geralmente, regiões consideradas estratégicas ou centrais conviveram com a constância dos bombardeios, mas isso não significou imunidade às regiões teoricamente "menos estratégicas". Cidades como Coventry e Dresden serviram de exemplos para os dois lados da guerra, rendendo reações até hoje.

A ameaça constante dava combustível para a propaganda de guerra, a qual utilizava dos ataques inimigos para reforçar a união contra o invasor estrangeiro. Alguns aspectos dessa mentalidade acabaram fazendo parte do cotidiano de tal maneira que não foram abandonados com o fim da guerra. Foi o caso do espírito da *Blitz* entre os ingleses.

1.3 QUEM SEMEIA O VENTO COLHE FURAÇÃO

Os informes de Londres são horrendos. Uma fogueira de extensão inimaginável. A cidade está ficando parecida com um inferno. Já é possível identificar pequenos sinais de deterioração do moral. Por quanto tempo essa cidade de 8 milhões de habitantes irá resistir? Não temos exemplos que sirvam de parâmetro...a questão é: Londres pode ser posta de joelhos desse modo? Eu presumo que sim. Mas temos que esperar e atacar, atacar. (TAYLOR, 2004, p 132)

O trecho acima foi escrito no diário do ministro da propaganda, Joseph Goebbels. Durante os incessantes ataques aéreos a Londres, Goebbels entendia como inevitável o sucumbimento da Inglaterra perante a Luftwaffe. Mais importante que os números dos ataques eram os seus efeitos no moral inimigo, elemento que o ministro não deixou de anotar em seus relatos pessoais.

Após esmagar a França em algumas semanas e forçar a retirada desesperada de ingleses da praia de Dunquerque, a Alemanha entendia o momento como propício para

forçar a rendição unilateral inglesa. Para isso, esforços foram concentrados naquela que ficou marcada como a maior batalha aérea da História, tomando os céus ingleses diariamente.

Apesar de ser entendida como transnacional por Dodd, a *Blitz* alemã foi cunhada para tipificar essa batalha. A neutralização da sua principal rival na Europa ocidental era fundamental para prosseguir com a ruptura do Acordo Ribbentrop-Molotov¹⁶ e abrir o front do Leste. Certos aspectos foram determinantes para as decisões tomadas a seguir, mas o principal foi o fator geográfico. Invadir uma ilha requeria manobras anfibias, viáveis apenas com o controle do espaço aéreo, o que se tornou o objetivo das forças alemãs.

O plano traçado pelos estrategistas ingleses até 1940 era absolutamente defensivo. Enquanto os nazistas marchavam rumo ao Canal da Mancha, os ingleses organizavam suas tropas e equipamentos, já com olhos no ataque vindouro. A luta pela França foi inevitável, mas ineficaz, já que a "estranha derrota" (BLOCH, 1946) foi um episódio de humilhação, principalmente para os franceses.

Ainda sem imponência e financiamento, o Comando de Caça e o Comando de Bombardeiros, pertencentes à RAF (Royal Air Force), fizeram incursões em céus controlados por alemães. Alvos em Berlim foram atingidos, assim como refinarias em Roterdã e fábricas no território germânico. Aeródromos e linhas de produção da Luftwaffe estavam entre os principais objetivos de ataque.

Fábricas, especialmente aquelas ligadas à fabricação de aviões e ao fornecimento de seus suprimentos, foram atacadas em Bremen (Focke-Wulf), Gotha (Masserschmitt 110), Deichshausen (Junkers 52) e na Renânia, incluindo Colônia. Fábricas para produzir combustível artificial a partir de carvão, construídas a um alto custo pelo Reich para tornar seus exércitos e a força aérea independentes dos vulneráveis campos petrolíferos estrangeiros, também foram visadas, incluindo aquelas em Gelsenkirchen, no Ruhr, e as gigantes instalações em Leuna, perto de Halle, no centro da Alemanha, que receberam dez visitas da RAF de meados de junho a meados de agosto de 1940. (TAYLOR, 2004, p 129)

Uma gangorra é o que melhor define a relação entre as forças aéreas anglogermânicas na década de 1940. Os supracitados ataques ingleses geraram enorme constrangimento na alta-cúpula nazista, visto que a ideia da impenetrabilidade do território já não era mais verdadeira; o povo alemão visualizou a realidade do conflito.

_

¹⁶ Pacto de não-agressão firmado entre União Soviética e Alemanha.

Outrossim, os ataques também foram importantes justificativas para respostas mais duras e desproporcionais.

Em andamento desde julho de 1940, as batalhas aéreas na Grã-Bretanha entraram na sua versão mais violenta entre setembro e novembro do mesmo ano. As palavras de Goebbels datam de 11 de setembro, momento em que a *Blitz* já havia tomado forma e despejava toneladas de explosivos em importantes centros ingleses.

Equipada com novas ferramentas de localização, como o *X-Gerät*¹⁷, que possibilitava localizar os alvos e automatizar a mira dos aviões, a força aérea alemã mirou suas bombas no coração de Londres. Os resultados em números foram extremamente satisfatórios para o moral germânico, mas suas consequências seriam sentidas no decorrer do conflito. Os bombardeios influenciaram diretamente no comportamento da população inglesa nos tempos de guerra, adequando-se ao que já chamamos de *Blitz spirit*.

Os espetaculares resultados dos ataques aéreos contra cidades britânicas, em termos de danos e mortes, podem ter fortalecido o moral na Alemanha, temporariamente alarmado os inimigos do Reich e impressionado os espectadores neutros, mas em termos estritamente militares eles conseguiram muito pouco além de enfurecer a população britânica e provocar pedidos de ataques retaliatórios da RAF. (TAYLOR, 2004, p 130)

Na primeira noite da Blitz alemã em Londres, que teve início por East End, região histórica, cerca de 1.800 pessoas perderam suas vidas ou foram seriamente feridas (CLAPSON, 2019). Os aviões germânicos rasgavam os céus e revezavam-se ao despejarem suas cargas explosivas e incendiárias. Após as primeiras semanas de ataques constantes, 1.800 estradas foram destruídas e mais de 3 milhões de toneladas de entulho acumulavam-se nas ruas (CALPSON, 2019).

Testemunhos marcam as primeiras impressões de fatos dessa magnitude. Enquanto os bombardeiros ainda circulavam nos céus, cidadãos abandonavam seus abrigos e encontravam a nova realidade dos centros históricos, bairros operários e regiões econômicas importantes: escombros. Mas fazia parte do espírito de guerra continuar vivendo, mesmo que isso representasse desviar de ruas abertas, incêndios, corpos e bombas. O relato de um ciclista londrino, citado por Mark Clapson, expressa bem essa realidade:

¹⁷ "Ele funcionava como um sistema de feixes coordenados entrecruzados enviados de duas estações de transmissão costeiras, localizadas no lado francês do canal, uma em Cherbourg e a outra em Calais." (TAYLOR, 2004, p133)

Foi a visão mais incrível, impressionante e fascinante. Bem acima de mim estavam literalmente centenas de aviões, alemães! O céu estava cheio deles. Bombardeiros cercados com lutadores, como abelhas ao redor de sua rainha, como destruidores ao redor do navio de guerra. (In CLAPSON, 2019, p 41)

A Blitz alemã pode ser considerada um marco nos três primeiros anos de guerra. Além dos incessantes bombardeios, os alemães adaptaram seus ataques para causar impactos diversificados nas cidades inglesas. Diferentes estratégias foram pensadas para as incursões na ilha britânica, muitas delas extremamente questionadas por abandonarem alvos militares e adotarem alvos civis e culturais.

Blitz, a palavra alemã para "relâmpago", foi aplicada pela imprensa britânica à tempestade de pesados e frequentes bombardeios realizados sobre a Grã-Bretanha em 1940 e 1941. Esse bombardeio direto concentrado de alvos industriais e centros civis começou em 7 de setembro de 1940, com ataques pesados a Londres. A escala do ataque aumentou rapidamente. Só naquele mês, a Força Aérea Alemã jogou 5.300 toneladas de explosivos na capital em apenas 24 noites. Em seus esforços para "suavizar" a população britânica e destruir o moral antes da invasão planejada, os aviões alemães ampliaram seus alvos para incluir os principais portos costeiros e centros de produção e abastecimento (RICHARDS, 2011).

Essa mudança tornou-se comum no decorrer das batalhas e não ficou restrita a apenas um lado da guerra. Fábricas, estradas e centros comerciais ainda eram atacados, na verdade, eram os mais visados e, consequentemente, os mais defendidos. Todavia, os novos alvos eram os pontos históricos, turísticos e as cidades sem grande relevância militar e com grande concentração de civis.

O total descomprometimento com a cultura foi visível na chamada *Baedeker Blitz*, em 1942. O *Baedeker* era o famoso guia turístico alemão de cidades históricas do mundo. Colocar na linha de fogo cidades do guia turístico veio como represália aos ataques ingleses às cidades alemãs, como foi o caso de Lübeck, localizada no norte da Alemanha. Segundo o *Imperial War Museum*¹⁸, os ataques da RAF atingiram a *Altstadt* de Lübeck, o que corresponde à "cidade antiga", a parte histórica.

A *Baedeker Blitz* começou pela cidade de Exeter, deixando 80 mortos e dezenas de feridos. O centro comercial foi destruído, tal qual pequenas cidades vizinhas mais vulneráveis aos ataques aéreos. Wilfred Haines pintou a destruição da cidade de Bath, um ataque com maior proporção e número de mortos. Quatrocentas pessoas perderam suas vidas, as comunicações foram duramente afetadas e a linha férrea local foi destruída. O

¹⁸ IWM: https://www.iwm.org.uk/history/what-were-the-baedeker-raids, acessado em 11/06/2021, às 19:47.

pintor que retratou o ataque foi morto após a explosão de uma bomba voadora V1, em 1944.

Após Bath, foi a vez de Norwich, York e Canterbury. A primeira teve mais de duzentos mortos e a sua igreja de São Julião praticamente destruída. Em York, as bombas incendiárias causaram a maior parte dos danos e o número de mortos foi de 79 pessoas; estruturas medievais, como a *Guildhall*¹⁹ foram ao chão após as bombas. Canterbury viu suas escolas e estações de ônibus serem destruídas, assim como a vida de 45 pessoas (Imperial War Museum).

Iniciativas de ataques focadas em cidades afastadas dos grandes centros urbanos, menores e com população reduzida podem resultar em estimativas menores de baixas, mas são desproporcionalmente impactantes. São locais sem estruturas e estratégias de defesa bem elaboradas, os recursos eram majoritariamente destinados às cidades industriais e aos grandes centros urbanos. Contudo, estes "pequenos alvos" eram cidades com raízes medievais, estruturas centenárias e fortes expressões culturais.

Apesar dos ataques alemães em série, as lideranças britânicas ainda divergiam sobre a resposta que deveria ser adotada no contra-ataque. Entretanto, a operação *Mondscheinsonate*²⁰ definiu, em linhas gerais, quais seriam os rumos tomados pelos britânicos nos anos seguintes. Expandindo a mobilização dos seus bombardeiros, a *Luftwaffe* direcionou seus esforços para a cidade de Coventry, localizada na região de West Midlands, Reino Unido.

Coventry era uma bucólica cidade medieval, com importantes monumentos que ligavam o presente moderno ao passado cavaleiresco. A Idade Média representa um período de referência para o passado europeu. Países como Inglaterra e Alemanha buscam suas raízes históricas no homem medieval, momento em que a língua e costumes foram desenvolvidos de maneira mais clara.

Não é por menos que até hoje o folclore de ambos os países seja repleto de cânticos e mitos com referências medievais. O regime nacional-socialista enxergava no passado medieval as glórias merecidas do povo germânico. Essa busca da glória do medievo moldava discursos, políticas e estética, como foi o caso da escrita inspirada em letras góticas.

_

¹⁹ Estrutura onde os membros da guilda encontravam-se no período medieval.

 $^{^{20}}$ Sonata ao lunar.

Hagen von Tronje, vassalo do rei Gunther, dos burgúndios, leva 144 carros cheios de ouro, de Worms, sede do reino, até um lugar desconhecido no rio Reno. Trata-se do tesouro do lendário rei Nibelungo, de que Hagen se apoderara após assassinar o matador de dragões e herói Siegfried. Então – segundo narra a Canção dos Nibelungos, o primeiro épico heroico germânico – Hagen submerge o ouro no Reno. (Lenda dos Nibelungos, escrita no século XIII, autor desconhecido. DW, 2013²¹)

Em Coventry, Inglaterra, a relação com a cultura não era diferente. Com sua população de 320 mil habitantes à época, é considerada milenar. Durante muito tempo, sua principal atividade comercial foi a lã, mas isso mudou no século XX, devido à queda da atividade e à ascensão das indústrias leves e engenharia: bicicletas, carros, motores de avião e munições (TAYLOR, 2004).

No centro da cidade estava localizado o principal motivo de Coventry não ser uma "town" e, sim, uma "city²²": a catedral gótica São Miguel. Com suas referências culturais aos primeiros reis anglo-saxões, possuía fábricas de pequeno e médio portes, mas os ataques alemães ainda não tinham causado impactos de relevância.

A "sonata ao lunar" alemã mudou a relação de Coventry com a guerra aérea, levando a comentários internacionais e relatos de indivíduos que se envolveram ainda mais com a guerra, caso de Sir Arthur Harris, comandante/chefe militar do comando de bombardeiros britânico. Utilizando suas novas táticas e armas de ataque, os alemães foram dispostos a causar o maior estrago possível. Três elementos mostraram-se determinantes para as proporções do ataque: o aparelho *X-Gerät*, as fagulhas de dissuasão e as bombas incendiárias.

O primeiro possibilitava a precisão dos ataques, facilitando a destruição do alvo, ainda que os números de bombas já fossem suficientes para isso. As fagulhas também eram inovações, visavam a confundir as defesas antiaéreas inglesas e seriam aprimoradas por eles no decorrer dos ataques. Consistiam na mistura de fosfato que liberava fagulhas ao cair; os ingleses, nos ataques à Alemanha, utilizaram placas de alumínio. Por fim, as bombas incendiárias traziam o caos completo após as explosões. Barris contendo magnésio e petróleo explodiam, iniciando incêndios por toda parte.

-

Tesouro dos Nibelungos: https://www.dw.com/pt-br/tesouro-dos-nibelungos-lenda-e-parte-da-hist%C3%B3ria-da-alemanha/a-17036988, acessado em 15/06/2021, Às 14:07.

²² "No Reino Unido, há uma distinção entre city e town, sendo que esta é menor do que a primeira. Para ganhar o status oficial de city, um dos requisitos necessários a uma town é ter uma catedral." (TAYLOR, 2004).

Às 19h30, após os cilindros com fósforo terem sido jogados para marcar o alvo, a primeira onda da principal frota de bombardeiros chegou. Em pouco tempo, era hora de acrescentar as bombas de alto explosivo à fórmula. Estas foram utilizadas para destruir as redes de água, luz e telefonia. Depois, a ferrovia. As enormes crateras nas estradas e ruas também dificultariam o acesso dos carros de bombeiros até o centro da cidade quando o estágio seguinte viesse. Durante uma hora, uma sucessão de bombardeiros sobrevoou o céu, incansavelmente despejando bombas incendiárias (do tipo comum, de magnésio e petróleo) sobre o vasto incêndio que consumia Coventry. (TAYLOR, p135, 2004)

Os ataques de novembro de 1940 visavam, supostamente, à região fabril de Coventry. Mas, o que se viu foi a destruição do espaço físico e da vida humana, a destruição sem igual que cobraria seu preço nos anos finais da segunda guerra. Na prática, os alemães conseguiram desenvolver a chamada "tempestade de fogo", mesclando bombas explosivas com artefatos incendiários.

As primeiras bombas eram lançadas para destruir telhados, janelas e portas, criando correntes de vento. Logo em seguida, os barris de magnésio e petróleo eram jogados, causando inúmeros focos de incêndio. Nesse ínterim, as estradas destruídas dificultavam a ação dos bombeiros, facilitando a propagação dos incêndios. O ar ficava extremamente quente e todo o oxigênio era consumido; quem não morria queimado era asfixiado. No centro da cidade formou-se um verdadeiro tornado de fogo, sugando tudo para o seu núcleo. Era a tática perfeita.

Quase 60 mil edificações foram destruídas ou danificadas nessa noite, 40 hectares da área construída de Coventry. Ao todo, os alemães lançaram quinhentas toneladas de altos explosivos, 30 mil bombas incendiárias, cinquenta minas terrestres com paraquedas (uma grande caixa metálica que caía lenta e silenciosamente e explodia acima do nível do solo) e vinte minas incendiárias de petróleo. Tratava-se de um novo nível de aniquilação. Os alemães inventaram uma expressão alegre e jocosa para o que acontecera; a partir daí se diria de qualquer cidade que sofresse um grau de destruição similar que ela havia sido *coventriert* – "coventrada". (TAYLOR, p 137, 2014)

Mesmo com toda a sua eficiência, os ataques a Coventry não causaram números exponenciais de mortos, ficando aquém quando comparados com Roterdã e Varsóvia. As respostas das brigadas de incêndio, mesmo que dificultadas pela tática alemã, e os intervalos entre os ataques foram fundamentais para reduzir o impacto humano da catástrofe. Ao todo, 568 civis perderam suas vidas ao fim da "Sonata ao lunar".

Igualmente inaceitável pelos ingleses foi o ataque à *City* de Londres em 29 de dezembro de 1940. Considerado o coração histórico da cidade, o local era caracterizado

pelas estruturas medievais, prédios antigos com portas trancadas e suas pomposas igrejas. Para mensurar a importância da região, foi ali que relevantes obras de Shakespeare foram impressas pela primeira vez. Os focos de incêndio alastraram-se pela cidade velha, mas não chegaram a compor uma tempestade de fogo.

As imagens da destruição de Coventry ficaram marcadas nas memórias das suas testemunhas e nas narrativas dos seus descendentes. Memória coletiva e trauma são elementos que a psicanálise entende como associados: "As catástrofes e as experiências extremas vividas e sofridas pelos homens durante o século XX fizeram do trauma a marca desse século." (BOHLEBER, 2007).

Nos anos seguintes, os ataques a Coventry voltaram ao centro do debate público. Após as publicações de livros sobre o "Enigma", máquina inglesa que quebrava os códigos nazistas durante a guerra, historiadores e parcelas da sociedade inglesa passaram a endossar a ideia de que Churchill estava ciente do ataque e não movimentou as defesas para não comprometer a quebra dos códigos.

Distorções como essa podem ser observadas até hoje no tocante ao período entre 1939 e 1945. No caso de Churchill, o "Enigma" ainda estava em desenvolvimento e não existia qualquer informação concreta apontado Coventry como alvo direto da Luftwaffe. Mesmo não sendo conivente com o ataque alemão, tese de quem afirma seu conhecimento prévio da investida inimiga, o primeiro-ministro inglês foi rápido na instrumentalização das diárias bombas que assolavam a Inglaterra.

A *Blitz* deixou de ser apenas a nomenclatura da tática bélica alemã e passou a definir o comportamento social inglês antes, durante e depois dos ataques. Explorando a lógica da luta pela sobrevivência, a população deveria encarar os bombardeios como mais uma adversidade a ser vencida, mantendo sempre em vista a necessidade de o país continuar funcionando. Mesmo com bombardeios diuturnos, o povo deveria continuar trabalhando, vivendo e apoiando o seu governo. Sendo assim, a *Blitz* virou elemento catalisador da união sagrada, grande consenso nacional pela vitória na guerra, e do contrataque sem qualquer tipo de preocupação/limite moral.

Esse espírito de resiliência e resistência foi aglutinado pela sociedade e pelos políticos ingleses. Em tempos de conflito, crises ou, até mesmo, pandemias, o espírito da *Blitz* é convocado. O povo que resistiu aos bombardeios nazistas deve manter a união em qualquer tipo de adversidade. O discurso é extremamente ufanista e vazio para aplicações

contemporâneas, como foi o caso da pandemia de Covid-19, em que políticos ingleses fizeram referências à Blitz em um contexto completamente diferente e com necessidades específicas que se diferenciam da guerra.

Contudo, esses usos do passado explicitam o papel de destaque das bombas na memória inglesa. Afinal, qual seria o motivo de resgatá-las constantemente ao longo de 70 anos? Utilizar a destruição de Londres e o comportamento da sua população durante eles é a maneira heroica de embasar novos caminhos ante a adversidades presentes. O mesmo heroísmo serviu de pretexto nos meses após o ataque, visto que a integridade e a honra britânicas deveriam ser defendidas.

A Grã-Bretanha na posição de vítima, Estado com sua soberania violada e povo massacrado pelo invasor nazista são todas afirmações bem conhecidas. Porém, de que forma essa realidade serviu para catapultar ataques que se desenharam da mesma maneira, só que em território alemão? Além disso, podemos utilizar conceitos como "vítimas" em um Estado totalitário, genocida e diretamente responsável pela guerra? Todo tipo de ataque é justificável, caso a segunda questão seja negativa? Perguntas do tipo não precisaram ser feitas no contra-ataque inglês, mas foram levantadas quando a destruição já estava consumada.

O presidente alemão, Steinmeier, no seu já citado discurso "75 anos dos bombardeios de Dresden", não esqueceu das cidades inglesas. Sempre buscando o caminho da rememoração, Steinmeier caminhou entre as principais narrativas presentes nas discussões mnemônicas na Alemanha: 1) os que enxergam o Estado alemão como único responsável pelas mortes e destruição; 2) os que enxergam crimes de guerra nos ataques aliados.

Os dois pontos serão aprofundados nos capítulos vindouros, mas o posicionamento do político alemão configura a importante "terceira via" adotada pelo establishment germânico: devemos lembrar das nossas responsabilidades, mas sem esquecer nossas vítimas. Cidades atacadas pelos Aliados também foram tomadas pelo trauma coletivo, mas suas vozes foram caladas. O peso do nacional-socialismo serviu de mordaça aos testemunhos e políticas de memória.

Citar Coventry demonstra preocupação com o negacionismo e ressalta a responsabilidade alemã. Steinmeier foi amplamente elogiado²³; analistas interpretaram sua fala como o grande exemplo de assertividade contra o negacionismo e posicionamento em relação ao passado autoritário. É a grande tarefa da democracia germânica: se afastar do nazismo sem esquecer os seus atos. Para os ingleses, deve-se construir o trabalho de responsabilização.

Partindo de Wielun, passando por Varsóvia, Roterdã, Londres, Coventry, Hamburgo, Colônia e, por fim, chegando a Dresden. Foi esse o caminho trilhado por Walter Steinmeier e será o mesmo seguido por este trabalho com sua devida profundidade. A perspectiva adotada pelo político é clara: os primeiros a lançarem bombas fomos nós, depois, pagamos o preço por isso. A Alemanha fez sofrer, sofreu e não estava só.

Não foi só em Dresden que ouvimos algo assim (relatos de sobreviventes), mas em muitas cidades da Alemanha que sofreram com isso durante a guerra. Hamburgo, Hannover, Berlim etc. Nós ouvimos palavras similares em países ocupados, cidades da Europa destruídas pela Alemanha, Varsóvia, Roterdã, Coventry, Liverpool, Leningrado, e outras muitas. E nós ouvimos essas vozes de Guernica, cidade basca da Espanha atacada pelos alemães em 1937. Em Wielun, uma cidade de 5000 habitantes (...) que foi literalmente reduzida a nada, você ainda pode ver as marcas do bombardeio nas ruas. E esse cinismo desdenhoso com a vida humana que se levou ao desastre, fotos históricas são testemunhas da escala de devastação que nos lembram do que foi perdido para sempre nas nossas cidades, nos dão um senso da extensão do trabalho feito principalmente por mulheres depois do fim da guerra. (STEINMEIER, discurso "75 anos dos bombardeios de Dresden", 2020. Tradução minha)

Do lado inglês, os ataques à Alemanha foram vistos pelo prisma da vítima que contra-ataca. Era a resposta com exageros, o que não necessariamente representa o reconhecimento de alcunhas dadas aos Aliados no pós-guerra: criminosos de guerra e genocidas. Figuras centrais das estratégias de bombardeios foram responsabilizadas pelos "excessos", mas carregavam, durante o conflito, os anseios por vingança do seu povo.

Determinadas narrativas foram fundamentais para a compreensão da guinada bélica inglesa na guerra, com a adoção de maiores incentivos econômicos ao comando de bombardeiros. Da mesma maneira que a memória coletiva foi construída a partir dos ataques a Londres e cidades vizinhas, os discursos políticos também adotaram tom mais

²³ "Opinião: presidente alemão acerta ao discursar sobre Dresden": https://www.dw.com/pt-br/opini%C3%A3o-presidente-alem%C3%A3o-acerta-ao-discursar-sobre-dresden/a-52381363, acessado em 17/06, às 15:39.

inflamado e assertivo acerca das incursões em cidades alemães. Figura central dessa mudança, Sir Arthur Harris foi testemunha das várias viagens ofensivas dos alemães à *city* de Londres:

Eu observei a cidade velha em chamas do telhado do Ministério do Ar, com St. Paul se destacando em meio a um oceano de fogo – uma visão inacreditável. Podiam-se ouvir os bombardeiros alemães chegando em sucessão e o barulho das incendiárias zunindo até o fogo embaixo. Foi um ataque bem concentrado... a Blitz me pareceu uma visão inimaginável e desci as escadas para buscar Portal [chefe do estado-maior aéreo] em seu gabinete para olhar. Embora eu tenha frequentemente recebido a acusação de ser vingativo durante nossa subsequente destruição das cidades alemãs, esta foi a única ocasião em que me senti vingativo...Tendo em mente o que estava sendo feito na época para produzirmos bombardeios pesados na Grã-Bretanha, eu disse em voz alta ao darmos as costas à cena: 'Bom, eles estão semeando o vento'. Portal também fez um comentário no mesmo sentido, de que o inimigo receberia troco igual ou maior. (TAYLOR, p 141, 2004)

Após passarem pelo ano de 1940 convivendo com os ataques frequentes da Alemanha, os ingleses, representados pelo seu primeiro-ministro Winston Churchill, decidiram que era hora de dar as cartas, ao menos no conflito aéreo. O alto-comando inglês tinha ciência da impossibilidade de manter a guerra defensiva durante muito tempo, por isso, era preciso ir ao coração do inimigo, atacar a Alemanha.

Para tal iniciativa, um homem foi escolhido como o mais preparado: Arthur Trevers Harris, futuramente conhecido pelo apelido de "*Bomber*" Harris²⁴. Ele deixou claro: os alemães semearam o vento, agora colheriam o furação (HASTINGS, 1979). Os caminhos adotados pelos ingleses eram semelhantes ao dos alemães: bombardeio em larga escala, sem distinção entre civis e militares.

A destruição pela destruição com o objetivo final de abalar o moral inimigo, suas estruturas e o apoio da população. Objetivo não alcançado pelos alemães após a *Blitz*, que foi objeto político para união na guerra, mas defendido por Harris e pelo seu Comando de Bombardeiros, grupo responsável pelas ações mais polêmicas dos ingleses em toda a guerra.

1.4 "BOMBER HARRIS" E O COMANDO DE BOMBARDEIROS

É improvável que qualquer terrorismo da população civil que pudesse ser alcançado por um ataque aéreo obrigasse o governo de uma grande nação a se render. A familiaridade com o bombardeio, um bom sistema de abrigos ou abrigos, um forte controle por parte das autoridades policiais e militares, devem ser suficientes para preservar o espírito de luta nacional intacto. No nosso caso, vimos o espírito combativo do povo estimulado, e não

-

²⁴ Bombardeiro Harris.

sufocado, pelos ataques aéreos alemães. Nada do que aprendemos sobre a capacidade da população alemã de suportar o sofrimento nos justifica supor que eles poderiam ser intimidados à submissão por tais métodos, ou, de fato, que não seriam tornados mais desesperadamente resolvidos por eles. Portanto, nossa ofensiva aérea deve consistentemente ser direcionada para atacar as bases e comunicações de cuja estrutura depende o poder de combate de seus exércitos e suas frotas marítimas e aéreas. Qualquer dano causado à população civil por esse processo de ataque deve ser considerado acidental e inevitável. Mas a preliminar indispensável para todos os resultados no ar, como em todas as outras esferas da guerra, é derrotar as forças armadas do inimigo. (HASTINGS, p 48, 1979. Nota de Churchill em 1917. Tradução minha)

As palavras acima são significativas quando observadas à luz do seu contexto. Winston Churchill, então ministro de munições, posicionava-se sobre as táticas adotadas pela nova força militar do século XX: a aeronáutica. Escrito em 1917, o texto do futuro primeiro-ministro levantava questões pertinentes envolvendo os bombardeios. Anos depois, já na posição de comando, Churchill continuava com suas convicções, mas se tornou relutante após a *Blitz* alemã na Inglaterra.

Ao falar de terrorismo civil, o ministro buscava caminhos para contradizer a lógica dos bombardeios de área, já defendidos por militares no período entreguerras. Ele possuía ciência da capacidade destrutiva dos ataques pelo ar, mas não acreditava no impacto a longo prazo, principalmente quando o objetivo era afetar o moral do inimigo. Exemplificando com o próprio país, Churchill enxergava as bombas como elementos de possível coesão e não de cisão.

Termos como "espírito combativo" e "luta nacional" estavam presentes na observação do político britânico. Para ele, uma nação envolvida na guerra utiliza das dificuldades impostas pelos inimigos para reforçar seu apoio/suas forças. O povo constantemente atacado não sucumbiria, mas fomentaria a unidade a partir da resistência ao inimigo. Sendo assim, o foco devia ser fábricas e outros alvos de relevância econômica e militar.

Churchill possuía outra preocupação, também apontada na nota de 1917. As mortes de civis não deveriam ser os objetivos preliminares dos ataques, mas fatalidades causadas pela ineficiência das defesas inimigas. Bombas lançadas em regiões industriais deveriam focar em destruir indústrias. Quaisquer mortes causadas pelas explosões seriam "acidentais e inevitáveis". Logo, a responsabilização moral dos ataques e das mortes seria reduzida e transferida à incapacidade de terceiros.

Discussões sobre a moralidade dos ataques ganharam força no decorrer da Segunda Guerra e serão discutidas adiante. Diferentemente das chamadas armas não convencionais, os bombardeios não possuem restrições bem definidas até hoje, trazendo à contemporaneidade um debate que divide opiniões: quais são os limites de um ataque aéreo?

A opinião do ministro estava explícita e acabou sendo semelhante às visões do alto-comando britânico. Transformações nas perspectivas de guerra surgiram como respostas às ofensivas do inimigo e ao desejo de respostas eficientes da população atacada. O contra-ataque de 1940 representava a contradição de Churchill anos depois, mas significava a concretização do desejo de figuras essenciais na criação da RAF e do próprio Comando de Bombardeiros.

O envio dos históricos *Lancasters* à Alemanha nazista, com o propósito de causar o terror, era exatamente tudo aquilo que o primeiro-ministro dizia ser contra. Operações como a Gomorra²⁵ e *Thunderclap*²⁶ não tinham como alvos apenas áreas industriais, mas cidades vultosas em diferentes sentidos para o inimigo alemão. As bombas não caíam apenas em fábricas ou em instalações militares, destruíam edificações históricas como igrejas, teatros e milhares de vidas civis.

Poderia parecer profético, mas Churchill já conhecia a capacidade das bombas. Testemunha da Primeira Guerra Mundial, ele pôde compreender as possibilidades de usos do avião com os bombardeios germânicos no fim da guerra. Em 1940 ele teve a comprovação de pelo menos um argumento: o moral não é necessariamente afetado pelos bombardeios. A união pelas bombas, a *blitz spirit*, confirmava os argumentos levantados havia 23 anos. Os britânicos não pereceram, eles exigiram uma resposta à altura.

A réplica britânica foi personificada em Arthur Harris, o já citado líder do Comando de Bombardeiros da RAF. Harris era o idealizador daquela guinada na guerra, mas outros nomes o antecederam na construção da aeronáutica britânica e possibilitaram a sua ação na década de 1940. Nomes como Charles Portal e Hugh Trenchard foram essenciais na configuração da terceira força armada e na destinação de recursos que possibilitaram o seu desenvolvimento.

31

²⁵ Operação Gomorra foi o ataque de saturação à cidade de Hamburgo, segunda maior cidade da Alemanha. A saturação ocorre quando as defesas da nação atacada não conseguem responder aos ataques inimigos. Bombas lançadas em números exorbitantes, centenas de aviões, incêndios em toda parte são táticas de saturação das defesas.

²⁶ Operação Thunderclap foi o ataque de saturação à cidade de Dresden, objeto principal deste estudo.

Criada em 1918, a *Royal Air Force* (Força Aérea Real) surgiu a partir da fusão de dois corpos: o Royal Flying Corps²⁷ e o Royal Navy Air Service²⁸. Curiosamente, a união das duas forças aéreas teve uma grande influência alemã. Fabricado pela *Gothaer Waggonfabrik*, notável empresa do setor aeroviário e ferroviário, o Gotha G.V era a principal máquina utilizada pela *Luftstreitkräfte*, força aérea do Império alemão que antecedeu à *Luftwaffe*. O Gotha G.V era o seu bombardeiro pesado e noturno, extremamente eficaz quando a guerra adotava novos armamentos para quebrar com os impasses das trincheiras na Grande Guerra.

Em 1917, esses aviões germânicos entraram nos céus da Inglaterra e impuseram um significativo revés. Encarar o impacto dos bombardeios de então, comparando-o com a realidade de 1940 é um erro e recai em anacronismo, visto que as condições técnicas eram outras. Os anos entre as duas guerras foram de extremo avanço, o que explica a discrepância tecnológica dos dois momentos.

Nas proporções da época, o ataque gerou discursos e sentimentos de calamidade. Era inaceitável que aviões carregando bombas destruíssem cidades inglesas, ainda mais sendo dos *boches*²⁹. Cidades como Kent e Essex foram alvos dos alemães; sua população teve contato com imagens que seriam mais comuns em anos vindouros. David E. Omissi, historiador britânico especialista em Imperialismo, em *Air power and colonial control* (1990), escreve sobre as reações desse ataque em 1917:

Os ataques contra Londres na primavera e verão de 1917 causaram pânico entre a população e raiva contra o governo que foi culpado pelo fracasso da defesa aérea britânica. O primeiro ataque de Gotha atingiu o centro de Londres em plena luz do dia, sem oposição e em formação perfeita, em 13 de junho. Deixou quase 600 civis mortos e feridos em seu rastro. Embora essas perdas tenham sido pequenas em comparação com aquelas causadas por bombardeios durante a Segunda Guerra Mundial, a nova forma do ataque causou grande medo. Os londrinos começaram a ficar longe do trabalho e lotado para se abrigar nas estações subterrâneas e túneis. As defesas aéreas do continente britânico foram derrubadas no início de 1917, pois as armas e aeronaves eram urgentemente necessárias em outro lugar. O fogo defensivo de formações de bombardeiros era muitas vezes fatal para caças solitários e não havia meios eficazes de direcionar interceptores para as máquinas invasoras (OMISSI, p 7, 1990. Tradução minha.).

Decerto, os ataques ficaram na memória e afetaram o comportamento da população britânica, principalmente entre os londrinos. Reações, como as citadas por

_

²⁷ Responsável pelos combates aéreos na Primeira Guerra Mundial.

²⁸ Serviço aéreo ligado à Marinha.

²⁹ Termo francês que se popularizou durante a Primeira Guerra Mundial, usado para designar os alemães.

Omissi, demonstram o conhecimento de que novos ataques poderiam acontecer a qualquer momento. Acusado de ineficiente, o governo britânico precisou responder e mobilizar formas de defesa contra a já estruturada força alemã.

Uma investigação foi aberta para descobrir os motivos da ineficiência das medidas de defesa. Sua conclusão apontou para responsabilidades humanas, no que concernia à estratégia e a responsabilidades técnicas. O fato era que as forças anglo-germânicas estavam em proporções diferentes. Era preciso igualá-las às forças alemães.

Não é, entretanto, necessário que uma força aérea, para derrotar a nação inimiga, derrote suas forças armadas primeiro. O poder aéreo pode dispensar essa etapa intermediária, pode passar por cima das marinhas e exércitos inimigos e penetrar nas defesas aéreas e atacar diretamente os centros de produção, transporte e comunicação a partir dos quais o esforço de guerra inimigo é mantido. O lado mais forte, ao desenvolver a ofensiva mais poderosa, provocará em seu inimigo mais fraco apelos cada vez mais insistentes para o emprego protetor de aeronaves. Desta forma, ele colocará o inimigo na defensiva e será desta forma que a superioridade aérea será obtida, e não pela destruição direta das forças aéreas. (HASTINGS, p 40, 1979. Discurso de Trenchard em 1928. Tradução minha.)

Surgiu então a necessidade de fundir duas forças que deveriam atuar com a mesma finalidade, já que sua divisão foi apontada como uma das causas do fracasso. Mesmo com solenidade demonstrada, a aeronáutica demorou alguns anos para ser configurada como força independente e atuante. Limitada, ela era vista como o braço aéreo da Marinha, possuindo recursos igualmente restritos pela falta de autonomia.

Necessitando fazer frente à ameaça da guerra e a incursões estrangeiras, o governo britânico levou adiante a criação da RAF, apesar das controvérsias daqueles que desejavam manter a ordem da estrutura militar. Surgia, portanto, a terceira força militar da Inglaterra: a Aeronáutica.

Verdade seja dita: a RAF foi criada no ano derradeiro da guerra e não teve muito tempo para demonstrar sua utilidade no campo de batalha europeu. O armistício de 1918 acabava com a principal função prevista na sua criação. Idealizada como força de defesa, ela não possuía mais inimigos que ameaçassem seu espaço aéreo, logo, sua existência fora questionada.

Os questionamentos eram reproduzidos no orçamento destinado às forças armadas britânicas. Trenchard, o principal defensor e idealizador de uma força aérea autônoma em relação às demais, lutava pelo aumento dos recursos destinados à aeronáutica. Entre 1920 e 1938, a RAF teve acesso a apenas 17% do já limitado orçamento de defesa do Império britânico (HASTINGS, 1978). Era preciso comprovar a utilidade da guerra aérea, uma

vez que sua eficácia não era consenso e a possibilidade de aviões substituírem homens era vista como inconcebível.

Engana-se quem imagina os anos entreguerras como pacíficos e sem movimentações bélicas. Após a vitória na guerra, o Império britânico voltou suas atenções para as fronteiras coloniais na África e na Ásia. O desenvolvimento do Imperialismo está diretamente ligado ao avanço tecnológico promovido pela Revolução Industrial. No século XX, os territórios já estavam conquistados e o objetivo era a sua manutenção, assim como o sufocamento de possíveis revoltas coloniais.

O projeto do Imperialismo esteve ligado ao avanço da Marinha, não à toa, os britânicos possuíam a mais poderosa força naval e o Império mais vasto do planeta. Todavia, garantir o domínio da *hinterland*³⁰ dependia de recursos e estratégia. A RAF teve sua relevância comprovada na garantia da ordem imperial, colocando em prática bombardeios e incursões em territórios ocupados.

Pode-se concluir que grande parte da prática aérea militar britânica ocorreu na manutenção de posses coloniais e no aprofundamento das raízes do Imperialismo em diversas partes do globo. Durante os anos de questionamentos e incertezas, a RAF levou a cabo ataques ao Iraque, à Somalilândia, a Constantinopla e a outros territórios dominados ou não pelo Império britânico.

Tal como nos ataques alemães na Primeira Guerra, os ingleses colocaram-se em uma situação desproporcional de força, mas desta vez pendendo para o seu lado. Os protetorados e colônias não possuíam qualquer maneira de equiparar suas defesas com os bombardeios do poderoso Império que os controlava. Sua saída foi adotar estratégias de proteção para minimizar os danos e as mortes, mas sabendo que os aviões dificultavam as perspectivas de liberdade.

Mesmo servindo como treinamento e justificativa para a utilidade da Aeronáutica, os patrulhamentos de territórios coloniais não asseguravam investimentos à altura das expectativas da RAF. A Marinha e o Exército continuavam como prioridade, já que no contexto marcado por incertezas, os ingleses adotaram respostas tradicionais.

O clima político da Alemanha influenciou novos debates acerca das três forças militares britânicas. A ascensão meteórica de Adolf Hitler e seus discursos explicitamente

_

³⁰ O interior do território.

bélicos ligavam o sinal de alerta nos observadores internacionais. Mesmo com a adoção do pacifismo, representado pelo citado Neville Chamberlain, o Parlamento debatia orçamentos condizentes com a tensão continental.

Não há como falar de paz absoluta após 1918, posto que o Tratado de Versalhes (1919) incorporou as vontades revanchistas da França e responsabilizou a Alemanha pela guerra. Perda de territórios, limitação de capacidade militar, ocupação estrangeira e dívidas estratosféricas, todos foram pontos presentes no popularmente chamado pelos alemães "ditado de Versalhes".

Contudo, a ausência da paz trouxe também anos de imobilidade por parte das principais potências. Os franceses com um exército cada vez mais obsoleto, ingleses com suas pretensões coloniais e alemães limitados por todos os lados. A década de 1930 abriu a nova corrida armamentista do século XX, colocando em rota de colisão antigos rivais e novos integrantes do cenário internacional.

Mesmo diante de todas as movimentações estrangeiras, a RAF permanecia presa às doutrinas da Primeira Guerra Mundial, reforçando a perspectiva de que os aviões poderiam ser instrumentos de terror, mas que deveriam focar nos seus objetivos prédeterminados. No ano de 1938, marcado pelas tensões envolvendo o Acordo de Munique e a anexação dos Sudetos, lideranças militares britânicas ainda gastavam seus esforços em duas pautas: 1) Os ataques aéreos são efetivos na destruição do moral inimigo?; 2) Os bombardeios devem ter alvos estratégicos precisos ou devem abranger uma grande área a fim de causar o caos generalizado? Figuras como Arthur Harris defendiam que ataques de saturação (ou bombardeio de área) pavimentariam os caminhos para a destruição do moral.

Em 1936, fora criado o Comando de Bombardeiros da RAF, um dos grupamentos militares mais marcantes da História contemporânea. Suas missões foram compostas por voluntários de diversas regiões do planeta e eram caracterizadas pela quantidade elevada de bombas, explosivas e incendiárias, utilizadas para reduzir cidades alemãs às cinzas. No entanto, assim como toda a estrutura aérea britânica, o Comando de Bombardeiros precisou da pressão popular para colocar em prática suas verdadeiras pretensões.

Em 1936, a antiga organização da Defesa Aérea da Grã-Bretanha foi abolida e substituída por comandos funcionais: Bomber, Lutador, Treinamento e Costeiro. Os esquadrões do Comando de Bombardeiros foram realocados, mudando-se das estações no sul da Inglaterra que eles ocuparam ao longo da década de 1920 (...) ocupando os campos de aviação do Leste mais próximos da Alemanha, de onde eles lutariam na Segunda

Assim como ocorrera na guerra anterior, a força aérea britânica entrava no conflito em menor número³¹. O desenvolvimento militar da Alemanha viu na Luftwaffe um dos principais pilares da *Blitzkrieg*. Logo, milhares de aviões eram produzidos, entre eles estavam os caças e os bombardeiros *Stukas*. Certas cidades destacavam-se pela vultuosidade na linha de produção, fabricando peças e componentes para o desenvolvimento das máquinas. Era o caso de Dresden, que possuía fábricas de peças de aviões e miras.

No caso inglês, o *trenchardismo* estava presente entre o alto-comando da RAF, mas não era colocado em prática por corta da relutância política e do posicionamento defensivo do país. Os tempos eram outros, a Inglaterra não possuía recursos para levar adiante uma guerra longa contra o inimigo ideologicamente determinado e com tropas renovadas em todos os sentidos. A ordem era aguardar e defender.

O trenchardismo exprimia a mentalidade construída pelo pioneiro da RAF, Hugh Trenchard. Visconde e marechal do ar, Trenchard é considerado pelos ingleses o "pai da força aérea real", um indivíduo que lutou não só pela configuração da terceira força, mas pelo seu desenvolvimento em iguais condições. Defendendo o "controle do ar", Trenchard esboçou a atuação da força aérea ao longo dos anos entreguerras.

Seu pensamento definia o domínio do espaço aéreo, assim como a Marinha fazia com os mares. O inimigo deveria ter sua capacidade estratégica, militar e bélica destruída pelas investidas. Nitidamente, o *trenchardismo* embasou o desenvolvimento da política dos bombardeios de área, uma vez que estes colocaram em prática, de maneira muito mais eficaz, os argumentos utilizados pelo marechal.

As atuações da RAF, dentro e fora do Império britânico, eram doutrinadas pelo pensamento de Trenchard. Conquistar a soberania aérea passou a ser o objetivo que ganhou relevância com o crescimento da aeronáutica como força. Entretanto, o *trenchardismo* era tolhido da sua total aplicação, pois a soberania do ar esbarrava nos questionamentos morais sobre os quais Churchill indagou em 1917. Fato é que tais

-

³¹ Em setembro de 1939, a Grã-Bretanha entrou na guerra com 608 caças de primeira linha contra os 1.215 da Luftwaffe e com 536 bombardeiros contra 2.130 (HASTING, p 50, 1979).

questionamentos não foram muito levantados quando as bombas caíam nas colônias, mas as bombas da Segunda Guerra trouxeram a discussão para o centro da civilização europeia.

Da mesma maneira que sua doutrina pautou o comportamento aéreo inglês, a atuação de Trenchard também foi essencial para a construção de uma "cultura aérea" na Inglaterra. Sempre ressaltando a importância dos aviões na manutenção da paz e da soberania pelos céus, a RAF passou a agregar muitos jovens voluntários dispostos a lutarem pelo seu país. Na Segunda Guerra Mundial, a juventude engrossou as fileiras de voluntários e de corpos nos necrotérios.

Arthur Travers Harris, um adepto do pensamento de Trenchard, ocupou a liderança do Comando de Bombardeiros em uma oportunidade única para colocar em prática os métodos de soberania do ar. Após anos de debates, Harris enxergava nos bombardeios de área a solução esperada pela população britânica. Na opinião do controverso "açougueiro", os alemães deveriam pagar um preço caro pelos ataques a Londres.

Os efeitos da *Blitz* na opinião pública foram os impulsos necessários para a mudança de ação do governo Churchill. Relutante até 1940, o primeiro-ministro resolveu apostar suas fichas nos aviões de Harris. Com o uso do moderno radar, os ingleses já conseguiam interceptar os aviões alemães quando atacavam seu país, mas o momento clamava por outra postura. Após 1940, a RAF e o Comando de Bombardeiros adotaram o ataque como política de guerra e abandonaram os bombardeios de precisão para impactar o moral do povo alemão, algo que Harris ainda acreditava ser possível.

A origem da estratégia do chamado *area bombing* remonta à posição extremamente marginal em que a Grã-Bretanha se encontrava em 1941. A Alemanha chegara ao ápice de seu poder, suas tropas haviam conquistado todo o continente e estavam na iminência de avançar sobre a África e a Ásia, deixando os britânicos sem qualquer possibilidade real de intervenção, simplesmente abandonados ao seu destino insular. Diante dessa perspectiva, Churchill escreveu ao lorde Beaverbrook que só haveria um único meio de obrigar Hitler a voltar a um confronto direto, 'and that is an absolutely devasting exterminating attack by very heavy bombers from this country upon the Nazy homeland' (SEBALD, p. 23, 2003).

1.5 MARCADOS NA MEMÓRIA

Inaugurado em 2018, o *International Bomber Command Centre* está localizado na cidade de Lincoln, no Reino Unido. Com sua arquitetura que remete a uma asa de avião

Lancaster, o memorial tem como objetivo: reconhecer, lembrar e reconciliar o povo britânico com o Comando de Bombardeiros da Segunda Guerra Mundial.

Durante a Segunda Guerra Mundial, mais de um milhão de homens e mulheres serviram ou apoiaram o Comando de Bombardeiros. Originário de 60 nações em todo o mundo, eles estavam unidos em seus esforços para proteger a liberdade que desfrutamos hoje. O serviço incluiu Tripulação Aérea, Tripulação Terrestre, Força Aérea Auxiliar Feminina, Transporte Aéreo Auxiliar, Serviços Auxiliares de Transporte, NAAFI e outros.

(IBCC.<u>https://internationalbcc.co.uk/history-archive/history-of-bombercommand</u>. Acessado em 13/08/2021 às 18h20min. Tradução minha.)

Marcados pela visão negativa gerada pelos ataques à Alemanha, o segmento de bombardeio da RAF terminou o conflito nas margens da História e das narrativas vitoriosas. Conforme seus atos foram questionados, os subordinados de Arthur Harris deixaram de fazer parte dos discursos oficiais e o comandante terminou sua carreira no ostracismo.

O IBCC configura a tentativa de resgate por parte de historiadores e pesquisadores britânicos de história militar. Com grande acervo de documentos e entrevistas, é possível compreender a organização, a execução e as consequências das incursões em território inimigo. Ex-combatentes tiveram suas vozes ouvidas novamente e a memória, antes silenciada, passou a ocupar o centro dos debates.

Contudo, o resgate do passado adotado pelo IBCC é marcado pela seletividade da memória e sua construção narrativa é semelhante ao caso dos museus e monumentos à Resistência na Europa ocupada pelo nazismo³². Existe uma supervalorização de elementos positivos, enquanto aspectos negativos são apagados dos discursos (ou neles silenciados) e das representações.

Os bombardeios ingleses são tratados como passo fundamental para a vitória na guerra, pavimentando o caminho para a rendição dos alemães aos Aliados. Além disso, seus soldados, oriundos de 60 países, ficaram marcados como voluntários de uma força internacional de luta contra o totalitarismo. Portanto, a narrativa ressalta a grande coalização contra a barbárie e a eficácia dos seus objetivos.

Apelando à emoção, o memorial celebra mais do que informa, deixando, assim, várias lacunas que poderiam contrastar com o seu discurso oficial. Ainda que citem os pesados ataques às cidades alemãs, os pesquisadores parecem tratar das discussões morais

³² Cf. Denise Rollemberg, *Resistência*: memória da ocupação nazista na França e na Itália. São Paulo, Alameda, 2016.

como debates de segunda significância, isolando-os até mesmo da página oficial do IBCC.

Pierre Laborie, ao discorrer sobre os franceses do "pensar-duplo", que moldou, segundo a interpretação do historiador, os comportamentos sociais nos anos de ocupação alemã, elencou as problemáticas dessa memória seletiva. Enquanto uma parcela da sociedade francesa endeusava a Resistência e o espírito do combatente francês, os expurgos e envios de judeus aos campos de concentração eram silenciados (esquecidos) ou vistos como responsabilidade dos alemães e do Regime de Vichy.

Os franceses, na maioria, não foram primeiramente *vichystes* depois resistentes, *pétainistes* depois *gaullistes*, mas eles puderam ser, simultaneamente, durante um tempo mais ou menos longo, e segundo o caso, um pouco os dois ao mesmo tempo (LABORIE in ROLLEMBERG e QUADRAT, p 39, 2010)

Alguns dos museus e memoriais estudados por Rollemberg (2016) expressam essa realidade seletiva, visto que suas narrativas eram construídas com claras instrumentalizações do passado pelo presente. Sendo assim, fatos que poderiam ser configurados como prejudiciais à memória (apaziguadora) nacional são deixados de lado e apenas a celebração passa a ser importante dentro das instituições.

Robert Paxton, historiador americano, lançou em 1972 a obra *A França de Vichy*, promovendo uma verdadeira revolução historiográfica sobre o assunto. Não entendendo o governo de Vichy como sim fantoche da Alemanha, Paxton "devolvia" a responsabilidade dos crimes contra a humanidade aos franceses, logo, era necessário encarar o passado e os seus traumas.

Sacralizar o passado não é novidade, principalmente no tocante aos museus e memoriais. Rollemberg (2016), ainda discorrendo sobre a Resistência, aponta que o conceito fica preso entre o mito e a sacralização, ocasionando uma ausência de problematizações e não compreensão da profundidade do termo. É o presente direcionando a construção da memória dos acontecimentos passados.

A história é muito mais complexa do que a memória, construída do presente para o passado, invertendo a direção da própria história, aparando arestas indesejáveis, possibilidades incômodas, buscando legitimar a realidade presente e os projetos para o futuro. A memória inventa o passado. (ROLLEMBERG, p 343, 2016)

A relação dos britânicos com o Comando de Bombardeiros é um novo olhar para o passado, mas sem encarar seus principais dilemas e adotando o discurso brando sobre suas responsabilidades. Lutar contra os nazistas é elemento fundamental para compreender certas manipulações do passado. Para parte da opinião pública, qualquer meio poderia ser adotado para derrubar o hitlerismo e restabelecer a democracia na Europa.

Dessa forma, cidades em chamas, civis mortos e toda estrutura cultural destruída não deveria acarretar qualquer grande responsabilidade. No pós-guerra, o impacto imediato foi negativo, mas após anos de esquecimento (ou silêncio), parece que é possível trazer à luz o papel dos pilotos na vitória. Com mais de 125 mil voluntários, o Comando de Bombardeiros teve 75% dos seus homens mortos ou feridos. A média de idade dos mortos era de 23 anos (International Bomber Command Centre³³).

Para o visitante desavisado, o passado problemático pode soar como uma simples nota de rodapé em meio a tanta valorização dos feitos positivos. Porém, é necessário estabelecer o olhar crítico, típico da História, para os dilemas da guerra aérea no contraataque britânico após 1940.

Destacáveis cidades industriais sofreram pesados bombardeios e incêndios que duravam dias. Destino igual tiveram cidades menores e com menor relevância industrial, ou ao menos pareciam ser assim, nos anos finais da guerra. Existe uma forte carga de responsabilidade que recai sobre os ingleses, carregando os debates sobre a moralidade da guerra e a ideia de guerra justa, como desenvolveu o autor americano Michael Walzer (1977), professor na Universidade de Princeton. Tais julgamentos morais podem ser resumidos na atuação inglesa em três cidades alemãs: Colônia, Hamburgo e Dresden.

1.6 A CULTURA DOS ESCOMBROS

Algumas cidades do mundo são reconhecidas por símbolos e monumentos imponentes que transcendem a sua nacionalidade. É o caso da Torre Eiffel parisiense, inaugurada em 1889 na comemoração dos 100 anos da Revolução Francesa. Igualmente imponentes são a Estátua da Liberdade, o Cristo Redentor e o Big Ben. Monumentos que possuem sua representatividade e carregam a imagem das suas cidades para o mundo.

³³ International Bomber Command Centre: https://internationalbcc.co.uk/, acessado em 01/07/2021, às 14:07.

Na Alemanha, o passado longínquo dá o ar de ênfase aos monumentos, já que suas estruturas passaram pelos períodos mais diversificados da história. Colônia, situada às margens do rio Reno, possui arquitetura que testemunha épocas passadas. A sua catedral, inaugurada em estilo gótico em 1880, após mais de 600 anos de obras, é um exemplo desse patrimônio histórico e cultural.

Com obras iniciadas no século XIII, especificamente em 1248, em uma região que já possuía igrejas desde o século IV. Quinta igreja mais alta do mundo, a catedral é a prova estrutural da resistência literal da cultura em tempos de guerra. Foi bombardeada, mas acabou o conflito praticamente intacta.

A cidade é marcada pela miscelânea do clássico com o medieval, contando com a ocupação romana no século I. Considerada uma das cidades grandes mais antigas, Colônia possuía grande influência da Igreja católica, assim como do comunismo no momento de ascensão do Terceiro Reich.

Tamanho significado histórico não representava nada de positivo durante a guerra, pelo contrário, passou a ser motivo para ser classificada como alvo. Harris, disposto a oferecer sua primeira grande resposta à opinião pública e a Churchill, deu o aval para a "Operação *Millenium*". Cerca de mil bombardeiros foram direcionados a Colônia em maio de 1942, reunindo aviões do Comando de Bombardeiros e de unidades adjacentes.

Exatamente à 0h47 de 31 de maio de 1942, as bombas mataram 469 pessoas nas proximidades da catedral. Até às 3h10, caíram 20 minas aéreas, 864 bombas, 110 mil bombas incendiárias e 110 mil bombas de fósforo branco. Mais de 45 mil pessoas perderam suas moradias. (Deutshe Welle, 2017)³⁴

Por ser grande, Colônia recebeu os investimentos necessários para a construção de abrigos antiaéreos que foram o principal motivo para o número reduzido de mortos. A intenção de Harris era impactar e causar o máximo de perdas possível — estruturais e humanas. Ainda que fossem centenas de vidas, o quantitativo era reduzido quando comparado aos ataques posteriores. Dresden, cidade menor e menos relevante estrategicamente, teve milhares de mortos a mais.

Não se pode dizer, contudo, que Harris fracassou na sua estratégia. Os aviões pesados aliados conseguiram ir à Alemanha e dela voltar sem grandes perturbações, ainda

-

³⁴ Ataques a Colônia completam 75 anos: https://www.dw.com/pt-br/h%C3%A1-75-anos-col%C3%B4nia-era-destru%C3%ADda-na-2%C2%AA-guerra/g-39049221, acessado em 30/06/2021, às 21:42.

mais na formação com mais de mil bombardeiros. Essa saturação de aviões complicava qualquer tipo de resistência aérea, levando em consideração que as baterias no solo e a Luftwaffe não estavam habituadas com aquele tipo de mobilização dos ingleses.

Além da formação incomum, os aviões estavam equipados com ferramentas de localização e precisão, por meio da tecnologia de radar utilizada de maneira primária pelos alemães e aprimorada pelos ingleses. O H2S funcionava com sistemas de varredura aerotransportada, facilitando a identificação dos alvos no solo, independendo de iluminação e de condições climáticas perfeitas (embora ainda fossem levadas em consideração).

Essa união de fatores favoráveis era o que reforçava a crença do alto-comando inglês de que Colônia seria o exemplo para os anos seguintes da guerra. A ideia de encurtar o conflito estava mais forte e ancorada no princípio do esgotamento. Inimigos atacados constantemente seriam levados à rendição ou perderiam qualquer tipo de motivação para a guerra.

Mais de 13.000 casas foram completamente destruídas, 6.360 foram seriamente danificadas e 22.270 menos danificadas. Essas estatísticas são de uma fonte da RAF que observa: "Esses detalhes de danos físicos em Colônia são um bom exemplo dos resultados de bombardeio de área" (CLAPSON, p 86, 2019. Tradução minha.)

Colônia teve o efeito esperado por Arthur Harris, pois a destruição causada pelos seus aviões serviu como demonstração para todos que questionavam a eficácia dos bombardeios. O seu comando passou a ser a resposta, a única forma de fazer frente aos alemães sem adotar estratégias unicamente defensivas.

Um mito foi criado após os ataques à cidade: a catedral ficara intacta por piedade dos ingleses, porque eles reconheciam sua importância cultural e religiosa. Na verdade, a catedral de Colônia servira de referência para os aviões, dado o seu tamanho e centralidade. Focando nas suas torres, os bombardeiros poderiam dizimar tudo ao redor. Ademais, sua estrutura reforçada de vitrais a permitiu resistir às explosões quase intacta.

Certa feita ouvi um canhoneiro de bordo contar que, de seu assento na cabine de pilotagem traseira, ainda se podia ver Colônia queimando mesmo quando eles já estavam afastados, sobrevoando o litoral holandês: era uma mancha de fogo na escuridão, semelhante à cauda de um cometa imóvel. (SEBALD, p. 28, 2003)

A literatura pode ser utilizada como importante meio para a compreensão dos ataques e, principalmente, das suas consequências no cotidiano dos alemães. Chamada de

"literatura dos escombros", a geração de escritores do pós-guerra equilibrou-se entre o silêncio e a realidade, dialogando com a descrição do que viam e a vontade de virar às costas para a destruição da guerra.

W. G. Sebald, nascido em 1944, na Baviera, foi um dos escritores que tiveram sua maturidade formada no período de reconstrução da sua terra natal. Outros já eram adultos na guerra e engrossaram as fileiras dos silenciados, escritores que pareciam não ter vivido nada de relevante no período de maior consternação da Alemanha.

Mesclando a ficção da literatura com o escopo histórico oferecido pelos anos de guerra, Sebald adquiriu destaque na compreensão do pós-guerra como período de incertezas na literatura e na memória. O livro utilizado neste trabalho, *Guerra aérea e literatura* (2011), foi um dos poucos no qual o autor renunciou às histórias românticas e adotou a crítica direta aos escritores pós-1945 como foco.

Tradicionalmente, o autor compõe sua narrativa a partir da realidade vivida por testemunhas, como foi o caso de Nossack, em Hamburgo. Logo, sua obra configura-se como importante fonte histórica por trazer à tona o peso da memória na construção escrita da Alemanha destruída pela guerra, representando as primeiras abordagens literárias do contexto desolador.

Segundo Sebald, o pós-guerra alemão fora marcado pelo recalque de grande parte da sociedade. Debates públicos e menções aos bombardeios às cidades alemães eram quase inexistentes. Em sua opinião, o povo alemão não estava em condições de discutir ações morais ou imorais dos Aliados, em virtude da necessidade de acertar as contas pelos campos de concentração e os números de mortos no Holocausto.

Não obstante, a visão de Sebald demonstrou as consequências a médio e longo prazos na memória dos alemães. O recalque serviu de fuga para os questionamentos mais aprofundados e reforçou responsabilizações rasas, que visavam apenas a "virar a página" da História e aceitar as punições pelos atos do passado. Isso tornou a Alemanha uma nação silenciada durante anos, com poucas menções claras a sua destruição.

A capacidade do ser humano de esquecer o que não quer saber, de não fazer caso daquilo que está diante de seus olhos, poucas vezes foi posta à prova de forma tão rigorosa como na Alemanha daquele tempo. Em um primeiro momento, o puro pânico determinou a decisão de prosseguir como se nada houvesse acontecido. (SEBALD, p. 43, 2003)

Na visão do escritor, poucos nomes da literatura assumiram a responsabilidade de encarar o passado e reproduzir seus verdadeiros sentimentos em suas obras. Nomes como Heinrich Böll, Hermann Kasack, Hans Erich Nossack e Peter de Mendelssohn adotaram a destruição como temática de seus trabalhos.

Böll, escritor natural de Colônia, descreve no livro *O anjo silencioso* (1992) a cidade marcada pelos escombros e pela degradação. Ratos, miséria e fome são partes realistas do romance, trazendo à imaginação a vida do pós-guerra. Para Böll, o cenário completamente desolador era ideal para o desenvolvimento do romance, possibilitando a pureza das relações em meio à decadência causada pela guerra.

Böll e seus contemporâneos, como bem revela *O anjo silencioso*, constituíram uma geração de homens e mulheres assinalados de forma irremediável pela Segunda Grande Guerra. Suas vivências, após o fim do conflito, em 1945, foram marcadas pela miséria material, pela submissão à presença maciça de exércitos estrangeiros, pela descoberta da inconsistência e absurdo das crenças políticas do passado e pelo pasmo diante das atrocidades cometidas durante a guerra (para alguns até então desconhecidas). Os aliados encontraram na Alemanha vencida uma população civil esgotada pelo longo período de guerra, indiferente e apática em face da situação irremediável de destruição e perdas. As primeiras experiências espontâneas de reorganização social limitaram-se à troca de artigos de higiene e limpeza, alimentos e cigarros, comercializados no mercado negro. O caos econômico e político demarcava o fim do Estado hitlerista. (SOETHE in BÖLL, p. 13, 2004)

Sebald via na obra de Böll o exemplo do que a literatura do pós-guerra deveria ser: indivíduos testemunhas do desmoronamento dos seus valores e estruturas, extremamente traumatizados e que se expressavam por meio da literatura. É o caminho oposto ao recalque e ao esquecimento, suscitando olhares perspicazes sobre a temática do conflito.

Era uma questão botânica. Aquele monte de escombros estava nu e calvo, pedra bruta, paredes recém-quebradas [...], em lugar nenhum crescia capim, enquanto em outros locais já cresceram árvores, graciosas arvorezinhas em dormitórios e cozinhas. (BÖLL, p.92, 2004)

Pertencendo à mesma geração que Heinrich Böll, Hans Erich Nossack também descreveu o espírito da sociedade derrotada no pós-guerra. Contrapondo o comportamento natimorto da "literatura dos escombros", ele vivenciou a realidade da cidade destruída pelos Aliados. Natural de Hamburgo, Nossack foi testemunha das consequências da "Operação Gomorra", um dos maiores ataques da guerra.

Gomorra, assim como Sodoma, era uma cidade bíblica marcada pelo pecado. Como consequência, Deus teria lançado chamas e enxofre dos céus, reduzido às cinzas os habitantes e toda a estrutura física das duas cidades. O aniquilamento pelo fogo era o preço a ser pago por todas as ações contrárias à vontade de Deus.

Utilizando essa referência bíblica, o ataque a Hamburgo, em 1943, traduzia no fogo a punição dos pecados nazistas. Não de maneira abstrata, mas literalmente queimando todo o centro com a tempestade incendiária, a tática de guerra que requer condições ideais para ser efetivada. Hamburgo ligou o alerta no Reino Unido: tal arrasamento passaria despercebido pela opinião pública?

A destruição total desta cidade traria resultados incomensuráveis na redução da capacidade industrial da máquina de guerra do inimigo. Isso, junto com o efeito sobre o moral alemão, que seria sentido durante todo o país, teria um papel muito importante no encurtamento da guerra e na vitória da guerra. A 'Batalha de Hamburgo' não pode ser vencida em uma única noite. Estima-se que pelo menos 10.000 toneladas de bombas terão que ser descartadas para completar o processo de eliminação. Para atingir o efeito máximo do bombardeio aéreo, esta cidade deve ser submetida a um ataque contínuo. Intenção: destruir Hamburgo.

(COMANDO DE BOMBARDEIROS, ordem nº. 173. Dia 27 de maio, 1943 in CLAPSON, 2019. Tradução minha.)

É importante ressaltar que ataques perpetrados por aviões aliados não eram grandes novidades para a população alemã. O que mudava era a magnitude e a mobilização concentrada para destruir cidades, não pequenos distritos industriais. O bombardeio de área é uma estratégia discutida até hoje devido ao seu alto número de fatalidades entre civis. Hamburgo, uma das grandes cidades com mais de 1,5 milhões de habitantes, sofrera com o impacto enorme no curto intervalo de tempo usado pela RAF para cumprir seu objetivo.

Enquanto Colônia teve poucas mortes, se comparadas aos ataques posteriores, Hamburgo enfrentou a realidade da destruição estrutural e humana. Mais de 40 mil vidas foram perdidas na execução da Operação Gomorra, uma referência que se mostrou objeto de vontades políticas inglesas em busca da punição aos "pecadores" nazistas.

O que ninguém poderia adivinhar, seja entre os defensores da Luftwaffe ou entre os cidadãos de Hamburgo, enquanto eles ouviam os avisos de ataque aéreo começarem, foi que o ataque estava prestes a ser desencadeado na cidade — uma série de bombardeios com duração de uma semana e meia - seria algo novo e terrível até pelos padrões da violência industrializada até então experimentada na Segunda Guerra Mundial. Esta foi a Operação Gomorra, montada pelo Comando de Bombardeiros da RAF com o objetivo de limpar Hamburgo do mapa da Europa.

Nossack estava lá e foi muito mais direto do que Heinrich Böll ao relatar o que viu. Na obra *The end: Hamburgo (1943)*, o escritor demonstra com clareza a ruptura da nova realidade alemã durante a guerra após os ataques de 1943. O costume adquirido com os bombardeios mais "leves" foi solapado por semanas de ataques constantes. A quantidade de aviões e bombas não era comparável com nada visto anteriormente. Ele compreendera isso nas primeiras impressões.

Hamburgo, diferentemente de Dresden, ocupa um lugar de extrema relevância no cenário econômico e político alemão. Com a segunda maior população da Alemanha, ela destaca-se principalmente pela sua histórica atividade mercantil, possuindo o segundo maior porto da Europa. O porto de Hamburgo, com saída através do rio Elba, é conhecido como o "portal do mundo" pelos alemães até hoje. Sendo assim, era inevitavelmente importante e visada pelos Aliados.

Os ataques à cidade tiveram outro elemento que só seria repetido em 1945, em Dresden, na Saxônia. Os artefatos explosivos eram acompanhados de bombas inflamáveis de fosfato que causavam incêndios em várias regiões ao longo da cidade. Assim como ocorrera anos antes em Coventry, os ingleses devolviam na mesma moeda – só que com mais efetividade. A tempestade de fogo foi alcançada em Hamburgo. Correntes de ar espalharam as chamas que transformaram os abrigos subterrâneos em fornos de humanos.

As labaredas que subiam a centenas de metros demonstravam o aprendizado inglês com a *Blitz*. A destruição, em meio ao caos e às mortes, foi colocada em prática como política de ataque. As diretrizes inspiradas no *trenchardismo* haviam sido aprimoradas pelo determinado e polêmico líder do Comando de Bombardeiros. Os episódios de Hamburgo representaram o ápice do sucesso militar inegável, visto que a estratégia foi pensada e executada da maneira mais eficaz possível de acordo com objetivo da operação. Todavia, também despertaram o sinal de alerta por conta dos mais de 40 mil mortos e do centro histórico tomado pelas chamas.

Em Hamburgo, o sentimento era muito diferente. Ninguém sabe exatamente quantos morreram, mas pelo menos 45.000 cadáveres jaziam entre as ruínas fumegantes, com muitos mais feridos e traumatizados. Metade da cidade foi reduzida a escombros - um total de 30.480 edificios, de acordo com personalidades oficiais contemporâneas. O choque do ataque devastador foi sentido em toda Alemanha. Uma onda de 1 a 1/4 de milhões de refugiados da cidade fluiu para a fronteiras do país nos meses

Diferentemente de Böll, Nossack adotou a narrativa crua dos fatos. Não se utilizou do contexto para a elaboração de um romance. Limitou-se a descrever aquilo que viu, ouviu e sentiu. As primeiras impressões dos ataques eram imprecisas, dado o grande número de informações desencontradas e contraditórias. Sabia-se da magnitude, mas não da extensão, dos mortos e das consequências.

Quase instantaneamente, o escritor pôde visualizar uma das principais consequências dos bombardeios: a grande massa de refugiados. A destruição de moradias levou a população civil a conviver com a realidade do abandono, muitas vezes sem qualquer tipo de política estatal de acolhimento dentro da própria cidade. Nesse caso, Nossack destaca o espírito de colaboração desenvolvido pelo povo alemão, provendo necessidades básicas dos desabrigados.

Essa é uma das razões pelas quais os refugiados cuidavam ansiosamente uns dos outros, para que ninguém perdesse a compostura. Parecia mais com a maneira como os animais amontoem-se para se aquecer. Estávamos todos vestidos estranha e aleatoriamente; alguns andavam com vestidos de seda, outros pareciam vagabundos. Mas ninguém tinha olhos para isso. Exceto que, embora fosse apenas o final de julho e estava muito quente, já tínhamos medo do inverno. Não tínhamos camas nem cobertores, casacos, cuecas quentes e, acima de tudo, sapatos. De repente nós pensamos que tínhamos chegado à conclusão de que essas coisas eram as únicas necessidades da vida. Passamos urgentemente essa nova visão para amigos: largue tudo mais! Guarde suas roupas de inverno e sapatos consistentes (NOSSACK, p. 16, 1948. Tradução minha.)

A obra de Nossack possui elementos narrativos que a distingue das demais. Suas impressões são escalonadas, adaptadas de acordo com a compreensão do que os segundos ataques realmente foram para os cidadãos de Hamburgo. Enquanto ouvia e observava os bombardeios nas cercanias da cidade, o escritor ainda não se colocava na posição de refugiado ou vítima.

No anseio de retornar a Hamburgo, ele conviveu com as retomadas dos ataques e a impossibilidade de conferir se seus bens materiais continuavam existindo. Nem o mau tempo foi suficiente para cessar os bombardeios: "você não podia mais dizer o que era trovão e relâmpago ou bombas ou artilharia" (NOSSACK, 1948).

Contudo, conforme as bombas pararam de cair, o indivíduo inconsciente da sua condição passa a ter clareza acerca do seu lugar na massa de refugiados. Tudo havia sido

perdido, não restava nada além de entulhos fumegantes, vestígios da coluna de fogo que pôde ser observada de lugares longínquos da Alemanha.

Nossack inclui-se na condição de vítima, mas se diferencia pela expressividade e não pelo silêncio geral. O silêncio era o caminho encontrado pela população alemã espremida entre os inflamados discursos nazistas sobre "ataques terroristas aliados" e um posterior sentimento de culpa generalizada.

Além da destruição, dos mortos e dos refugiados, o escritor-testemunha impactouse com a rápida normalidade construída pela comunidade local de Hamburgo. Aqueles que não precisaram abandonar a cidade, tomavam café, liam jornais e continuavam vivendo em meio aos escombros, como se nada tivesse acontecido. É algo que podemos chamar de *Leben in den Trümmern* (vidas nas ruínas).

Tivemos mais de uma ocasião para experimentar o assustador até que ponto perdemos contato com tudo que antes tínhamos como certo. Quando Misi e eu caminhamos por nosso distrito em ruínas procurando por nossa rua, vimos dentro de uma casa que estava sozinha e intacta no meio a uma vasta extensão de entulho uma mulher limpando suas janelas. Nós nos cutucamos, ficamos parados como se estivéssemos enfeitiçados. Achávamos que era uma louca. A mesma coisa aconteceu quando vimos crianças limpando um pequeno jardim da frente. (...) E uma tarde chegamos a um subúrbio completamente não destruído. Pessoas estavam sentadas em suas varandas bebendo café. Era como um filme, não era realmente possível. Não sei que desvios da razão nos levaram à compreensão que estávamos observando essas ações com olhos invertidos. Então, por sua vez, nós ficamos chocados com nós mesmos.

(NOSSACK, p. 14, 1948. Tradução minha.)

O que o autor descreveu era a sua clara incompreensão acerca do comportamento social daqueles que ainda possuíam condições de viverem uma falsa normalidade. Sebald classificou a impressão de Nossack como a "perspectiva da vítima que se vê confrontada com uma falta de sensibilidade moral beirando o desumano" (SEBALD, 2011). Já em 1943, a sociedade alemã adiantava seu comportamento do pós-guerra: esquecimento e normalidade.

A importância dada por Sebald ao trabalho de Nossack reside exatamente na sagaz perceptiva do escritor ao romper com esse comportamento generalizado. Ele entendeu a problemática do silenciamento narrativo sobre a destruição causada pelos ataques aliados. Nossack e sua obra foram fundamentais para o embasamento das críticas à *Trümmerliteratur* (literatura das ruínas, nome dado à literatura do pós-segunda guerra) devido à narrativa desprovida de tabus das cenas por ele testemunhadas.

O referencial utilizado por Sebald não é obra do acaso, mas um questionamento direto dos escritores do pós-guerra. A descrição da morte e do seu odor, os relatos de prédios e ruas destruídos, milhares de refugiados cruzando o país em direção ao Leste e ao Sul, são todos elementos quase ausentes na literatura da Alemanha dividida, formalmente, em 1949. Com isso, resta a Sebald recorrer às testemunhas que também eram escritoras.

As pessoas disseram que os cadáveres, ou o que quer que se queira chamar os restos mortais de pessoas mortas, foram queimados no local ou destruídos com lança-chamas. Mas, na verdade, foi pior. As moscas eram tão grandes que os homens não podiam entrar nos porões, eles continuavam escorregando nos vermes do tamanho dos dedos, e as chamas tiveram que abrir caminho para que eles alcançassem aqueles que morreram nas chamas. (NOSSACK, p. 26, 1943. Tradução minha.)

O vazio crítico em relação aos bombardeios será desenvolvido no capítulo seguinte, mas é importante adiantar sua relação com a memória coletiva (HALBWACHS, 1990) de um povo marcado pela guerra. Da mesma maneira, Karl Jaspers (1946) compreendeu o papel fundamental da culpa na reconstrução da Alemanha. Tomados pela responsabilização generalizada dos crimes nazistas, parecia inconcebível se colocarem na posição de vítimas.

Logo, os elementos que permearam as memórias individuais estavam imersos na condição de algozes, não na condição de vítimas. O pacto construído, nas relações pessoais e de poder, foi classificado pelo filósofo Hermann Lübbe como "pacto de silêncio" (LÜBBE, 1983). Não tocar na problemática moral foi o caminho encontrado para reconstruir dois países administrados por sistemas diferentes e, supostamente, opostos. Nitidamente, as perspectivas do silêncio variaram entre a Alemanha oriental e Alemanha ocidental, levando em consideração o contexto da Guerra Fria.

O silenciamento apontado por Lübbe, e entendido por Sebald (2011) como parte do recalque traumático, pôde ser observado de maneira mais nítida de acordo com o grau de destruição e as políticas adotadas após a guerra. Cidades mais cosmopolitas como Berlim não podem ser analisadas da mesma maneira que cidades menores e mais afastadas. Todavia, o fator Guerra Fria foi fundamental para o aprofundamento do silêncio e para a instrumentalização da memória coletiva traumática.

Dresden continua sendo o maior exemplo da necessidade dos debates acerca das relações passado-presente e História-memória. Com o centro histórico completamente

destruído, a cidade viu-se no meio dos usos políticos dos ataques e, posteriormente, da sua memória. Isso só foi possível com as instrumentalizações estatais do pós-guerra e a adoção de narrativas distorcidas totalmente descomprometidas com as políticas de memória.

Consequentemente, a cidade de Dresden tornou-se campo fértil para discursos extremistas ancorados na construção de mitos e negacionismos instigados pelos ataques de 1945. Algo semelhante poderia acontecer com frequência em Colônia, Hamburgo ou, até mesmo, em Nuremberg (cidade identificada com os comícios nazistas), mas os diferentes contextos e políticas proporcionaram graus distintos de abusos nos usos do passado e avanço do negacionismo histórico.

2. CAPÍTULO 2: DE FLORENÇA AO INFERNO

2.1 A FLORENÇA DO ELBA

Pantanosa, mas bem protegida por colinas a norte e sul do Elba, Drezdzány representava a primeira travessia do rio facilmente navegável depois que o grande canal central europeu descia serpenteando através de desfiladeiros desde suas origens na grande floresta boêmia e se aplainava pelo longo percurso a noroeste até o mar. (...) A primeira menção de Drezdzány como uma cidade-colônia alemã surge em registros dos condes de Meissen datando de 1216. A colônia alemã, na margem sul do rio, tornou-se a "cidade velha" (Altstadt), e as áreas eslávicas do outro lado do Elba – apesar de mais antigas-, a cidade nova (Neustadt), presumivelmente porque ainda aguardavam os benefícios da germanização. (TAYLOR, p. 39, 2004)

Fevereiro, inverno na Europa. Dividido entre as vastidões brancas do extremo russo e o frio mais ameno dos países ibéricos, o continente parece funcionar em ritmo mais lento nos dias de temperaturas baixas, principalmente quando acompanhadas de chuva ou neve.

Apesar do inverno, todo dia 13 de fevereiro a população de Dresden enfrenta o frio intenso para ir às ruas rememorar os ataques aliados à cidade em 1945. Em 2020, o evento recebeu mais atenção da mídia e do governo federal alemão, já que se completavam 75 anos do ataque aliado mais questionado da frente ocidental, equiparado às bombas atômicas lançadas no Japão, em agosto de 1945.

Chamada inicialmente de Drezdzány, a cidade funciona como uma ponte no lado oriental da Alemanha. Próxima à fronteira com a Polônia e a Tchéquia, a capital da Saxônia abriga uma grande mistura cultural valorizada até hoje, sendo importante destino turístico para pessoas de todo o mundo.

Antigo reduto medieval fortificado, Dresden passou pela sua primeira grande transformação no reinado de Frederico Augusto, o Forte. Decidido a conquistar a Comunidade Polaco-Lituana, o eleitor saxão, nascido em Dresden, tomou uma medida controversa: converteu-se ao catolicismo. Criado em solo protestante, Frederico não enxergava limitações na sua ambição de liderar a Polônia e a rica capital Varsóvia.

Após a conversão, ele tornou-se elegível e foi coroado rei em 15 de setembro de 1697, aclamado como Augusto II da Polônia. Tendo Dresden como capital do seu reinado, o monarca não poupou recursos para alçá-la à categoria de centro cultural, reconhecido como as grandes cidades italianas do Renascimento.

O coração de Dresden, antes composto por construções de madeira, passou a ser ocupado por palácios e igrejas construídos com arenito, material abundante nas montanhas rochosas do Elba. "Augusto, o Forte, pode apregoar ter encontrado Dresden como uma pequena cidade feita de madeira e deixando-a uma grande e gloriosa cidade feita de pedra" (TAYLOR, 2004).

A capital de Augusto não era apenas exuberante, mas também funcional. Seu centro fora pensado para ser esteticamente impecável e útil quando necessário. Assim, diferenciava-se de muitos outros centros da Alemanha³⁵, que acabaram preservando seu estilo antigo e pouco funcional.

A *Altstadt*, construída segundo a estética do Barroco, rendeu a Dresden o título de Florença do Norte, ou Florença do Elba, rio que margeia a cidade. Sua explosão cultural ultrapassou os limites da cidade e inspirou toda a Europa. A expressão disso é a porcelana de Dresden, ou porcelana *Meissen*, produzida a partir da influência da porcelana chinesa.

Os frutos arquitetônicos da transformação promovida por Augusto são observáveis até hoje e possuem relação intrínseca com o núcleo deste debate: a destruição em 1945. É curioso imaginar, por exemplo, que Augusto II necessitou criar "uma administração de construções de responsabilidade do governador da cidade" (TAYLOR, 2004). Incêndios que haviam destruído áreas de Dresden foram a motivação para tal medida.

Em outras capitais, como Londres e Paris, onde grandes incêndios provocaram tentativas de planejamentos urbanos racionais que jamais se concretizaram, o caos medieval foi simplesmente substituído pelo caos

_

³⁵ Antes de 1871 correspondia à ideia de cultura e civilização alemã, mas não ao corpo político unificado. A Alemanha como país surgiu apenas em 1871, com a concretização do processo liderado pelo reino prussiano.

Essa relação da administração municipal com a prevenção de desastres deve ser elucidada, já que oferece pontos que elevam ainda mais a catástrofe de 1945. A cidade não era estruturalmente propícia à difusão de incêndios, pois possuía arquitetura em pedras e um modus operandi, desde o século XVIII, que preconizava medidas para lidar com situações de incêndio ou semelhantes. Todavia, o potencial bélico aliado tornou tudo isso obsoleto.

Os principais pontos culturais erguidos no século XVIII estiveram associados às consequências do nazismo e da guerra. No Terraço Brühl, um grande bulevar destruído parcialmente em 1945 e recuperado em 2005, Viktor Klemperer, filólogo alemão de ascendência judaica, sobrevivente do incêndio, viu corpos humanos carbonizados pelas bombas.

Doado por Augusto III ao seu ministro-chefe, o conde Brühl, que derrubou as muralhas e transformou a área em um terraço particular e jardim de lazer à beira-rio. Cinquenta anos depois, quando os russos ocuparam Dresden, o governador da cidade imposto pelo czar, o príncipe Repnin-Volokvski, insistiu em abrir os jardins do terraço ao longo do rio para uso público. (TAYLOR, p. 55, 2004)

O *Zwinger*, conjunto de edificações que abrigou a galeria real, continua sendo a representação máxima do Barroco em Dresden e na Alemanha. O palácio rodeado pelos jardins é expressivo da reconstrução tão presente em Dresden. Fruto das vontades de Augusto, o Forte, o Zwinger foi construído por Matthäus Daniel Pöppelmann, arquiteto responsável pela reconstrução de grande parte da cidade após o incêndio de 1685, e o escultor Permoser. Localizado no centro histórico, o Zwinger foi reduzido a ruínas e foi reconstruído tal como era antes da guerra entre 1951 e 1963. ³⁶

Procurando uma casa de inverno para sua grande coleção de laranjeiras e outras plantas em vasos, Augusto, em 1709, encomendou a seu mestre construtor Pöppelmann a construção de um laranjal no *Zwingergarten*. Mais tarde, a instalação também seria usada para festividades na corte. A cultura festiva da época barroca serviu não apenas como diversão e entretenimento para a sociedade da corte, mas acima de tudo como uma oportunidade de representar riqueza e poder soberano.

-

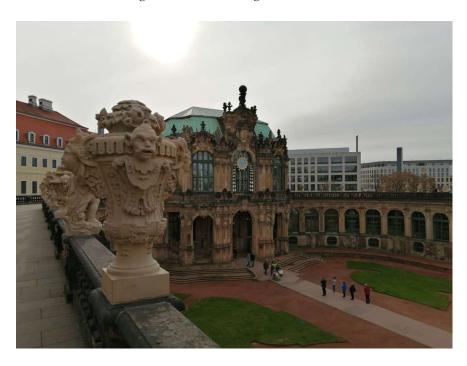
³⁶ Reconstrução sob responsabilidade de Hubert Ermisch, Arthur Frenzel e Max Zimmermann terminou em 1963.

Figura 1 - Vista do Terraço Brühl



Fonte: Acervo pessoal do autor³⁸

Figura 2 - Dresdner Zwinger em 2020



³⁷ Der Dresdner Zwinger: https://www.der-dresdner-zwinger.de/de/dresdner-zwinger/geschichte/, acessado em 12/07/2021 às 16h49.

³⁸ Foto feita no dia 13 de fevereiro de 2020.

Por fim, aquela que é considerada a mais representativa obra de Dresden e símbolo das marcas deixadas pela guerra: a Frauenkirche⁴⁰, a catedral luterana, cuja construção data de 1722, destruída em 1945 e reconstruída em 2005. Em 2020, quando o presidente alemão fez seu discurso nos 75 anos do bombardeio, não havia outro lugar mais representativo para aquela rememoração.

A conversão ao catolicismo de Augusto deixara os protestantes em alerta e inquietos. Construir a catedral era a demonstração da ligação religiosa da Saxônia com o protestantismo. Sua construção não foi financiada pelo eleitor e rei da Polônia, mas sim pelos fundos municipais. Era a obra da cidade, do povo de Dresden e da vontade saxônica de mostrar aos visitantes a presença inegável dos ideais de Lutero. Seu eleitor poderia ser católico, mas o espírito citadino permanecia reformista.

George Bähr, projetista da igreja e construtor mestre da cidade, ergueu a catedral com um estilo aparentemente comum, mas diferente de tudo quando analisado por completo:

> Simples no exterior, magnificamente ornada por dentro, a igreja podia ter o tradicional modelo cruciforme, mas a área de culto era circular, com oito colunas altas, impressionantemente finas, sustentando não apenas balcões em que se sentavam fiéis, mas também uma grande cúpula de arenito saxão que iria, quando finalmente acabada vinte anos mais tarde, se elevar a uma altura de aproximadamente 90 metros. (TAYLOR, p. 49, 2004)

Frederico não pôde ver a finalização da construção da igreja, já que sua consagração ocorreu em 1734, um ano após a morte do monarca (TAYLOR, 2004). A catedral era a consolidação da riqueza dresdense em todos os sentidos, tornando-se o centro dos principais artistas da Saxônia e, pode-se dizer, da Alemanha. Johann Sebastian Bach⁴¹, por exemplo, tocou no órgão, considerado um dos melhores do mundo no primeiro evento público da Frauenkirche.

A imponência da catedral persistiu até mesmo entre ruínas. Uma das estruturas mais afetadas pelos ataques aliados, a igreja teve grande parte da sua estrutura demolida

³⁹ Foto capturada no dia 13 de fevereiro de 2020.

⁴⁰ Igreja de Nossa Senhora.

⁴¹ Um dos maiores nomes da música clássica mundial, nascido no Sacro Império Romano Germânico e residente de Leipzig.

e anos de estagnação durante o pós-guerra. Contudo, as rochas destruídas e marcadas pelo fogo diziam o que muitos cidadãos não conseguiam expressar, representava aquilo que museus ousavam silenciar: Dresden foi ao inferno e retornava das cinzas.

O período de bonança ligado ao reinado da dinastia Wettin passou a ser solapado pelo avanço prussiano personificado na figura de Frederico II, o Grande. Rei prussiano e voraz conquistador, Frederico via a Saxônia como ameaça e, ao mesmo tempo, oportunidade. Ameaça pelo fortalecimento das lideranças locais e oportunidade pelo crescimento econômico e destaque cultural. "Ele cinicamente comparou a Saxônia com um saco de farinha. 'Você pode bater nele quantas vezes quiser e alguma coisa sempre sairá de dentro" (TAYLOR, 2004).

Inserida no contexto da guerra dos Sete Anos⁴², a Prússia avançou sobre Dresden e modificou o comportamento local marcado pela paz e pela imunidade em relação ao conflito que se desenrolava. Em busca de alianças, Augusto III, herdeiro de Augusto II, juntou-se à causa austríaca do conflito e pagou caro por isso. Dresden fora saqueada por aliados e inimigos, milhares dos seus cidadãos foram mortos, outros milhares abandonaram sua terra natal e metade da área construída da cidade fora destruída.

A limpeza das ruínas foi um processo lento e doloroso. Uma média de cinquenta carroças com pedregulhos passavam diariamente pelos portões da cidade após sua reabertura em 1761, e as coisas continuaram dessa maneira por vários anos. Inflação severa, escassez de comida, criminalidade endêmica nas ruas e enfraquecimento da moeda desfiguraram a capital tão cheia de orgulho do passado. A guerra dos Sete Anos terminou em 1763. Cem mil súditos de Augusto III morreram durante os anos de conflito e ocupação. A própria população de Dresden foi drasticamente reduzida, de 62 mil para 36 mil. (TAYLOR, p. 53, 2004)

Pode-se observar, portanto, que a história de Dresden é marcada por períodos de contrações e expansões. Anos de prosperidade marcados pelo avanço cultural, desenvolvimento econômico e reposicionamento da cidade no cenário europeu. Por outro lado, a destruição está intimamente ligada aos avanços, seja por meio de desastres como incêndios ou, o mais comum, ataques de invasores interessados na destruição daquilo que a cidade representava, o que não era incomum na época. No século XX não foi diferente, mas é necessário desconstruir mitos que sedimentaram narrativas vitimistas e saber, ao mesmo tempo, equilibrar a lembrança com a responsabilização.

⁴² Conflito europeu causado, principalmente, pelas disputas de mercados coloniais e hegemonia no Novo Mundo.

2.2 O PESO DA GUERRA

Dresden poderia ser mundialmente reconhecida por fatores positivos: diversidade cultural, riqueza arquitetônica e beleza exuberante. Todavia, em 2019 a cidade chamou a atenção da mídia internacional por motivos extremamente negativos: seu parlamento havia declarado emergência neonazista por conta do avanço de células extremistas e suas consequentes manifestações no espaço público.

Há 76 anos, acreditava-se que a guerra não chegaria com o mesmo impacto em Dresden, como havia ocorrido em cidades do país. A devastação causada pela operação Gomorra, em Hamburgo, e pelos ataques aliados a Berlim e Colônia eram inesperados entre uma população que se amparava no sentimento de imunidade cultural existente na cidade. Chegaram a correr mitos de que Churchill poupava Dresden, pois sua tia favorita morara na cidade e era uma amante da sua cultura (TAYLOR, 2004).

Embora rica culturalmente, Dresden possuía elementos que importavam mais na lógica da guerra. Conhecida pelas fábricas de lente e câmeras desenvolvidas pela família Noble, assim como pela produção de artigos luxuosos para lazer, a capital da Saxônia também integrou o esforço armamentista nos tempos de conflito.

Devido a sua atividade nos anos anteriores à guerra, Dresden ficou conhecida como a "cidade sem indústria" (TAYLOR, 2004), mito que não levava em consideração sua diversidade fabril, principalmente em artigos que demandavam da engenharia de precisão, como era o caso das miras. Diversos relatórios desconstroem qualquer premissa sobre a inatividade produtiva em tempos de guerra.

Todos os anos, a relação da produção local era compilada nos anuários citadinos, trazendo dados e informações à população. O *Dresdner Jahrbuch* (Anuário de Dresden) de 1942, descrevia a surpresa dos que ainda endossavam o imaginário da cidade ligada exclusivamente à cultura e à arquitetura:

Quem quer que conheça Dresden apenas como uma cidade cultural, com seus imortais monumentos arquitetônicos e paisagem única, ficará muito surpreso ao tomar conhecimento da ampla e versátil atividade industrial, com todas as suas variadas ramificações, que fazem de Dresden...uma das principais regiões industriais do Reich. (Dresdner Jahrbuch, 1942. In TAYLOR, p. 187, 2004)

A imagem da Dresden bélica não era fruto de um esforço propagandístico dos anuários ainda que estes carregassem suas imprecisões e valorizações estatísticas. Os

relatórios enviados ao *Rüstungskommando*⁴³ apontavam a porcentagem produtiva das empresas voltadas para o fornecimento de material militar ao Estado.

Segundo o documento de 1944 do Escritório de Armamentos do Alto-Comando do Exército Alemão, a cidade de Dresden continha 127 fábricas que haviam recebido códigos industriais de três letras, pelos quais eram sempre identificadas (por exemplo, Zeiss-Ikon = dpv; Sachsenwerk = edr; Universelle – akb). Isso garantia sigilo, ao mesmo tempo que permitia às autoridades militares associar armas, munições e equipamentos individuais com seus locais de produção. (TAYLOR, p. 185, 2004)

De fato, outro aspecto importante nessa evolução industrial de Dresden foi a abertura do front oriental. A Operação Barbarossa⁴⁴, deflagrada em 1941, rompia com o pacto *Ribbentrop-Molotov* e despertava a necessidade de fortalecer ainda mais os esforços na faixa oriental do território alemão. Sendo uma grande cidade do Leste até hoje, Dresden passou a ser tratada como ponto estratégico para produção de armas, transporte e movimentação de contingentes.

Antes voltadas para a produção de itens do cotidiano, fábricas como a *Seidel & Naumann-AG* transformaram completamente suas linhas de produção, voltando-se para a economia de guerra. Essa empresa atuava na fabricação de máquinas de escrever, costura e bicicletas. A partir de 1937, mudanças começaram a ser observadas pelos próprios funcionários, os quais relataram a redução da montagem das máquinas tradicionais e o crescimento da produção de armamentos. Uma funcionária descreveu:

A partir de 1923, eu trabalhei na companhia Seidel & Naumann-AG, que antes da guerra fazia máquinas de escrever, de costura e bicicletas... a produção de bicicletas foi interrompida em 1937. As máquinas de costura e de escrever agora são feitas somente em pequenas quantidades. A produção foi trocada principalmente para armamentos. Componentes são produzidos sob nomes disfarçados. Só uns poucos funcionários sabem como é o produto final ou o que será usado. (In TAYLOR, p. 186, 2004)

O relato da funcionária descreve a mudança gradual ocorrida na cidade. Se Dresden recebia, aos poucos, o aparato de guerra característico do contexto bélico, como foi possível construir o "mito da vítima" tão comum entre os movimentos contemporâneos de extrema-direita?

_

⁴³ Comando de Armamentos do Reich.

⁴⁴ A Operação Barbarossa, em alemão *Unternehmen Barbarossa*, foi o nome dado à invasão da URSS, país que possuía um acordo mútuo de não-agressão com a Alemanha, assinado em 23 de agosto de 1939. O interesse de antever uma possível invasão soviética e a vontade de ocupar o território a Leste pesaram na decisão em 1941.

Nesse prisma, a inocência estaria embasada na ausência de importância estratégica e recursos militares relevantes. Por outro lado, de maneira contrária às justificativas do ataque, Dresden seria uma cidade de refugiados naquela altura da guerra (1945). Logo, os aliados teriam, de fato, bombardeado brutalmente milhares de inocentes sem motivações concretas.

Por mais que integrassem a ofensiva contra o nazismo, considerado de maneira correta o mal da sociedade contemporânea a ser expurgado, os ataques aliados não são sustentados quando questionados à luz da ética bélica. Para corroborar tal afirmação, é preciso elucidar o conceito de *jus ad bellum*⁴⁵, basicamente o "direito" de fazer a guerra.

Segundo a Cruz Vermelha:

O Direito Internacional Humanitário (DIH), ou jus in bello, é o direito que rege a maneira como a guerra é conduzida. O DIH tem fins puramente humanitários, buscando limitar o sofrimento causado pela guerra. Independe de questões sobre a justificativa ou os motivos para a guerra, ou a prevenção da mesma - áreas cobertas pelo jus ad bellum⁴⁶. (CRUZ VERMELHA, 2022)

Vale também o questionamento acerca dos ataques: o fato de a cidade possuir produções bélicas condiz com as proporções dos bombardeios e a forma como foram executados? Pelos dados expostos acima, pode-se observar que Dresden realmente possuía produção militar e configurava-se como imprescindível entroncamento para o front oriental.

Michael Walzer, teórico norte-americano, em seu livro *Just and unjust war* (1977), defende a ideia de guerras justificadas, em que os motivos e a execução possuam argumentos moralmente embasados. Segundo Walzer, a guerra não deve ser a única justificava para ataques que custem milhares de vidas civis ou a destruição desenfreada de cidades.

O argumento usado entre 1942 e 1945 em defesa do terror dos bombardeios foi de caráter utilitário, sua ênfase não era na vitória em si, mas no tempo e no preço da vitória. Os ataques às cidades, que foram reivindicados por homens como Harris, acabariam com a guerra mais cedo do que de outra forma e, apesar do grande número de baixas civis que infligiram, a um custo menor em vidas humanas. Assumindo estas afirmações como verdadeira (eu já indiquei que afirmações precisamente opostas são feitas por alguns historiadores e estrategistas), elas não são suficientes para justificar o bombardeio. Não é suficiente, eu penso, mesmo se não fizermos

-

⁴⁵ a justiça do guerrear (jus ad bellum) e a justiça no guerrear (jus in bello) (WALZER, 2003).

⁴⁶ Disponível no site da Cruz Vermelha: https://www.icrc.org/pt/doc/war-and-law/ihl-other-legal-regmies/jus-in-bello-jus-ad-bellum/overview-jus-ad-bellum-jus-in-bello.htm. Acessado em 30/05/2022, às 20h59).

nada mais do que cálculos utilitários. Para tais cálculos não precisamos nos preocupar apenas com a preservação da vida. Podemos desejar preservar muito mais: a qualidade de nossas vidas, por exemplo, nossa civilização e moralidade, nossa aversão coletiva ao assassinato, mesmo quando parece, como sempre faz, para servir a algum propósito. (WALZER, 1977, p.261-262)

É a partir do conceito *jus ad bellum* que as questões morais da guerra são debatidas. Apesar de ser solapado pela ideia de *jus in bello*, a condução humanitária do conflito, ele é fundamental para esclarecer como determinadas justificativas são ou foram utilizadas para colocar em práticas interesses que iam além dos danos tradicionais de uma guerra.

Na maior parte das vezes, a guerra é uma forma de tirania. (...) Daí o horror peculiar à guerra: trata-se de uma prática social na qual a força é usada por homens e contra homens enquanto membros leais ou forçados de Estados, e não enquanto indivíduos que escolhem suas próprias atividades ou negócios. Quando dizemos que a guerra é o inferno, o que temos em mente são as vítimas do conflito. Na realidade, a guerra é o oposto do inferno no sentido teológico (...) pois no inferno, supõe-se, somente sofrem os indivíduos que merecem sofrer, que escolheram atividades para as quais o castigo é a reação divina adequada, com plena consciência desse fato. No entanto, de longe a maior parte dos que sofrem com a guerra não fez nenhum tipo de escolha comparável. (WALZER, 2003, p. 49)

Pode-se afirmar que os ataques a Dresden configuraram uma "guerra dentro da guerra". O conflito mundial não justificaria a corroboração de ataques indiscriminados contra qualquer alvo. Caso contrário, seria como se a guerra criasse o espectro da anarquia nas ações individuais e coletivas contra terceiros.

Esclarecendo: não é porque se encontravam em uma guerra contra os alemães que os aliados não deveriam responder às premissas jurídicas que permeiam as ações bélicas contra o inimigo. Dresden requer o olhar atento por estar no limiar do crime de guerra, narrativa adotada pelos críticos mais exacerbados dos aliados. No entanto, os que apoiam ações deliberadas parecem fechar os olhos para a pobreza de justificativas adotadas pelo Comando de Bombardeios da RAF.

Para Walzer, a questão da guerra imoral encontra-se no fato de ela arrastar inúmeras vidas contra a sua vontade, sendo essas pessoas (civis, refugiados etc.) as maiores vítimas das ofensivas. A compreensão do seu conceito não está restrita ao âmbito jurídico, mas se expande ao espectro filosófico, no qual os responsáveis pela guerra são também os responsáveis pelos danos causados aos indivíduos tragados por ela. A agressão leva ao entendimento da imoralidade.

O teórico norte-americano posiciona-se como crítico às ações dos Aliados na Segunda Guerra, classificando os ataques como "terrorismo" pela ausência de justificativas plausíveis para sua execução. Segundo o autor, as ofensivas aliadas por meio de bombardeios tiveram concepção revanchista. Era a forma mais adequada de responder às agressões alemãs no início década de quarenta.

Todavia, o autor compreende que, além do abandono da questão humanitária, os bombardeios utilizavam da "guerra moral" para endossar a necessidade de queimar o máximo de cidades alemãs. Sendo assim, pode-se definir que as justificativas aliadas transitam de acordo com os efeitos dos seus ataques e, consequentemente, com a opinião pública.

E a política britânica teve outras consequências: foi o precedente crucial para o bombardeio de Tóquio e outras cidades japonesas e depois pela decisão de Harry Truman de lançar bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki. O número de mortos civis do terrorismo aliado na Segunda Guerra Mundial deve ter ultrapassado a metade um milhão de homens, mulheres e crianças. Como poderia a escolha inicial desta arma suprema ter sido defendida?

(WALZER, 2006, p.255. Tradução minha.)

Enquanto a euforia da guerra, amplificada pela necessidade de resposta imediata britânica, tomava o imaginário das lideranças aliadas, a total destruição alemã era parte do olhar maquiavélico da guerra: os fins independiam dos meios utilizados. Era preciso destruir a estrutura e o psicológico dos alemães, indivíduos responsabilizados direta e indiretamente pela guerra.

Por um lado, a partir da repercussão e dos efeitos devastadores dos bombardeios, era necessário readequar o discurso e adotar um tom mais ameno. Foi a justificativa da "cidade relevante" que passou a ocupar a memória coletiva daqueles que encontraram sentido nos ataques. Essa narrativa buscou justificar o injustificável, trazer argumentos para ações que foram amparadas por questões que transcendiam os objetivos militares tradicionais.

Na contramão, surgiu o discurso de extrema vitimização da cidade. Alegar que Dresden não possuíra relevância durante a guerra empurrou ainda mais os "ataques justificados" para o discurso oficial. Ou seja, os verdadeiros questionamentos, passíveis até debates sobre crimes de guerra, foram abandonados para legitimar a ação dos vitoriosos da guerra e fazer frente a um crescente discurso negacionista.

Para enriquecer o debate, proponho a análise de dois tópicos que ocupam as principais narrativas sobre Dresden: 1) O fato de os ataques serem injustificados no panorama estratégico militar (possuir fábricas voltadas para a guerra); 2) Os ataques

serem considerados imorais por conta do total descomprometimento com vidas civis, principalmente refugiados que lotavam a cidade no dia da *Operação Thunderclap*.

2.3 INDÚSTRIA, CAPITALISMO E O REICH

Nos anos posteriores à guerra, muitos defensores do "mito da vítima" alegaram que a cidade não possuía atividade industrial relevante. Para os aliados, um fato que corroborou a presença industrial em Dresden foi a atuação da *Zeiss-Ikon* na *Schandauer-Strasse*. A empresa era a maior geradora de empregos privados na cidade e fora extremamente atuante nos esforços de guerra.

Antes do conflito, qualquer alemão saberia dizer o que fazia a *Zeiss-Ikon*. Fundada em Dresden em 1926, ela tornou-se referência mundial na produção de câmeras fotográficas, especialmente as de filme estreito, na fabricação de projetores e lentes voltadas para o ramo fotográfico. Processo industrial especializado que garantia posição de destaque em um setor muito restrito da economia anterior à guerra.

Entretanto, não foi o surgimento da empresa, ou o seu posterior reposicionamento de marca, que chamam a atenção. Além de empregar inúmeros dresdenses, a *Zeiss-Ikon* foi a exemplificação das relações escusas envolvendo o poder público local e executivos do setor privado durante o Terceiro Reich.

A importância econômica da empresa rendia posição de privilégio entre o altoescalão político local, possibilitando ganhos ilegais ao longo de toda a guerra. Durante o conflito, a *Zeiss-Ikon* mudou o foco da sua linha de produção, assim como grande parte das fábricas locais, passando a atuar ativamente na fabricação de armamentos e miras para aviões da *Luftwaffe*.

"No entanto, o maior empregador de Dresden era, de longe, a *Zeiss-Ikon*. E se passara muito tempo desde que a renomada empresa produzira alguma coisa tão inocente quanto uma câmera fotográfica" (TAYLOR, p. 191, 2004). A transição da gigante fotográfica para o ramo bélico representa uma prática comum nas cidades envolvidas na guerra. No período em que o mundo consumia mais armas do que máquinas fotográficas, a *Zeiss-Ikon* readaptou seu nicho.

Outro fato relevante na relação *Dresden-Ikon* foi a utilização da mão de obra forçada durante o período nazista. Apesar de pouco mencionado nas listagens habituais, existiu um campo de trabalho forçado na capital da Saxônia durante o Terceiro Reich. O

*judenlager*⁴⁷ *Hellerberg* ficava na periferia Norte da cidade, próximo ao aeródromo (Taylor, 2004). Era um campo de concentração na essência, mas seu foco era a utilização do trabalho de judeus na linha de montagem da *Zeiss-Ikon*.

Sua definição como *judenlager* pode confundir os desatentos. Mesmo tendo a estrutura menor em tamanho e número de prisioneiros, Hellerberg poderia ser inserido na categoria *Konzentrationslager*⁴⁸, pois a sua essência era a mesma. O campo complementava a política dos bairros judeus, associando a segregação à utilização econômica daqueles que ainda restavam na cidade. O gradual enclausuramento de judeus demonstra a inserção do *lager* na política nacional cada vez mais direcionada à Solução Final.

O primeiro Konzentrationslager, o primeiro KZ, foi fundado 160 dias depois da subida ao poder de Hitler, no 45° dia após sua posse como chanceler. No dia 21 de março de 1933, o jornal de circulação diária Müncher Neueste Nachrichten, publicou um comunicado assinado por Heinrich Himmler: Na quarta-feira, dia 22 de março, nas proximidades de Dachau, será inaugurado o primeiro campo de concentração, que pode abrigar 5.000 pessoas. (LUSTIG, 1991, p.99)

O jornalista Oliver Lustig ficou reconhecido mundialmente pelo seu *Dicionário do campo de concentração* (1991), obra que permitiu a compreensão de conceitos e palavras relativas à máquina nazista de concentração e extermínio. Além disso, Lustig ampliou a visão acerca da heterogeneidade dos *Konzentrationslagers*. Nem todos eram Auschwitz, ainda que o campo polonês continuasse servido como referência.

No caso de *Hellerberg*, tem-se o exemplo definido dos pequenos desvios adotados pela administração do campo. Discute-se aqui a privatização da morte por parte do Estado nazista. Quando a Gestapo e a SS, duas instituições responsáveis pela perseguição e aprisionamento, relegam a organização e o usufruto da mão de obra judia para uma empresa como a *Zeiss-Ikon*, ocorre a entrada de indivíduos alheios ao Estado no sistema que, em teoria, funcionava para questões sociais e políticas. Vale ressaltar que a Gestapo continuava lidando com as questões práticas do dia a dia, como era o caso das evacuações.

Dresden em novembro de 1942. Os últimos habitantes judeus da cidade, cerca de 300 homens, mulheres e crianças, tiveram que desocupar suas casas e foram levados para o campo de Hellerberg, na periferia norte de Dresden. A Gestapo organiza e monitora essa "evacuação". O "Instituto Municipal de Desinfecção" é uma parada no caminho para o campo de Hellerberg. Em março de 1943, os internos do campo foram deportados para o campo de extermínio de Auschwitz-Birkenau. A maioria é assassinada imediatamente após a chegada,

.

⁴⁷ Campo judeu.

⁴⁸ Campo de concentração.

apenas dez deles sobrevivem⁴⁹ (Fundação de memoriais da Saxônia, 2022.Tradução minha.)

Estudar a história do campo judeu de Dresden é entender ainda mais a profundidade dos negócios da empresa durante a guerra. O campo, localizado na *Dr.Todt Strasse 4*, era um antigo armazém da *Zeiss-Ikon*. A estrutura montada para receber judeus seguia os padrões dos campos de concentração espalhados pela Europa: galpões, camas de palha e punições físicas severas. Diferenciava-se no fato dele ser uma filial da empresa que mais empregava pessoas em Dresden; a propriedade privada aos moldes do Terceiro Reich.

O abastecimento do campo dependia do confinamento de judeus, principalmente aqueles que ainda viviam em Dresden na década de 1930. Foi durante o governo de Martin Mutschmann, líder da Saxônia, que as ofensivas contra os judeus locais ganharam corpo. A sinagoga Semper fora incendiada durante o *progrom* de 1938 e a política das "casas de judeus" passou a ser difundida por todo o estado. A ideia era segregar, assim como ocorrera nos guetos poloneses após a invasão de 1939.

O passo seguinte da política antissemita era concentrar os judeus no campo montado pela indústria. Estando lá, os internos eram obrigados a trabalharem na produção de armamentos, possuindo atividades reguladas por membros da Gestapo orientados por executivos da empresa.

Os homens da Gestapo sorriem e conversam animadamente. Um deles é o SS-Scharführer Martin Perri e o outro, o SS-Üntersturmführer Henry Schmidt, chefe do departamento Judaico de Dresden, o famoso Jüdenreferat. Schmidt, com as mãos nas costas cobertas pelo sobretudo, em uma atitude de relaxado comando, quase gargalha ao dirigir a palavra ao policial à paisana. Entre eles está o enigmático civil com charuto na boca, o dr. Johannes Hasdenteufel, um poderoso executivo da *Zeiss-Ikon* AG, a gigante da indústria de câmeras e lentes no mundo pré-guerra e maior empregador de Dresden. (TAYLOR, p.191, 2004).

A descrição, feita por Taylor de uma filmagem do cotidiano da empresa, demonstra a relação quase íntima entre Henry Schmidt e Johannes Hasdenteufel, reforçando a tese de que os limites entre o público e o privado já não existiam em Dresden.

63

⁴⁹ Disponível em: hellerberg. Acesso em 31/05/2022, às 23h09.

⁵⁰ Habitações criadas com a finalidade de segregar os judeus em áreas específicas da cidade.

Os possíveis beneficios econômicos de *Hellerberg* aproximaram o aparato estatal de opressão e figuras importantes da esfera privada.

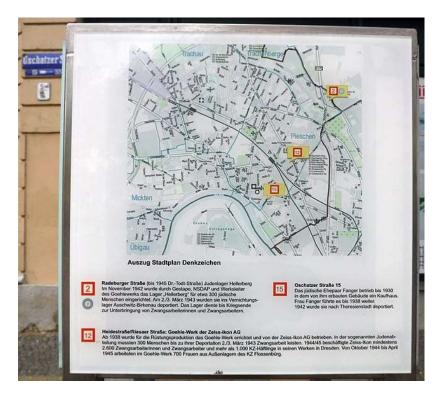
Nesse ínterim, no entanto, eles deviam continuar trabalhando para a *Zeiss-Ikon AG*, cujo representante apreciador de charutos, o dr. Hasdenteufel, ficara lado a lado com a Gestapo e observara todo o processo, desde a instituição de desinfecção até a chegada em segurança no *judenlager*. Os judeus viviam em seis de sete cabanas, sendo a sétima um espaço comunal com salão de refeições e banheiros; as outras continham três quartos, cada um com 16 pessoas. Os casais ficavam juntos, os solteiros eram divididos pelo sexo. (TAYLOR, p. 193, 2004)

Schmidt, nomeado para gerir questões burocráticas do campo, indicava um ancião entre os prisioneiros para comandar os demais. O campo não possuía grandes proporções, mas fornecia a mão de obra necessária para alcançar as metas da *Zeiss-Ikon*. A população judaica de Dresden não era grande, na verdade, estava abaixo dos índices nacionais. Enquanto a cidade possuía 0,26% de judeus em relação à população total, a Alemanha encontrava-se com porcentagens de 0,77% (GRYGLEWSKI, 1998).

Duzentos e três dos judeus que haviam sobrado em Dresden foram levados para o campo de Hellerberg em 23-24 de novembro de 1942. O filme, feito por um funcionário da Zeiss-Ikon por razões desconhecidas e descoberto após a sua morte no começo de 1990, fornece um registro de como o grupo era "processado". (TAYLOR, p. 192, 2004)

Vale ressaltar que os prisioneiros do campo não foram apenas os judeus locais, mas indivíduos trazidos de outras regiões e que estavam de passagem. Por sinal, Hellerberg recebeu a denominação "campo de passagem de curta duração", exatamente pelo seu tamanho, finalidade e posição geográfica.

Figura 3: Mapa da cidade com a localização do campo Hellerberg.



Fonte: Wikicommons/ Autor: Derbrauni.

No início da sua estruturação, o campo não era extremamente enclausurado, mas passou a ter status de detenção a partir das ações contra os judeus em 1943. De Hellerberg muitos foram enviados para *Theresienstadt*, Tchecoslováquia. Aos poucos, o campo ficou vazio e perdeu sua função após as deportações para o Leste.

Os "campos de trânsito" eram ferramentas importantes para que a máquina do extermínio continuasse sendo abastecida com judeus de diferentes cantos da Europa. A ideia era movimentá-los sem reinseri-los na sociedade. Geralmente, esses campos eram vistos como locais menos brutais e com maior possibilidade de sobrevivência. Não há comparação possível, por exemplo, entre *Hellerberg* e *Treblinka* ou *Auschwitz*.

A principal questão envolvendo o campo de Dresden é a sua especificidade em relação ao contexto aqui discutido. Primeiro, uma estrutura voltada para comportar os poucos judeus que ainda restavam na cidade, comprovando a perseguição antissemita na suposta "cidade vítima". Segundo, a organização do aparato *judenlager* para atender aos anseios de uma empresa privada a serviço do regime. Mão de obra compulsória e enriquecimento por meio do Holocausto.

O olhar mais atento sobre a histórica fabricante de máquinas fotográficas proporciona a compreensão da realidade de Dresden. Empresas privadas favorecendo-se

com a guerra, com o adicional da utilização dos judeus por conta das políticas antissemitas. Uma empresa com fins bélicos, com relevância política e econômica a ponto de montar seu próprio campo de concentração com aval e participação da Gestapo. Dresden era realmente uma cidade sem relevância do ponto de vista militar?

É possível concluir que a progressiva readaptação da indústria local dresdense passou pelo impulso do setor público. Era necessário endossar a economia de guerra e, ao mesmo tempo, fortalecer a máquina capitalista pré-existente na Alemanha. Executivos encontraram na doutrina e práticas do nazismo a oportunidade perfeita para se beneficiar com mão de obra compulsória e executar propostas de enriquecimento que violavam todos os direitos.

2.4 REFÚGIO: A CAMINHO DO INFERNO

Da mesma forma que possuía fábricas de munição e miras telescópicas, a cidade também se fortalecia como centro de refugiados saídos do Leste europeu. Durante os meses de inverno, o frio forçava aglomerações em locais públicos aquecidos, como era o caso das estações de trem e ônibus. Sem estrutura defensiva e abarrotada de pessoas, Dresden era o prelúdio do caos.

Os refugiados eram, em sua maioria, alemães que sofriam a pressão da guerra no front oriental. Conforme avançava o Exército Vermelho, as fronteiras da Alemanha encontravam-se completamente ameaçadas, principalmente nos dois últimos anos de guerra. Expulsões e fugas causadas pelos soviéticos levaram ao êxodo de germânicos em direção às cidades do Leste, dentre elas Dresden.

Para aprofundar a análise sobre as condições da cidade antes dos ataques, é preciso compreender a sua posição geograficamente favorecida em relação aos entroncamentos viários e ferroviários da Alemanha com o Leste da Europa. Levando em consideração o avançado contra-ataque soviético em 1945, era de se esperar o cenário de calamidade em cidades orientais do território germânico.

A guerra aproximava-se das fronteiras e, ao mesmo tempo, trazia uma massa de flagelados sem destino específico, que apenas pulavam de cidade para cidade até que a morte ou a ajuda os encontrassem. No caso dos milhares de refugiados dresdenses, o abrigo temporário mostrou-se o destino final. Ao atacar a cidade com relativo potencial militar, os aliados também dizimaram espaços ocupados por indivíduos de diferentes gêneros, idades e nacionalidades, todos exaustos pelas longas caminhadas.

O refúgio está presente em quase todos os conflitos bélicos ao longo da História, tendo a Segunda Guerra proporcionado a maior onda de refugiados já registrada. Geralmente, olhamos somente para os expurgos de judeus em territórios ocupados pelos alemães e seus aliados. Segundo Hannah Arendt, em *Eichmann em Jerusalém* (1963), os expurgos antecediam ao extermínio, também denominado de Solução Final na Conferência de Wannsee⁵¹ em 1942.

Contudo, não foram somente os judeus a sofrerem com as expulsões de suas residências. A essência destruidora da guerra impulsionava a saída de civis para outros países em busca de segurança. Imagens de navios e trens abarrotados de pessoas marcaram o período de maior crise civilizacional da Europa contemporânea.

O rolo compressor alemão nos primeiros anos de guerra, à medida que causava enorme destruição material, instaurou uma realidade de desolação. Comunidades inteiras da Polônia, quando não conseguiam mais resistir ao agressor, abandonaram suas casas e terras. O refúgio não é opcional, não se trata da procura por melhores condições materiais de vida, mas sim da própria vida. É a escolha entre a sobrevivência e a morte que em diversas situações é representada pelas execuções em massa e perseguições étnicas. Comumente, o indivíduo em direção ao refúgio encontra-se na condição de "agredido", mas e quando o refugiado pertence à nação agressora? É possível colocá-lo na condição de vítima? Pois foi este o caso dos refugiados de Dresden. Não eram franceses ou ingleses, mas uma massa de cidadãos dos territórios ocupados outrora pela Alemanha. Trabalhadores do campo e da cidade que fincaram raízes nos domínios germânicos do Leste e encontraram oportunidades de prosperidade.

Muitos já estavam lá antes da eclosão da guerra. Eram alemães antes de Hitler, antes do nazismo e antes da catástrofe. Contudo, a cegueira do conflito não permitia essa distinção e custou a esses trabalhadores tudo o que fora construído ao longo dos anos. A partir das vitórias soviéticas, as expulsões ganharam corpo e as fileiras de refugiados tornaram-se maiores rumo à Alemanha.

Não só trabalhadores estavam entre eles, mas todos os indivíduos que se identificavam como alemães e estivessem em território conquistado pelos soviéticos. Mesmo aqueles que ainda não haviam se deparado com os russos já abandonavam suas propriedades, já que os relatos eram tão assustadores quanto a própria realidade. Cidades

⁵¹ Reunião realizada às margens do lago Wannsee com importantes lideranças do nazismo. Nela, foram determinadas as diretrizes do extermínio do povo judeu, conhecido como "Solução final".

como Dresden tornaram-se destinos óbvios por conta da sua geografia e histórico desassociado da guerra.

Àquela altura de 1945, os bombardeios já tinham se tornado o *modus operandi* dos Aliados, acelerando a destruição das grandes e médias cidades, diminuindo as possibilidades de refúgio. O que se viu foi a dupla catástrofe: humana e material. Conforme sua população ia perecendo ao longo do caminho, a Alemanha via suas principais cidades arderem no fogo causado pelos aviões ingleses e americanos.

No lado ocidental americanos, junto com britânicos, conquistaram via ataques aéreos a margem ocidental do Reno com a morte de milhares civis alemães, mas também franceses, belgas e prisioneiros de guerra posto que os alvos não eram certeiros. O bombardeamento eficaz e sistemático foi aperfeiçoado a ponto de atingir a destruição total das cidades alemãs de médio e grande porte, visando a intimidar a população civil contra Hitler. Afinal. o lema de Churchill na guerra total contra a Alemanha era "the maximum use of fire!" Até o final da guerra, 158 cidades sofreram intensos bombardeios, sem mencionar Hamburgo e Dresden cujo centro sofreu destruição total em fevereiro de 1945, embora a "Veneza" do Rio Elba não tivesse nada a ser destruído pelos aliados, além de hospitais e dois milhares de refugiados do Leste" (LENZ, p.808, 2011)

A história dos *Heimatvertriebener* (pessoas deslocadas) aproxima-se em diversos sentidos com a discussão sobre as instrumentalizações dos bombardeios de Dresden. A capital da Saxônia ainda se encontra em um embate mnemônico por conta das dúbias rememorações dos mortos com um tom de negacionismo e relativização do Holocausto. Não é somente lembrar, mas lembrar visando à deslegitimação da *Shoah*.

No caso dos *Heimatvertriebener*, a reivindicação de um centro de documentação/memorial não ocorreu de maneira inocente ou desmotivada de fins políticos. Hoje concretizado no *Centro de Documentação Fuga-Expulsão-Reconciliação*, o desejo dos deslocados era de reconhecimento, mas também de comparação. Compreendendo o peso emocional das expulsões do pós-guerra, figuras políticas como Erika Steinbach aproximaram-se gradualmente da extrema-direita negacionista.

Steinbach era a liderança do BdV, a *Federação dos Expulsos*, que possui mais de 1 milhão de membros. Após a guerra, o BdV ficou conhecido por ser a instituição com o maior número de ex-membros da SS nazista, homens que ficaram marcados pelas atrocidades cometidas nas retaguardas da guerra. Ainda assim, o foco do movimento sempre foi, supostamente, o reconhecimento da memória daqueles que perderam tudo no Leste europeu nos anos derradeiros da guerra.

Famílias que ocupavam países como Hungria, Polônia e Tchecoslováquia buscam a valorização do seu passado e a reparação pelos danos. O novo centro de documentação trabalha com o número de 14 milhões de deslocados, quantidade enorme e que abre inúmeros precedentes nas disputas de narrativas.

Tal como em Dresden, o BdV atua em uma linha muito tênue entre o reconhecimento do passado traumático e a vitimização total de indivíduos que representavam o povo alemão. Esse debate deve levar em consideração fatores como: nem todos os alemães compartilhavam os ideais nacionais socialistas e que o fato de terem sido expurgados não diminui o dano causado pelo Estado alemão aos judeus e demais perseguidos na Segunda Guerra. Ao aproximar sua narrativa da extrema-direita, o movimento dos deslocados entende como uma verdadeira violência e violação de direitos a expulsão dos alemães. Crescentes comparações de números e das brutalidades começaram a ocupar o espaço público, buscando reduzir a responsabilidade dos alemães no Holocausto. Alemães bombardeados e expulsos das suas terras seriam os verdadeiros *monstros*? É uma instrumentalização que visa a consolidar a dubiedade sobre o passado e dificultar a tomada de partido de maneira clara.

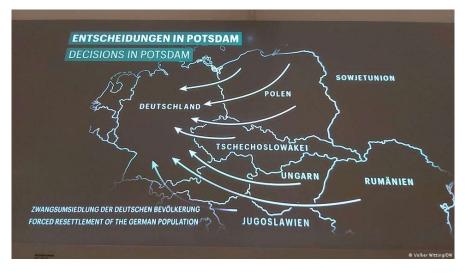


Figura 4: A rota dos deslocados alemães.

Fonte: Volker Witting/DW

Nunca na história moderna um país caíra mais fundo do que a Alemanha em 1945: sua soberania foi extinta, sua infraestrutura esmagada, sua economia paralisada, suas cidades reduzidas a entulhos; além disso, a maioria da população estava faminta e desabrigada, as Forças Armadas desfeitas e os

sobreviventes em campos de prisioneiros de guerra; o governo inexistente; e todo o país ocupado por exércitos estrangeiros. (BESSEL, 2010, p. 366)

É importante compreender que o temor existente antes da criação do centro de documentação levava em consideração seu potencial de se contrapor aos memoriais do Holocausto. Da forma que se discutia, seria um local para lembrar das atrocidades estrangeiras cometidas contra o povo da Alemanha, seu potencial nacionalista estava explícito, assim como as possíveis relativizações.

Desta maneira, o centro de documentação foi postergado por anos, visto que a sua criação representava o desejo das classes políticas envolvidas com o extremismo de direita alemão. Entretanto, da mesma forma que se mostrava problemático, o tema dos *Heimatvertriebener* possuía relevância na compreensão do refúgio e deslocamento durante a guerra.

Sendo assim, era necessário tornar o *Centro de Documentação Fuga-Expulsão-Reconciliação* algo plural e não nacional. Trazer a realidade de refugiados e deslocados ao redor do mundo, mas sem esquecer a experiência vivida pelos alemães. Assim, tornouse possível lembrar, mas sem adotar narrativas revanchistas e negacionistas.

"Faremos o possível para melhorar as condições de habitação (...), que também tornam a vida dos expulsos e daqueles que foram bombardeados, tão incrivelmente difícil. Queremos usar todos os meios disponíveis para promover energicamente a construção de moradias, não pela própria construção do governo federal, mas pela disponibilização de recursos e instando os estados a esgotarem todas as possibilidades no campo da construção de moradias. (...) Se não é possível interessar o capital privado na construção de moradias, é impossível uma solução para o problema habitacional.⁵²" (ADENAUER, 1949. Tradução do autor.)

Pode-se observar no discurso de Konrad Adenauer, primeiro-ministro da República Federal da Alemanha, entre 1949 e 1963, como a questão do deslocamento está inserida na memória traumática dos alemães. Não é possível falar de reconstrução e reconciliação sem encarar temas que muitas vezes transitam entre as memórias subterrâneas (POLLAK, 1989). O caso dos deslocados é exemplar das possibilidades de discussão sobre a memória traumática na capital da Saxônia.

Os testemunhos das violências sofridas pelos alemães, principalmente as mulheres, também se destacam na memória coletiva do país. Além de expulsos do Leste, os alemães tiveram que lidar com soldados russos descritos como "hordas de maníacos sexuais", algo

-

⁵² Disponível em: <u>https://www.bund-der-vertriebenen.de/charta.</u>

que transita entre a realidade e a instrumentalização da violência sexual para desumanizar o inimigo invasor, conforme afirma a autora Júlia Garraio (2012).

Além da instrumentalização, Garraio aponta que os grupos envolvidos nas reivindicações da memória dos deslocados ganharam muito poder e influência política ao longo dos anos de reconstrução. Por possuíram enorme capital emocional, eles tinham poder de mobilização entre os alemães ressentidos que nutriam o olhar vitimista em relação ao seu próprio povo.

Esta política externa dominada por um desejo de aproximação ao Ocidente coexiste com uma forte pressão eleitoral interna. Refiro-me ao *Vertriebene*, o expulso do território perdido pela Alemanha na guerra (Prússia Oriental, Silésia, Pomerânia) e de países vizinhos (Checoslováquia, estados do Báltico etc.). Perfazendo cerca de 16% da população da República Federal, estes alemães organizaram-se em poderosas ligas e associações e afirmaram-se como grupo muito fortes, determinante para a vitória sucessivas dos conservadores. (GARRAIO, 2012, p 48)

O debate sobre o deslocamento insere-se no campo da vitimização alemã no pósguerra. A temática é centro de polêmicas envolvendo a comunidade civil, grupos de extrema-direita e movimentos democráticos contrários a qualquer tipo de olhar amenizador para o seu próprio povo durante o Terceiro Reich. Cidadãos deslocados e massacrados pelos soviéticos deveriam ser esquecidos ou suas histórias devem ser contadas na perspectiva da vítima? É necessário encontrar o meio termo nesta querela.

O questionamento acima surgirá em diferentes momentos deste trabalho, posto que suas respostas ainda não encontraram consenso na academia e muito menos no espaço público de debate. Fala-se das vítimas da Segunda Guerra em uma perspectiva deslocada do caso alemão como se o cidadão da Alemanha não pudesse sofrer quaisquer tipos de violações durante o conflito. Além disso, as análises muitas vezes recaem no velho dilema sobre todos os alemães serem colaboradores do nazismo ou não.

Garraio reforça o capital político que o assunto encontra na Alemanha dividida e em meio a um processo de reconstrução. Enquanto desenhava-se o mapa geopolítico da Europa pós-1945, o Ocidente buscava estreitar os laços com velhos inimigos e novos aliados. Foi o caso da Alemanha de Adenauer abertamente anticomunista e cada vez mais próxima das potências capitalistas lideradas pelos vencedores da guerra.

Desta forma, narrativas e símbolos anticomunistas passaram a ganhar força, assim como ocorreu um gradativo enfraquecimento dos possíveis questionamentos às ações dos Aliados durante as ofensivas contra a Alemanha. Se por um lado era necessário condenar

as expulsões de alemães por soviéticos no fim da guerra, por outro era inconcebível questionar os bombardeios ingleses e norte-americanos sobre cidades alemãs.

Além disso, muitas cidades bombardeadas, caso de Dresden, encontravam-se em território da Alemanha Oriental. Os comunistas alemães instrumentalizaram o passado à sua maneira. Em vez de endossar a narrativa dos deslocados, utilizaram os bombardeios como ferramenta de desmoralização dos Aliados, mesmo que, em contrapartida, relativizassem as ações das lideranças locais nazistas.

A imagem do soviético no Oeste passou a ser construída sobre a narrativa do "selvagem violador". Homens com traços mongóis que estupravam mulheres alemãs eram temidos pelos cidadãos em fuga. Aos poucos, o Ocidente passou a apropriar-se da imagem de bastião civilizacional, uma vez que os cidadãos da URSS eram entendidos por um viés pejorativo e violento.

Romances e relatos expressavam o olhar do soldado norte-americano salvador, enquanto o soviético carregava as mazelas do povo derrotado. Com isso, o ideal da vítima foi reforçado e ocupou importantes espaços da sociedade. A negativa em lidar com o passado de sofrimento levantou questões delicadas no debate público da Alemanha.

O soldado soviético é repetidamente conotado com uma masculinidade ameaçadora, repelente e perversa: uso da violência para a gratificação sexual e a celebração da vitória militar, transmissão de doença venérea, embriaguez como estado normal para a sexualidade, partilha da mesma mulher em violenta orgia, presença de prática alusiva à tortura nos encontros sexuais. Este tipo de masculinidade negativa contrasta radicalmente com a masculinidade saudável, protetora e mais potente, personificada pelo militares norte-americano, que vemos chegar a Berlim no final do romance como salvadores. (GARRAIO, 2012, p. 60)

Sabendo que a brutalidade soviética é tema de ampla discordância, principalmente no que concerne à categoria de vítima da população alemã, obras que abordem a realidade do período são fundamentais para o entendimento do contexto. Berlim, a capital alemã, não ficou de fora, como é possível observar nas memórias de Ruth Andreas-Friedrich, jornalista alemã antinazista, ligada a grupos da Resistência do KPD, que vivenciou a vida na capital após a capitulação alemã e relatou tudo no seu livro *Diário de Berlim ocupada* (1945-1948).

Andreas-Friedrich é clara ao dizer que o colapso da sociedade alemã foi real, levando os indivíduos a situações vexatórias na busca por comida e abrigo. Enquanto esperavam a redefinição do próprio mapa, os alemães lutavam para sobreviver em meio

aos escombros, sendo obrigados a limparem as ruas e a recolherem cadáveres deixados para trás. Nesse ínterim, os batalhões soviéticos exploravam, extorquiam e estupravam as mulheres alemãs, independentemente da idade. Em troca de comida, ou de maneira deliberada, meninas e senhoras encararam um novo terror após o cessar-fogo. As histórias vindas do Leste mostravam-se verdadeiras e traziam o medo do que estava por vir na Alemanha ocupada.

"Como é possível se defender?" – diz impassível, quase indiferente. "Quando eles esmurram a porta e disparam suas armas da forma mais insensata. A cada noite aparecem novo, a cada noite, são outros. Na primeira vez em que me pegaram e forçaram meu pai a assistir, pensei que ia morrer. Depois..." Ela faz um gesto débil. "Como o capitão deles a escolheu para amante, felizmente passou a ser um só. Ele me escuta e até ajuda para que as meninas sejam deixadas em paz." (ANDREAS-FRIEDRICH, 2012, p 19)

Nota-se, a partir da obra de Andreas-Friedrich, aquilo que vem sendo debatido de maneira recorrente: o povo alemão vitimizado. Contudo, ser vítima não esvazia a responsabilidade de uma nação que seguiu, em grande parte, Hitler rumo à destruição da Europa. Destaco ainda que a resistência e os opositores alemães não deixaram de existir em momento algum. O que se ressalta é a dubiedade envolvendo a memória dos anos finais da guerra e o posicionamento de camadas da população acerca da própria história.

Dresden, deslocamento e estupros soviéticos. Cada um ao seu modo traz a polêmica para o olho do furação. Enquanto o cidadão comum entendia que as vítimas devem ser valorizadas e ouvidas, a extrema-direita apropriou-se do vácuo político encontrado entre o silenciamento e a instrumentalização do passado traumático.

Quando o trauma não adquiriu mais importância na construção do discurso antissoviético e pró-ocidente, o governo da República Federal da Alemanha renunciou às políticas incisivas de reparação e rememoração do passado catastrófico do seu próprio povo.

Concomitantemente, na República Democrática Alemã, grupos que ocupavam as margens da política partidária viram no trauma o catalisador da sua nova face. Cada vez mais centrados no negacionismo do Holocausto, os movimentos extremistas adotaram a narrativa vitimista para contestar a dita "História oficial", ou seja, o discurso vigente sobre o passado adotado pelo Estado.

O espaço de disputa encontra-se na necessidade de tomar as rédeas narrativas das mãos de grupos autoritários, fazendo valer as políticas de memória e valorizando aqueles que tiveram suas vidas lesadas pela guerra. Alemães ou não, os sobreviventes enfrentaram uma nova guerra após a rendição. Tiverem que lutar pelo direito de serem ouvidos e de terem suas vivências entendidas como a face real da sociedade em escombros.

Compreendendo a problemática do deslocamento, é possível ter a nitidez sobre a realidade de Dresden como destino de refugiados. Pode-se dizer que a capital da Saxônia era um centro de *Vertriebenes*, representando a possibilidade de sobrevivência e, ao mesmo tempo, a desolação com os rumos do país naquele momento.

Ao bombardearem a cidade, os Aliados assumiram a responsabilidade de impor os paradigmas de uma guerra injusta. Ao comparar a incipiente produção industrial de Dresden e o seu posicionamento estratégico com a sua condição de "cidade-refúgio", conclui-se que não foram justificáveis os atos de fevereiro de 1945. Ainda assim, a história da guerra faz-se pela caneta do vitorioso, dificultando questionamentos e problematizações que possam invalidar ou pôr em xeque a figura do herói salvador.

Civis dizimados sucumbiram aos escombros flamejantes junto aos soldados nazistas de Dresden. Soldados provavelmente envolvidos com a expulsão e extermínio de judeus. Pessoas que perderam tudo e dormiam em abrigos mal estruturados à espera da benevolência do inimigo ou do próprio governo. Toneladas de bombas depois, todos viraram uma só massa cinzenta.

Argumentar e debater sobre a industrialização e o refúgio em Dresden são caminhos para contrapor os dois principais tópicos das narrativas preponderantes que versam sobre o passado da cidade. Este trabalho não tem como objetivo relativizar a importância de Dresden na Segunda Guerra, mas também não busca ser mais um estudo legitimador da atuação desproporcional do Aliados durante o conflito.

A história de Dresden passa por diferentes momentos: o trauma (os bombardeios), a instrumentalização (Goebbels e a RDA), a culpa (JASPERS, 1946), o silêncio e a negação. Todos estão correlacionados e possuem como origem os bombardeios de 1945, o momento em que a capital da Saxônia passou a ocupar uma posição de lugar traumático.

2.5 QUANDO AS BOMBAS CAEM

No início de 1945, Dresden possuía oitocentos mil habitantes, talvez um milhão, dos quais 640 mil eram cidadãos locais e os demais, refugiados. No ataque aéreo de 13 de fevereiro de 1945, ambos os grupos pagaram com o total de quarenta mil vidas; ao lado de Hamburgo, foi o maior sacrifício imposto a

A construção e o debate anteriores trouxeram uma visão de justificativa e moralidade em relação aos ataques dos Aliados em fevereiro. É fundamental compreender que Dresden era muito mais que uma cidade cultural. Apesar disso, todas as variáveis apontavam para a sua segurança em relação aos ataques, mas a realidade mostrou-se diferente. Na balança da guerra, penderam os argumentos estratégicos acima dos humanitários.

Os ataques a Dresden, em 13 e 14 de fevereiro de 1945, certamente foram as ofensivas aéreas mais contestadas no teatro de operações europeu. A cidade já estava no radar de britânicos, soviéticos e norte-americanos, pois eles a enxergavam como estratégica para o abastecimento de tropas e organização da resistência no Leste.

Caso fosse necessário definir os ataques em uma única palavra, inferno seria a ideal. Para além dos paralelos metafóricos, o inferno de Dresden pode ser entendido pela associação mortalmente perfeita entre o fogo, o caos e a destruição. No desfecho do maior conflito vivenciado pela humanidade, os bombardeios de 1945 foram o pior encerramento possível da guerra na Europa.

A mortandade executada em cidades europeias, assim como a barbárie nazista, coloca em xeque a noção de civilização. Vidas foram perdidas de maneira indiscriminada, combatentes e civis misturaram-se nos entulhos deixados por centenas de máquinas voadoras adaptadas para causar o máximo de aniquilamento e terror possível.

Poderia ser discutida a inserção de Dresden no rol de ataques aéreos às cidades germânicas. Todavia, a análise geral sobre os ataques fora esgotada e o foco na cidade recai sobre aspectos mais específicos, principalmente envolvendo as consequências sociais e políticas dos ataques. Os ataques anglo-norte-americanos devem ser observados a longo prazo, trazendo impactos diretos na política alemã contemporânea, principalmente na antiga RDA (República Democrática Alemã).

Partindo da premissa de que numerosos discursos e grupos extremistas vêm ganhando espaço em regiões específicas da Alemanha, é necessário analisar os elementos que compõem sua narrativa. Discursos cada vez mais negacionistas e relativistas, não só em relação ao Holocausto, mas também aos temas mais sensíveis da história recente alemã, como é o caso da política de portas abertas envolvendo refugiados sírios.

Sem dúvida, a proporção dos ataques foi fundamental para a construção do discurso do pós-guerra. Centenas de aviões carregando variados tipos de explosivos encontraram as condições climáticas perfeitas na noite do dia 13. Era iniciada a *Operação Thunderclap*, a execução de bombardeios às cidades pré-estabelecidas pelo alto-comando dos Aliados.

Visto como o melhor caminho para afetar o aspecto psicológico dos alemães que ainda resistiam, a destruição aérea chegou a Dresden com toda a bagagem estratégica desenvolvida nos anos anteriores. Os ataques a Hamburgo e Colônia ampliaram a tática ofensiva dos Aliados, além do uso de tecnologia avançada na dissuasão de aeronaves inimigas. Mesmo com as melhores defesas aéreas, era quase impossível sair ileso à ofensiva das fortalezas voadoras.

Segundo Taylor (2004), até mesmo os soviéticos colocaram em pauta o bombardeio da cidade. O objetivo do exército de Stalin era frear o fluxo de pessoas que chegava à região e abrir caminhos fundamentais para a entrada no lado oriental da Alemanha. Ao mesmo tempo, era de conhecimento geral que muitos refugiados do Leste estavam indo em direção a Dresden.

Viktor Klemperer já refletia sobre o crescimento da relevância de Dresden por conta dos acontecimentos no Leste europeu. Ele, em 17 de outubro de 1944, escreveu:

Preocupa-me imensamente que nossa situação pessoal tenha sido tão alterada pela eliminação da Hungria. Agora, Dresden pode tornar-se um entroncamento de transporte atrás do front que está mais ameaçado, e isso em muito pouco tempo. Aí deveremos receber pesados ataques aéreos...haverá uma evacuação e, ao mesmo tempo, os casamentos mistos serão desfeitos e os cônjuges judeus enviados para a câmara de gás. (KLEMPERER, 1944, p.370)

O filólogo alemão deixou um dos mais detalhados testemunhos da perseguição nazista e dos bombardeios. Ele só conseguiu escapar do nazismo por conta da confusão generalizada criada pelas bombas. Casado com uma protestante, ele tinha no casamento misto a possibilidade de permanência em Dresden, evitando a deportação para campos de concentração (fato que ele demonstrava temer de maneira constante nos seus relatos). A fragilidade da condição permitida pelo casamento misto era visível no dia a dia de Klemperer: obrigado a usar a estrela de Davi, utilizar o sobrenome Israel, viver em áreas delimitadas para judeus, além das agressões físicas e verbais nas ruas.

(...) então um aviso em grande escala soou. "Se ao menos eles destruíssem tudo", disse com amargura a senhora Sühler, que havia lutado o dia todo, e evidentemente em vão, para libertar seu filho do trabalho (provavelmente trabalho forçado). Houve apenas este primeiro ataque, teria me impressionado como o mais terrível até agora, mas seria superado pela catástrofe posterior. (KLEMPERER, 1945, p. 406)

Conforme as bombas caíam incessantemente, Klemperer compreendeu que a situação era diferente. Dresden já havia sofrido pequenos ataques, mas foram irrelevantes a ponto de o governo nazista mascarar e agir como se não tivessem ocorrido. Todavia, as cenas observadas por Klemperer de cima do Terraço Brühl eram as etapas iniciais da destruição total.

Thunderclap, que pode ser traduzido como trovão, foi a concretização da incapacitação estratégica e militar de Dresden. Contudo, entre a elaboração e a concretização do ataque, muitos elementos devem ser observados, principalmente a proporção de aviões e artefatos explosivos utilizados nos dois dias.

Se o objetivo era limitar a capacidade estratégica e operacional de Dresden receber e enviar soldados e suprimentos, por que destruir completamente a cidade? A resposta está na construção histórica da política de bombardeios da RAF e na ideia de encurtamento do conflito pelos *bombardeios de área*. Levar a tempestade de fogo à cidade classificada por Hitler como uma joia em 1934 (TAYLOR, 2004) enquadrava-se na guerra moral defendida por Harris.

Por outro lado, as defesas de Dresden foram esvaziadas paulatinamente. A administração do antigo *gauleiter*⁵³ e agora *Reichsstatthalter*⁵⁴, Martin Mutschmann, indicado por Adolf Hitler, foi responsável por isso. Ideologicamente fanático, o líder de Dresden responsabilizou-se por dar ordens de prisão e perseguir intelectuais como Otto Dix, expoente da arte de vanguarda demitido da Academia de Dresden.

Além do enraizamento ideológico, Mutschmann era corrupto e fazia valer seus privilégios. Sua atuação contestável durante o período da guerra tem total relação com a catástrofe dos bombardeios, já que em momento algum organizou defesas antiaéreas robustas ou abrigos antibombas que suportassem a população local. Ironicamente, Mutschmann exigiu a construção de abrigos para ele e os funcionários do governo, mas não para os demais habitantes.

_

⁵³ O gauleiter era o responsável pelas áreas administrativas do Terceiro Reich, conhecidas como Gau.

⁵⁴ O *Reichsstatthalter* era o governador do Reich.

Nessa época, em Dresden, quase nenhuma precaução especial havia sido tomada para o caso de ataques aéreos. Os cidadãos eram encorajados a manter por perto baldes de areia e água para combater o fogo. Adegas e porões foram equipados, pelos obedientes ou precavidos, com suprimentos de emergência e porta à prova de fogo. Dresden havia sido excluída da Ordem do Führer de Outubro de 1940 (após os ataques aéreos britânicos em Berlim) que decretara que 81 cidades alemãs iniciariam imediatamente a construção de abrigos certificados contra bombas. (TAYLOR, 2004, p. 172)

Após os ataques, o gauleiter fora criticado por não fornecer os meios básicos para que a população pudesse lutar pela própria vida. Os porões, recomendados como locais seguros, tornaram-se as tumbas de milhares. Dresden reunia características favoráveis ao desastre: população descrente na possibilidade de ataques, lideranças corruptas e ineficazes, relevância estratégica, construções antigas e ausência de defesas.

Não faltavam apenas abrigos na cidade, mas também artilharia de defesa. Ainda na descrença de ataques semelhantes ao de Hamburgo, Dresden foi rebaixada ao conceito *Verteidigungsbereich* (área defensiva). As duas categorias de defesa eram: fortaleza e área defensiva:

Fundamentalmente, uma fortaleza era uma cidade com fortificações permanentes, enquanto uma "área defensiva" era uma localidade que recebia defesas que, por mais formidáveis que fossem, tinham natureza temporária. (TAYLOR, 2004, p. 271)

A mudança, emitida pelo general Heinz Guderian, afetava diretamente as possíveis respostas contra incursões de aviões inimigos. Agora, além de não possuírem locais onde se esconderem, os civis dresdenses não poderiam contar com grandes ações de defesa por parte dos seus militares.

Todas as condições, climáticas e estratégicas contribuíram para potencializar a destruição do dia 13 de fevereiro. O céu estava razoavelmente limpo e os bombardeiros sabiam que a defesa seria ínfima. Sendo assim, 244 bombardeiros ingleses *Lancasters* fizeram a viagem rumo ao Elba, trajeto que durava em torno de cinco horas.

O primeiro passo era disparar os lançadores luminosos que guiariam o despejamento de bombas. Após isso, confirmada a visibilidade, começava a sequência de explosões. Os artefatos explosivos arrancavam telhados, janelas e portas, criando fortes correntes de ar. Aqueles que não ouviam o soar das sirenes morriam nas explosões, os mais atentos corriam para abrigos improvisados em porões ou locais cobertos.

A maioria dos civis de Dresden enfrentou o ataque no modestamente adaptado porão de um prédio ou casa. Havia os sacos de areia, os baldes de água, as ferramentas básicas, mas nada de paredes corta-fogo, de filtros de ar, de portas seladas. Nos grandes abrigos públicos da maior parte das principais cidades alemãs, enormes portas fechavam-se inexoravelmente após o início do ataque. Filtros e lacres mantinham a circulação do ar respirável e impediam a entrada de gases venenosos. (TAYLOR, 2004, p. 301)

Dividido em etapas, o ataque aéreo geralmente reserva o pior para o final. A incursão contra Dresden foi dividida em duas fases e em dois dias. A primeira fase era a explosão, que abria correntes de ar e causava pânico. Em seguida, bombas incendiárias eram lançadas para criar a tempestade de fogo. A forte pressão criada pelas explosões transformou o ambiente ideal e o centro da *Altstadt* tornou-se um tornado de chamas.

Assim como as cidades medievais inglesas, a Florença do Elba possuía em seu centro construções muito antigas e altamente inflamáveis. Sem destino, os refugiados amontoavam-se nas estações de transporte público da cidade. Famílias improvisavam abrigos em porões ou buscavam alguma segurança nos poucos abrigos públicos existentes.

Janelas, portas e telhados já não existiam mais após a primeira carga de ataque. Com a destruição de ruas e avenidas, os bombeiros ficavam impossibilitados de chegarem aos locais de incêndio quando eles começassem. Muitas pessoas abandonaram seus locais seguros após as primeiras bombas, imaginando que o ataque havia sido finalizado. Com a retomada das bombas, os que saíram dificilmente tiveram a oportunidade de retornar.

Os artefatos incendiários foram lançados de maneira consecutiva. Explodiam, lançavam fagulhas e iniciavam focos de incêndio por toda a *Altstadt*. Era a tempestade de fogo mais organizada e eficaz. O centro do incêndio funcionava como um turbilhão que sugava o oxigênio. Muitos eram carbonizados ou asfixiados; outros, desesperados, buscavam abrigo em locais com algum resquício de água. Era o caso das fontes públicas no centro da cidade. Entretanto, o calor era tão forte que transformava a água em uma caldeira em segundos, cozinhando todos que buscavam sobreviver.

Após a primeira fase, a brigada de incêndio entendeu que os bombardeios haviam cessado e se mobilizou para conter o fogo. Contudo, mais aviões haviam decolado da Inglaterra e traziam consigo a mesma estratégia: explosões e incêndios. A tempestade de fogo foi considerada perfeita. O clarão podia ser observado a quilômetros de distância, fato testemunhado pela senhora Elisabeth Wagner, que entrevistei em 2020.

Conheci Elisabeth através dos seus vídeos no Youtube. Durante o início de 2020, suas aulas de inglês gratuitas popularizaram-se e sua história chamou a atenção do portal de notícias Uol. Quando concedeu a entrevista a mim, Elisabeth estava com 85 anos e vivia em São Paulo, local onde nasceu e viveu antes de ir para o Leste europeu. Acompanhando os pais, ela foi para a Tchecoslováquia, onde afirmou ter visto o clarão das bombas de Dresden nos céus. Assim como alguns descendentes germânicos, não conseguiu retornar após a declaração de guerra do governo Vargas à Alemanha.

Segundo Ruth Andreas-Friedrich,

Desta feita, porém, a destruição não foi dobrada, mas sim quadruplicada, na medida em que se valeu das circunstâncias de um ingênuo alívio. Noventa minutos após o final do alerta, quando os habitantes de Dresden já haviam tido tempo suficiente para se espalharem pelo grande Parque Municipal e ao longo das margens do Elba, o alarme soou novamente, mas somente nos subúrbios, pois os equipamentos do núcleo principal não funcionavam mais. O "double blow" (golpe duplo) contava com esta pane para aumentar as perdas humanas. (ANDREAS-FRIEDRICH, p 356, 2006)

O historiador alemão Jörg Friedrich, autor do livro *O incêndio: como os aliados destruíram as cidades alemãs* (2006), faz uma detalhada análise da metodologia dos ataques aéreos a Dresden. Desde o número de aviões à execução intervalada entre uma ofensiva e outra. Enquanto observadores desatentos podem entender a ofensiva de maneira indiscriminada e aleatória, autores como Friedrich concluem que o principal objetivo daquela noite foi alcançado: destruição e pânico.

O primeiro questionamento acerca do ataque, a sua intencionalidade, possui resposta na tentativa contumaz de vencer a guerra causando danos irreversíveis e instaurando o terror psicológico como ferramenta de desestabilização moral da sociedade e tropas alemãs. Após o fim da guerra, o que se viu foi uma crescente desvirtuação das motivações, inseridas em um contexto político bipolar marcado por usos e abusos da memória.

Os meios encontrados pelos Aliados na ofensiva comprovam a intencionalidade de gerar danos na população civil de Dresden, forçando pessoas comuns a saírem de suas casas, procurar abrigos e, assim, encontrarem-se em condição de vulnerabilidade. Era de conhecimento prévio que a cidade não possuía defesas terrestres, os abrigos não comportavam um ataque maciço e as forças de combate a incêndio ficariam sobrecarregadas. Além disso, cientes do avanço soviético no Leste, ingleses e norte-americanos possuíam noção da presença dos refugiados em regiões expostas a qualquer tipo de ataque. Utilizando o conceito de Walzer, questiono: houve justiça nesse ataque?

O *Hauptbahnhof* estava fora do leque (referência à área do ataque) e transbordando refugiados da Frente Oriental. O primeiro ataque permitira a retirada de vários comboios de passageiros da zona urbana, que retornaram após o nº 5 ter concluído a sua tarefa. Em consequência, a estação central passou a ser um dos alvos prioritários do segundo ataque. Assim, foram criados três focos de destruição: os subsolos da Cidade Antiga, as aéreas verdes e a estação ferroviária. (FRIEDRICH, p. 357, 2006)

Os ataques da RAF criaram uma verdadeira catástrofe em Dresden. Corpos foram empilhados em todos os lugares possíveis: porões, bares, chafarizes e até mesmo na estação ferroviária. O morticínio de Dresden é lembrado pelos movimentos extremistas que dominam as narrativas sobre o principal trauma da cidade.

Foi a decisão conjunta do major De Wesselow e do tenente-coronel Le Good, quando a segunda onda avançou sobre Dresden, de abandonar o ponto de mira determinado e bombardear fora das áreas já em chamas que transformou o ataque em sinônimo de massacre. A ação dos dois condenou não apenas grandes áreas dos subúrbios residenciais, mas também os vastos locais de reunião dos desabrigados e dos desalojados (como os especialistas do Ministério do Ar chamaram) – a *Hauptbanhof, o Grosser Garten* e as margens do Elba. Estes locais se tornariam campos de morte sem igual. (TAYLOR, 2004, p. 335)

Assim como ocorrera em Hamburgo e Colônia, Dresden inseriu-se nas linhas da chamada *literatura dos escombros*, com textos que remetem diretamente ao contexto posterior aos ataques. Kurt Vonnegut, renomado escritor norte-americano, era soldado no exército aliado e acabou tornando-se prisioneiro em Dresden. Presente nos ataques, Vonnegut buscou abrigo no frigorífico de um matadouro. Anos depois, ele escreveu *Matadouro cinco* (1969), no qual utilizou o humor e a ficção para retratar o trauma vivido.

Ali dentro havia um hospedeiro cego, sua esposa dotada de visão, que era a cozinheira, e suas duas filhas jovens, que trabalhavam como garçonetes e camareiras. Essa família sabia que Dresden tinha desaparecido. Quem tinha olhos viu a cidade queimar por muito tempo, e compreendeu que agora estavam à beira de um deserto. (VONNEGUT, 2019, p. 241)

Matadouro cinco (1969) é descrito como um livro semiautobiográfico, no qual o autor dialoga com o enredo ficcional de viagem no tempo. O personagem principal, Billy Pilgrim, revive suas memórias de guerra em Dresden e as relata a partir das aventuras vividas pelo contato com um povo extraterrestre.

O matadouro é uma referência ao abatedouro *Ostrangehege*, local conhecido pela presença de prisioneiros norte-americanos. Vonnegut oferece a visão dos prisioneiros que tiveram sua força de trabalho direcionada para ações imediatas em Dresden: trabalho com escombros, cavar buracos e retirada de corpos. No livro, o autor descreve o impacto

causado pela quantidade de mortos e as condições nas quais foram encontrados (totalmente desfigurados ou em perfeito estado, a ponto de parecem vivos).

A partir do trabalho de prisioneiros, Vonnegut escreveu sobre a "mineração de cadáveres", possivelmente uma das atividades mais realizadas após os ataques. Os prisioneiros eram encarregados de cavarem os escombros e encontrarem os corpos soterrados. A tarefa, apesar de trabalhosa, não requeria muito tempo para que obtivesse resultados, visto que o número de cadáveres era expressivo.

Segundo o autor e testemunha, destacou-se nesse período o trabalho feminino. Por conta da mortandade masculina e a sua utilização na frente de batalha, coube às mulheres, sobretudo, as atividades de resgate, escavação e o de um incipiente processo de reconstrução. Sua atuação ganhou notoriedade entre os sobreviventes, rendendo-as o apelido de *Trümmerfrau*, a mulher dos destroços.

Dresden, como outras cidades alemãs, criou nesses tristes primeiros anos do pós-guerra um novo tipo de herói – ou, mais precisamente, devido à escassez de homens, heroína – a Trümmerfrau (mulher dos destroços). Elas são as mulheres que limparam a pior parte dos abrigos bombardeados, cavaram os escombros, fazendo a triagem e preparando pedras em condições de reutilização. (TAYLOR, p.454, 2004)

Foi com a "mineração" que corpos intactos começaram a ser encontrados em abrigos subterrâneos no centro da cidade. Rapidamente, as pilhas de cadáveres aumentaram e proporcionaram a imagem eternizada por fotografias disponíveis em arquivos germânicos.

Os abrigos, tomados por gases tóxicos, renderam experiências marcantes para aqueles que os abriram. Ao mesmo tempo em que existia a possibilidade de encontrar corpos intactos, também era possível abrir as portas e não conseguir determinar quem eram os filhos ou os pais. Corpos completamente desfigurados pelo calor extremo dificultavam ainda mais o trabalho de contagem dos mortos.

Vonnegut descreveu a imagem dos abrigos como um museu de cera, exatamente pela preservação inicial dos corpos. Parecia paradoxal que mortos pelo fogo continuassem intactos como se apenas dormissem um sono profundo. Acontece que a asfixia destacouse entre as principais causas de óbito daqueles que buscaram os abrigos precários. Além disso, o calor externo era tão elevado que os corpos simplesmente cozinhavam e passavam pelo processo de desfiguração de maneira gradual.

De acordo com o superior, tínhamos de ampliar o buraco na membrana e colocar uma escada no buraco para que os corpos pudessem ser retirados de lá. Assim teve início a primeira mina de cadáveres de Dresden. Logo havia centenas de minas de cadáveres em operação. De início não cheiravam mal, eram como museus de cera. Mas os corpos apodreceram e começaram a se liquefazer, e o fedor lembrava rosas e gás de mostarda. (VONNEGUT, 2019, p.283)

Além das perdas humanas, o desastre de Dresden recaiu no espectro arquitetônico. Toda a aura cultural da cidade fora substituída pelo sentimento de incredibilidade em relação às duas noites de fevereiro. Toda a *Altstadt* estava composta por um cenário de chamas, desmoronamentos e escombros que funcionava como cenário para os milhares de mortos. É inevitável destacar a destruição do patrimônio histórico como uma consequência dos ataques Aliados. Somados às perdas humanas, os danos à riqueza cultural local tornaram-se objeto de debate até o presente, visto que a política do governo comunista foi de não-reconstrução, em uma clara intenção de instrumentalizar a catástrofe visível no espaço urbano.

A capital da Saxônia transformou-se em ruínas, um deserto de mortos que ainda jaziam em abrigos lacrados inalcançados durante meses. O patrimônio barroco, a herança da Saxônia e todo o status de "cidade cultural" foram aniquilados. A história da destruição dresdense é marcada pela dupla-consequência de ações humanas, ora de terceiros, ora dos próprios alemães.

Seu status de cidade cultural ficou em xeque ao tornar-se centro de difusão do neonazismo na Saxônia, pagando um preço elevado demais em razão dos ataques de estrangeiros, cujos objetivos eram unicamente o aniquilamento urbano e humano. Desta forma, tem-se a combinação da essência autoritária e bélica dos anos 1940: a destruição humana e material da cidade que era reconhecida pela cultura e tornou-se sinônimo de morte.

Logo após o fim dos ataques, prisioneiros começaram a procurar e reunir os corpos. Os políticos nazistas, principalmente Goebbels, entenderam a gravidade da situação, mas também visualizaram a oportunidade de propaganda.

As testemunhas acabaram em segundo plano em meio aos usos abusivos do que ocorrera em Dresden.

Figura 5: Corpos carbonizados em Dresden.



Fonte: Bundesarchiv/ Autor: Hahn.

Figura 6 - Mapa do bombardeio inglês a Dresden, onde o azul representa as regiões mais atingidas por bombas. A faixa ao Sul do rio Elba, é conhecida como Alstad, e foi a mais atingida.



Figura 7- Centro de Dresden Destruído pelas bombas



Bundesarchiv, Bild 183-Z0309-310 / Fotograf(in): Beyer, G.

Fonte: Bundesarchiv, Bild 183-Z0309-310 / Autor: Beyer, G

Figura 8 - Corpos carbonizados em Dresden



Bundesarchiv, Bild 183-R72629 / Fotograf(in): Hahn

Fonte: Bundesarchiv, Bild 183-R72629 / Autor: Hahn

Figura 9: Refugiados em Dresden.



Bundesarchiv, Bild 183-W0425-015 / Fotograf(in): Löwe, Giso

Fonte: Bundesarchiv/Autor: Giso Löwe.

2.6 "UM INFERNO DE FOGO"

A terra e o mundo ao nosso redor tremiam, coisas voavam, o pó nos tirou o ar; a escuridão e o barulho infernal nos envolveram. Ninguém gritou, não conseguimos nem falar. Silêncio mortal. Quando o soar das explosões de bombas se afastou e finalmente parou, uma voz chamou um nome. A criança saiu dos meus braços. Deve ter achado a mãe. Quando subitamente deu mais um estouro, uma parte do alicerce se abriu. Havíamos aprendido nas lições da Defesa Civil que "onde entra luz, entra ar, e talvez haja uma saída", por isso algumas mãos abriram mais ainda aquele buraco, dandonos a chance de sair⁵⁵.(Alda Niemeyer, 2020.)

Alda Schlemm Niemeyer é uma senhora de 101 anos, natural de Joinville e filha de um bancário alemão. Ela testemunhou o inferno de Dresden e compartilhou suas lembranças para a realização desta pesquisa. Dona Alda, como é chamada, viajou à Alemanha em 1939, com sua passagem de volta já comprada, mas não conseguiu retornar após a eclosão da guerra. A saída encontrada foi se estabelecer no país e esperar os rumos do conflito para poder voltar ao Brasil.

O retorno de Alda só foi possível após a rendição da Alemanha e o fim da Segunda Guerra Mundial na Europa. Durante esse período, ela buscou atividades que

_

⁵⁵ Entrevista concedida ao autor em maio de 2020.

possibilitassem sua estadia e ajudassem nos cuidados aos feridos e enfermos. Juntou-se à Cruz Vermelha e passou a trabalhar em uma clínica dentária.

A senhora Niemeyer vivia em Dresden no ano de 1945, ocupando um quarto de pensão na cidade. Ela descreve a vida na Alemanha de maneira alegre, sempre reforçando a importância do período para a sua formação como pessoa. Atendia soldados feridos que chegavam à cidade e, além disso, possuía a obrigação de se apresentar às autoridades a cada 4 semanas por ser estrangeira vivendo em solo alemão.

Quando perguntada sobre as preparações locais para possíveis ataques estrangeiros, Alda é direta ao apontar que a população recebia instruções da Defesa Civil e as sirenes eram constantemente tocadas como "alerta de perigo". Contudo, sua percepção inclui-se em parte do senso comum sobre Dresden, alegando que a cidade não possuía relevância bélica para tais ataques. Ao mesmo tempo, ela reforça a importância de Dresden como entroncamento ferroviário.

A Defesa Civil havia preparado muito bem a população. Sirenes anunciavam "perigo". Só que na verdade ninguém esperava um ataque aéreo a Dresden, pois sabia-se que havia a intenção de preservar a cidade. Nela não havia indústria bélica e a cidade também servia como passagem para quem ia ou vinha do leste. Era uma importante rota ferroviária. (Alda Niemeyer, 2020.)

Destaco aqui o argumento da "preservação da cidade" defendido pela entrevistada. Suas falas estão carregadas do senso comum em relação a Dresden, nos quais ela enxerga a cidade a partir da riqueza cultural e da insignificância bélica. Cidades como Hamburgo e Colônia foram bombardeadas por serem grandes centros, mas Dresden era vista de forma diferente, ou deveria ser.

Como Dresden era uma cidade sem grandes indústrias, mas de rica arquitetura e ativa vida cultural, ninguém achava, realmente, que seria um alvo de bombardeios. Mas, a decisão de Churchill de destruir por completo justo esta cidade podemos chamar o bombardeio de puro terror. Preventivamente foi feito um treinamento para caso de bombardeio, como em todas as cidades alemãs. Anos depois, soubemos que na Inglaterra havia um mapa da cidade de Dresden, no qual foi demarcada a área a ser destruída: todo o centro da cidade, e arredores. Foram três bombardeios, nos dias 13 e 14 de fevereiro de 1945. (Alda Niemeyer, 2020.)

Neste trecho, Alda utiliza a palavra "terror" para classificar os bombardeios ingleses. Nota-se que sua resposta carrega elementos da sua experiência como testemunha e muito do que foi falado após a guerra. Deste modo, ela reforça não apenas os ataques,

mas seus alvos (centro da cidade), expressando sua consternação com a destruição da *Altstadt*.

A resposta mais rica em detalhes da entrevistada ocorreu quando perguntei sobre os dias dos bombardeios e como ela conseguiu escapar. Basicamente, a ideia era compreender como aqueles dois dias de 1945 (13 e 14 de fevereiro) ainda eram lembrados pela testemunha e de que forma os fatos posteriores (números de mortos manipulados, mito da vítima, disputa pela narrativa do passado etc.) influenciaram na sua visão.

Alda passou por todo o processo descrito em livros e na documentação referentes aos bombardeios. As janelas e os telhados da casa onde estava foram arrancados pela pressão das bombas e, com isso, buscou refúgio em um porão abarrotado de pessoas. Ela conseguiu escapar com vida do porão graças à explosão de uma bomba que abriu espaço para a saída. Depois disso, o caminho tomado foi semelhante ao da maioria dos sobreviventes: correr rumo ao Elba. O rio, que é a principal característica natural da cidade, tonou-se a maior chance de sobrevivência.

Chegando ao Elba, Alda conseguiu visualizar a nova realidade de Dresden: "Tudo ao redor em chamas, não se identificava mais a rua, só destroços e escombros em chamas". Por fim, ela tornou-se uma das milhares de pessoas que abandonaram Dresden em busca de abrigo, comida e cuidados médicos.

Só via a diferença de claridade e escuridão. Meu anjo da guarda sempre foi forte. Havíamos batida à porta de um médico. Ele me conduziu para dentro e me colocou numa cadeira, duas mãos seguravam minha cabeça, alguém soluçou ao meu lado. O médico lavou meu rosto, ensanguentado, cuidou da ferida e colocou gotas (remédio) na minha vista. Depois continuamos a nossa marcha na estrada, entre muitos outros sobreviventes e refugiados. Andei como todos, com fome, com frio e envolvida em pavor. Não vi nada naqueles dias, só ouvi suspiros e soluços no meu lado. Até que aos poucos voltei a ver. Caminhamos durante o dia, não havia condução nenhuma. Achamos um abrigo numa casa de um casal já mais idoso, ficamos lá até que meus olhos voltaram a enxergar. Depois continuamos nossa caminhada até uma cidadezinha na divisa com a Tchecoslováquia, onde aguardamos o fim da guerra. (Alda Niemeyer, 2020.)

Entrevistar Alda Niemeyer possibilitou-me a compreensão das narrativas sobre os ataques a Dresden tão debatidas de maneira teórica. Diferentemente dos movimentos antinazistas da cidade, especificamente o *Dresden Nazifrei*, que justificam completamente os bombardeios Aliados, a sobrevivente destaca a importância de Dresden e a sua incompreensão em relação ao motivo dos ataques. Isso reforça uma ideia fundamental para o desenvolvimento do debate sobre memória e História em Dresden:

sobreviventes podem questionar os ataques e reforçar a sua condição de vítimas, mas isso não os coloca automaticamente no campo da extrema-direita.

2.7 REVIRANDO ESCOMBROS, CONTANDO MORTOS

O esforço do Comando de Bombardeiros na noite passada, no qual 16 aviões foram perdidos e que incluiu um grande ataque duplo a Dresden, bem como o ataque à refinaria de combustível em Böhlen, foi seguido nesta manhã por um grande ataque da 8ª Força Aérea na mesma área, contra alvos de transporte e industriais em Dresden, Chemnitz – que fica um pouco mais distante na Alemanha – praticamente fora da Alemanha e dentro da Tchecoslováquia. (TAYLOR, p.415, 2004)

O trecho acima, reproduzido por Frederick Taylor, refere-se a uma declaração emitida pelo SHAEF (*Supreme Headquarters Allied Extraordinary Force*) no dia 14 de fevereiro de 1945. Parte de uma coletiva de imprensa já habitual, o comunicado visava a descrever e justificar as ações realizadas nos últimos dois dias em Dresden. Desta forma, destacou-se o papel estratégico que a cidade ocupava em relação ao front oriental.

Em meio ao furor da guerra, a missão bem-sucedida soou como o prelúdio de uma vitória certa. Aviões aliados cruzaram meia Europa para destruir a cidade alemã, gerando números consideráveis de avarias e mortes. Nos primeiros dias que sucederam ao ataque, o saldo da operação foi extremamente positivo para as lideranças dos Aliados.

Nem mesmo as estimativas iniciais do número de mortos causavam grandes desconfortos na opinião pública, já que eram vistos como consequências das suas próprias ações como agentes invasores. Jornais como *Daily Sketch* e *Manchester Guardian* publicaram notícias que traziam: "Golpes desferidos por mais de 3.600 aviões da RAF e dos EUA à frente do Exército Vermelho" e "Dresden em chamas no primeiro ataque da RAF" (TAYLOR, 2004).

O que as manchetes demonstravam era a propensão ao apoio por meio da propaganda, fato que parecia difícil de ser modificado naquele momento da guerra. Por mais que os bombardeios fossem avassaladores, possuíam justificativas plausíveis para serem efetuados, visto que a imprensa tornava a guerra justa pois possuía motivos para tal.

Joseph Goebbels, o ministro da propaganda do Reich, encontrava-se em um dilema em relação a Dresden. Apropriar-se dos números elevados dos bombardeios ou ignorar completamente a cidade que ardia em chamas na Saxônia? A primeira opção possibilitaria

a instrumentalização das mortes na campanha de desmoralização dos Aliados, que passariam a ser moralmente questionados ao longo do conflito.

Contudo, optar pela argumentação inflamada sobre os efeitos dos ataques poderia ser um tiro pela culatra. Caso os alemães compreendessem a queda de Dresden como fraqueza, o moral já abalado poderia desmoronar de vez. O que seria o questionamento dos ingleses e norte-americanos passaria a ser a sepultura do Terceiro Reich na política de guerra total. Por isso, não era tão banal.

Por outro lado, simplesmente ignorar Dresden levaria em consideração a memória de curto prazo em relação aos seguidos bombardeios efetuados ao longo da guerra. Agora foi Dresden, amanhã será outra cidade – alemã ou inglesa. Passar por um ataque dessa magnitude seria tratado com naturalidade em tempos de guerra e quanto menos fosse falado, melhor para a preservação do moral daqueles que ainda apoiavam nacional-socialismo.

Além de soar como descomprometimento em relação aos seus cidadãos, a opção pelo silêncio ofereceria toda a narrativa dos ataques aos seus perpetradores. Tudo o que era dito sobre Dresden partia da imprensa, militares e observadores Aliados. Portanto, se a cidade era realmente fundamental para os esforços de guerra, essa seria a narrativa vigente, uma vez que somente o lado vitorioso ditava seus argumentos.

Para Goebbels, muito mais importante do que justiça, era a propaganda. E foi ela – não a nazista, mas sim a aliada – que possibilitou a explosão da instrumentalização de Dresden para os anos posteriores. Ao escrever sobre os ataques dos dias 13 e 14, o correspondente da Associated Press, Howard Cowan, submeteu o seguinte texto para a censura das forças armadas:

Os chefes aéreos aliados tomaram a, há muito esperada, decisão de adotar o deliberado bombardeio de terror contra grandes centros populacionais alemães como impiedoso expediente para acelerar o fim de Hitler. Mais incursões com as recentemente realizadas por bombardeiros britânicos e americanos em seções residenciais de Berlim, Dresden, Chemnitz e Cottbus estão à espera do Reich, com o declarado propósito de lançar mais confusão sobre o emaranhado tráfego nazista e destruir o moral alemão. A guerra aérea total contra a Alemanha tornou-se óbvia duas semanas atrás com um ataque diurno sem precedentes à capital cheia de refugiados e subsequentes ataques a outras cidades inundadas por civis fugindo da onda russa no leste. (TAYLOR, p.417, 2004, apud COWAN, 1945)

O texto de Cowan, que deveria ter sido censurado de acordo com as premissas em vigor, acabou passando sem grandes alterações. Era o retorno do debate público sobre o

uso dos bombardeios como instrumento de terror indiscriminado. Ademais, outro elemento tornou o debate ainda mais acalorado: Dresden era o exemplo concreto das extrapolações da RAF. Era tudo o que Goebbels precisava para levar adiante a sua guerra de propaganda.

Mitos, lendas e exageros começaram a surgir ainda durante as chamas causadas pelas explosões. As chamadas "áreas mortas", por exemplo, tornaram-se elementos presentes no imaginário coletivo de todos que participara ativamente das escavações após as bombas. Eram bairros e ruas onde os escombros impossibilitavam a chegadas das equipes de limpeza, tornando a retirada de corpos improvável. Com o tempo, as próprias equipes difundiram o mito de que diversos porões foram selados sem que qualquer corpo fosse retirado, criando verdadeiros sarcófagos urbanos em Dresden.

De longe, o aspecto mais relevante no debate sobre Dresden foi o número de mortos. As estimativas continuaram variando ao longo dos anos do pós-guerra. Os relatórios iniciais apontavam números que beiravam a casa dos 25 mil mortos, uma quantidade considerável, mas ainda inferior quando comparada com outras cidades atacadas no mesmo período.

Segundo o "Relatório Final" da *Polícia da Ordem do Reich*:

Avaliação até a manhã de 10 de março: 18.375 mortos, 2.212 seriamente feridos, 350 mil desabrigados e transferidos a longo prazo... O número total de mortos, incluindo estrangeiros é estimado — com base em experiência e avaliações na época da recuperação de corpos — em aproximadamente 25 mil. Embaixo da massa de escombros, especialmente no centro da cidade, pode haver muitos outros milhares de mortos, que, pelo momento, se encontram totalmente sem condições de recuperação. (TAYLOR, p. 406, 2004)

O grande dilema envolvendo o número de mortos envolve a questão dos desaparecidos, a maioria soterrada nas "áreas mortas". Devido à magnitude da destruição, eram tratados como mortos e aumentavam os números. O problema é que o aumento não acompanhava a realidade, mas sim a vontade política do Ministério da Propaganda.

Após observar as consequências sofridas por conta das ações dos Aliados, Goebbels municiou todo o aparato propagandístico do Reich para elevar o número de vítimas e classificar Dresden como o verdadeiro massacre da guerra. Imagens dos corpos e da cidade destruída passaram a ser exploradas a favor do nazismo, trazendo consequências diretas às lideranças inimigas.

As fotografías e os relatos dos ataques correram o mundo, gerando espanto e questionamentos imediatos. Pilhas de corpos irreconhecíveis ditavam a narrativa da suposta carnificina cometida pelos Aliados. Parecia inconcebível que, já no desfecho do conflito, ingleses e norte-americanos fossem capazes de reproduzir atos típicos do regime contra o qual lutavam.

Churchill, o comandante das principais forças envolvidas na execução da *Thunderclap*, antes elogiado, passou a ser criticado duramente pela opinião pública, a qual já entendia o terror por meio de bombardeios um excesso. Além disso, era Dresden o alvo da vez. Muitos europeus possuíam a visão da cidade oriunda dos cartões-postais e viagens que narravam passeios às margens do rio Elba.

Como consequência, Arthur Harris encerrou sua participação na guerra sem condecorações ou menções honrosas. O grupo que se propôs a encerrar o conflito por meio do terror serviu de bode expiratório para os crescentes questionamentos ao alto comando inglês. O já citado memorial do comando de bombardeiros é uma tentativa recente de valorizar a memória deste grupo tão presente na trajetória inglesa durante a guerra.

Se antes os jornais estrangeiros pendiam a favor dos ataques, Goebbels utilizou sua capacidade de manipulação para virar o jogo. Aproximando-se dos embaixadores alemães em países neutros, o ministro incentivou narrativas insufladas de crianças desfiguradas pelo fósforo e todo o tipo de imagens que pudessem comover a opinião pública.

Era o início, também, do que Taylor classifica como *jogo dos números* (TAYLOR, 2004). Conforme as manchetes eram tomadas pela narrativa alemã, os números de mortos cresciam exponencialmente. Em 25 de fevereiro, o jornal sueco *Svenska Dagbladet*⁵⁶ falava em "200 mil mortos" na Florença do Elba. Vale ressaltar que essas eram estimativas "extraoficiais", já que o relatório oficial só seria finalizado em março do mesmo ano.

Em relação às estimativas de refugiados exploradas pela propaganda alemã, falavase em 600 mil mortes para um número de 2 milhões de pessoas presentes em Dresden nesta condição (TAYLOR, 2004). A vulnerabilidade dos deslocados ganhara corpo na

_

⁵⁶ Jornal diário sueco.

vitimização de Goebbels, dando a entender que os Aliados pouco se preocupavam com a distinção legal entre civis e militares durante a guerra.

O jogo dos números seguiu mesmo após a conclusão dos relatórios, pois a condição dos desaparecidos entrava na discussão sobre quem era ou não vítima fatal e os relatórios eram omitidos ou manipulados. As possibilidades de usos desse massacre mostraram-se diversas, atravessando todo o século XX por meio da instrumentalização negacionista do passado.

Também há boas razões para acreditar que mais tarde, em março, cópias – ou pelo menos extratos – de uma suplementar "Ordem do dia nº 47" (Tagesbefehl 47) da Polícia e das SS de Dresden, que havia circulado uma semana após o "Relatório Final", foram vazadas para a imprensa neutra pelo Ministério da Propaganda, de Goebbels. Nesse documento, contudo, a estimativa revista de mortos já recuperados em Dresden durante as quatro semanas anteriores (20.204) foi manipulada com um zero extra para chegar a 202.040. (TAYLOR, p. 426, 2004)

Cópias do relatório citado por Taylor continuaram causando debates após a guerra. O agitador político e negacionista David Irving é um dos principais difusores da tese das "centenas de milhares" em relação aos mortos em Dresden. Vale dizer que o relatório final não estava disponibilizado até a década de 1960. A mudança veio com o livro *Inferno Dresden* (1965), de Walter Weidauer, ex-prefeito de Dresden.

Em uma palestra sobre o seu livro, Weidauer recebeu das mãos de uma mulher, nora de um ex-coronel da Polícia de Ordem, as 11 páginas do relatório finalizado em 1945. Nele constavam as estimativas mais plausíveis e aceitas até hoje em relação aos bombardeios, números que são contestados pelos adeptos do *Holocausto das bombas*.

O *bombenholocaust*⁵⁷ surgiu como ideia e ganhou forma de movimento político no tempo presente. Aos inflar os números de mortos, Goebbels sabia que estava abrindo o precedente do questionamento. Jogar a opinião pública contra os Aliados era a melhor forma de deslegitimar suas ações e, principalmente, relativizar as atrocidades cometidas pelos nazistas ao longo da guerra.

A primeira tentativa de instrumentalização foi política, com Goebbels sugestionando aos seus pares a saída alemã da Convenção de Genebra⁵⁸, série de acordos que versam sobre o direito humanitário na guerra. Segundo o ministro, era a oportunidade perfeita para romper com acordo que favoreciam o inimigo e não mais a Alemanha.

_

⁵⁷ Holocausto das bombas.

⁵⁸ Série de acordos que versam sobre o direito da guerra.

Os britânicos sustentam que desde 1º de março os anglo-americanos fizeram 300.000 prisioneiros. Isso parece-me altamente exagerado; na verdade, porém, muitas de nossas unidades se entregaram quando não havia necessidade urgente de fazê-lo. Seria teria sido melhor se tivéssemos nos retirado da Convenção de Genebra na altura do bombardeamento de Dresden. Todos os rapazes do governo se opuseram à ideia. Agora meu ponto de vista foi mais uma vez provado certo. (GOEBBELS, p.241, 1945)

Nos seus diários do ano de 1945, Goebbels cita Dresden ao menos 22 vezes, sempre com alguma referência aos bombardeios. De fato, os acontecimentos de fevereiro pareceram marcar fortemente a vida política do ministro nazista, deixando clara a sua obsessão com o tema até os últimos dias do Reich e a forma como um líder de um regime totalitário pode utilizar o passado, ainda que recente, a seu favor.

A relevância de Goebbels para este trabalho vai além da sua posição como figura de poder na hierarquia nazista. O chefe da propaganda foi peça fundamental na construção de narrativas que dão base para os recentes embates no campo da memória em Dresden. Em primeiro lugar, sua manipulação das vítimas dos bombardeios. Após isso, o crescente deslocamento da cidade para a condição de vítima, esvaziando completamente seu papel de relevância durante os anos de nacional-socialismo.

A partir das manipulações históricas de Goebbels, nomes como David Irving tomaram Dresden como objeto de estudo. Irving iniciou com estudos que foram referência no assunto, mas depois aproximou-se de movimentos neonazistas. São endossados por ele os principais argumentos utilizados pelos grupos que marcham na capital da Saxônia todo dia 13 de fevereiro.

Com as supostas 200 mil mortes, tornou-se inevitável questionar as reais intenções dos aviões anglo-norte-americanos naquela noite. Destruir fábricas, inviabilizar rotas de suprimentos ou um extermínio? Os argumentos da *verdadeira Auschwitz* e do *Holocausto das bombas* encontraram terreno fértil nos anos de Alemanha comunista, Estado marcado pelo totalitarismo, silenciamento e o ressentimento da culpa (JASPERS, 1946).

3. CAPÍTULO 3: OS ABUSOS, A CULPA E A NEGAÇÃO

3.1 CONSTRUINDO A MEMÓRIA TRAUMÁTICA

Ao fim de maio de 1945, a Alemanha enfrentava o peso de mais uma derrota. Diferentemente do conflito anterior, recaía sobre o povo germânico a culpa e o ressentimento causados pela destruição da vida humana. Não se tratava mais do

encerramento da guerra na sua essência, mas sim o fim do período no qual o sentido de humanidade parecia não fazer mais sentido.

As cidades em destroços, os desaparecidos e os corpos em estado de putrefação ofereciam ao mais simples observador perspectivas desoladoras em relação ao futuro e à memória mais fúnebre do passado. Enquanto políticos discutiam os rumos da Alemanha, o povo dividia-se em tarefas que iam de carregar pedras à busca por alimentos para o inverno.

Enquanto preocupavam-se com as necessidades humanas mais básicas, os sobreviventes da guerra ainda tinham novas demandas para tirar seu sono. A principal delas era a divisão do país entre os Aliados ocidentais e a União Soviética, a primeira nação a adentrar em Berlim na queda do Reich. Os russos eram vistos com desdém por parte da sociedade, a qual os acusava de violações e brutalidade.

Por outro lado, grupos e partidos políticos de esquerda, que voltavam a existir de maneira gradual, enxergavam na União Soviética uma esperança de futuro. Aos poucos, definiu-se a divisão da Alemanha em dois Estados soberanos: a República Federal da Alemanha, com forte influência dos Estados Unidos, e a República Democrática Alemã, sob a influência do socialismo soviético. Era o início da guerra fria, período em que as disputas ideológicas pautaram as narrativas históricas por meio da negação e instrumentalização do passado.

O momento inicial do pós-guerra foi fundamental para a construção de conceitos e narrativas que perpassaram o século XX e apresentam-se como principais pautas de movimentos políticos atuais. É necessário frisar que a abordagem dada ao trauma é determinante para compreender os usos do passado pelas gerações futuras. Os bombardeios de Dresden foram a prova desse processo.

O estudo de movimentos extremistas requer, principalmente, a análise dos seus elementos semânticos e a construção da sua narrativa política. Essas questões podem variar de acordo com o tempo, local e cultura. Por exemplo: um movimento supremacista branco nos Estados Unidos possui sua narrativa repleta de elementos que fazem referência ao período da Guerra de Secessão (1861-65)⁵⁹. Da mesma forma, grupos nacionalistas no

⁵⁹ Também chamada de Guerra Civil Americana. Foi o conflito que colocou em lados opostos as tropas do Norte, abolicionista, e as tropa do Sul, escravocrata.

Leste europeu utilizam do ressentimento gerado durante o totalitarismo comunista para validar sua própria visão despótica.

No caso de Dresden, ainda mais específico que a questão nacional alemã, os bombardeios são o ponto de partida para a construção de memórias traumáticas. Pode-se definir que o trauma, o momento em que presente e passado são marcados pela violência, perda e destruição, aconteceu no ano de 1945 a partir dos ataques Aliados. O que veio a seguir foi o longo processo envolvendo usos, abusos e silenciamentos do passado.

Os fatos ocorridos na cidade foram observados a partir de diferentes perspectivas e, portanto, possuem variadas narrativas a seu respeito. Um exemplo claro foi o do já citado Viktor Klemperer, alemão judeu que vivenciou a destruição das bombas, mas que só conseguiu a liberdade por conta dos ataques. Seu ponto de vista e, consequentemente, sua memória individual, certamente difere da experiência testemunhal vivenciada por pilotos ingleses envolvidos no lançamento das bombas.

Assim como determinou Jacques Le Goff (1990), a memória e a História diferenciam-se na sua essência. A memória, para além do sentido psicanalítico do termo, possibilita a vividez do passado, evitando, assim, a sua cristalização no distanciamento temporal com o presente. A memória carrega o passado consigo por meio dos seus instrumentos e o mantém vivo no presente, possibilitando o contato diário com fatos que se iniciaram há meses ou anos.

Além disso, a História não tem como característica a glorificação do passado ou a sua apropriação a partir do presente, enquanto a memória pode recair em um caráter celebratório sem possuir a criticidade característica da História. Ao lidar de maneira crítica e metodológica com o passado, o historiador deve desvencilhar-se dos interesses passionais e fazer valer o pragmatismo da ciência.

A partir do distanciamento crítico, cabe ao historiador questionar a memória. Sendo ela um instrumento de compreensão do passado, é possível torná-la objeto de estudo a partir dos elementos inerentes à pesquisa histórica. São os casos de museus, memoriais e lugares de memória que passam de uma narrativa celebratória para a visão crítica e verossímil de fatos já ocorridos.

A problematização do passado não invalida a memória, visto que esta é uma das principais formas de transmissão do passado entre diferentes sociedades. Muito associada à oralidade, ela recebeu diferentes concepções e variações ao longo da História, nas quais

os meios de transmissão mudaram de acordo com as transformações sociais. Le Goff aponta que a escrita foi cada vez mais associada à transmissão do passado e permitiu uma evolução nos testemunhos e memórias.

A memória, celebratória ou não, busca eternizar o passado e mantê-lo presente no cotidiano daqueles que compartilham suas lembranças individuais em um espaço coletivo (HALBWACHS, 2017). Essa eternização encontra espaço nas cidades, nos cânticos, na literatura e em diferentes meios de transmissão.

Os meios de transmissão correspondem às maneiras como a memória será repassada ao longo das gerações, possibilitando a sua perpetuação no presente. É a forma como o passado será constantemente reproduzido às gerações vindouras e de que maneira a memória será constituída como ferramenta de compreensão de fatos passados.

Segundo Pierre Nora, os meios de transmissão da experiência passada foram diretamente afetados pela modernidade. Por outro lado, o autor francês propõe um novo conceito para os estudos mnemônicos: o *lugar de memória*. "Lugares", físicos ou não, que carregam em sua essência a memória fundamental para a construção de ideais de nação e Estado. A profusão de lugares de memória representa a falência dos seus meios tradicionais de transmissão e a formação de novos símbolos.

O período correspondente à Segunda Guerra e, consequentemente, ao nazismo, é aquele que tem o maior número de referências elaboradas por memoriais, museus e outros lugares de memória do século XX em diante. Não se trata somente da memória nacional ou simplesmente celebratória, mas de uma memória violenta, involuntária e traumática. Foi a partir do trauma que as gerações de europeus do pós-guerra foram habituadas a lidar com suas memórias.

Compreendendo o conceito de *memória coletiva* elaborado por Maurice Halbwachs (2017), é possível destacar a importância do trauma na estruturação das concepções individuais de memória. Não é apenas uma memória para todos os indivíduos, mas diferentes perspectivas mnemônicas influenciadas pela construção coletiva dos fatos. A memória coletiva é influenciada e influencia as memórias individuais.

No mais, se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, e que se apoiam uma sobre a outra, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cara um deles. Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda

No caso das cidades alemãs bombardeadas, o trauma é peça inerente a memória construída após a guerra. Foram indivíduos que moldaram sua visão do passado a partir da perda e da destruição, possibilitando assim a formação da memória coletiva moldada pela experiência traumática. De toda forma, tal experiência não desapareceu com o passar do tempo, apenas se tornou mais enraizada à realidade social daquele grupo.

Aleida Assmann, linguista alemã, aponta que a visão de Nora sobre os lugares de memória e a modernidade relaciona-se com a glorificação da nação através das grandes façanhas e seus heróis. Segundo a autora, a modernidade não foi a responsável pela profusão dos lugares de memória, mas sim as experiências traumáticas causada pelos regimes políticos totalitários do século XX. O genocídio e a guerra deixaram marcas irreparáveis na memória individual e coletiva dos europeus, formando uma relação entre os indivíduos e o seu meio. Assim, Assmann formula outro conceito: "espaços da recordação".

De fato, os espaços da recordação tornam-se meios de transmissão da memória, mas principalmente de maneira involuntária e traumática. Os espaços traumáticos são constituídos à revelia, são frutos da destruição e do trauma geralmente causados pela guerra. De Auschwitz a Dresden, multiplicam-se os exemplos passíveis de análise.

Inserida no conceito criada por Assmann, Dresden era uma cidade em ruínas em meio à incerteza política. Sua história recente pode ser compreendida a partir de três conceitos basilares: o trauma, o silêncio e a culpa. A partir desses três conceitos, definemse e entendem-se as ações, oficiais ou não, que decorreram das apropriações do passado e das suas consequentes negações.

O trauma, citado anteriormente, é o ponto de distinção em relação às demais cidades alemãs. Não se trata apenas da destruição, mas das suas condições e do seu impacto na memória coletiva dresdense. É necessário frisar que o trauma não é um fato momentâneo, mas um processo contínuo e presente no imaginário de pessoas e do próprio espaço urbano.

Quando não abordado, o trauma parece desaparecer. Contudo, o que ocorre é o seu recalcamento e o crescente ressentimento em relação às marcas do passado que insistem em permanecer vivas. A experiência traumática é parte integrante da memória –

individual, coletiva e intergeracional – e proporciona consequências que se alongam no tempo.

Um jovem que hoje vive em Dresden possivelmente tem a sua história influenciada, direta ou indiretamente, pelos fatos ocorridos há 77 anos. Seja na narrativa familiar ou no impacto gerado pelo espaço urbano, o trauma faz-se atuante no presente. É a dinâmica da memória influenciada pelos processos violentos que se multiplicaram ao longo do século XX.

3.2 O TRAUMA NA CONSOLIDAÇÃO DA RDA

A concepção de trauma também é uma ferramenta política de valor para governos em construção. Durante a consolidação da República Democrática Alemã, a memória traumática dos bombardeios tornou-se um instrumento narrativo para um governo que buscava colocar-se como principal representante do antifascismo e, depois, deslegitimar as ações ocidentais.

Para o governo da Alemanha comunista, Dresden ocupou dois espaços que se transformaram ao longo da guerra fria. Primeiro, a destruição da cidade representava a consequência do nazismo, regime que os comunistas faziam questão de manter oposição e evitar conceituações que aproximavam o Stalinismo ao Hitlerismo. Enquanto se colocavam como principais agentes *desnazificadores*, os comunistas reforçavam o peso histórico negativo do nazismo.

O processo de desnazificação já demonstrava a discrepância política das duas Alemanhas, fato que ia além dos sistemas político-econômicos vigentes. Na região oriental, antigos carrascos eram presos e toda a estrutura política passava por um processo de burocratização aos moldes do socialismo soviético. Contudo, as ações contra antigos nazistas foram mais claras nos anos iniciais do pós-guerra, perdendo força com o decorrer do tempo.

Não era o povo alemão que estava à frente do início da *desnazificação*, mas os Aliados. Assim como os tribunais do pós-guerra foram coordenados pelos vencedores, fato analisado por Hannah Arendt ao acompanhar o julgamento de Adolf Eichmann⁶⁰,

_

⁶⁰ ARENDT, Hannah. **Eichmmann em Jerusalém**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

experiência a partir da qual formulou o conceito de banalidade do mal. Incialmente, os Aliados adotaram a chamada política dos 4D's: *democratizar, descentralizar, desnazificar* e *desmilitarizar*.

É um erro, portanto, compreender a desnazificação como fato isolado. Ela foi parte do projeto de ocupação da Alemanha, a qual caminhou para a reprodução clara da bipolaridade entre norte-americanos e soviéticos, chegando à construção do muro em 1961. O três D's restantes eram mais passíveis de êxito do que ir de encontro aos valores difundidos pelo nazismo.

Outro ponto é a profundidade da doutrina e a sua representação. Os julgamentos de Nuremberg, iniciados em 1945, buscaram condenar criminosos de guerra, lidar com os crimes contra a humanidade, classificar o RSHA (*Reichssicherheitshauptamt*, ou, gabinete de segurança do Reich) como organização criminosa e condenar lideranças nazistas. O *Führer* jamais foi julgado, tirou a própria vida para não cair em mãos soviéticas. Goebbels tirou sua vida, da esposa e dos filhos. Himmler também recorreu ao suicídio. Goering chegou perto da execução, mas se matou em sua cela.

Portanto, grande parte do alto escalão já estava morto antes do julgamento. Certamente, outras figuras de poder ainda estavam vivas, não à toa foram julgadas e executadas, geralmente com enforcamento. Entretanto, qual é o impacto social da execução pensando enraizamento do movimento?

Robert Gellately dedica sua pesquisa ao apoio da sociedade alemã ao nazismo, presente em vertentes como as denúncias de populares à Gestapo. Tais denúncias muitas vezes possuíam interesses próprios, mas outras eram claras simpatias ao movimento. Outra vertente é o suposto desconhecimento dos campos de concentração, muito presente em frases como "nós não sabíamos". Este desconhecimento é irreal; grande parte dos alemães sabia, mas agiu como se os campos pertencessem a outro mundo.

Fora os cidadãos comuns, os membros do "baixo escalão" também podem entrar nesta abordagem. O caso da Gestapo é clássico, como exposto por Frank McDonough. A polícia secreta utilizou grande parte do efetivo prussiano de policiais criminais, muitos não filiados ao nazismo antes da ascensão de 1933. As lideranças eram dadas a indivíduos doutrinados recrutados em faculdades de direito. Nos julgamentos de Nuremberg, a defesa da Gestapo apontou o argumento segundo o qual a sua polícia política fora

constituída por policiais comuns. Com isso, tentava evitar a classificação de "organização criminosa", recurso que acabou fracassando.

Além desses casos, podemos citar o poder judiciário e a religião. Para a manutenção de cargos públicos, a Justiça se rendeu ao nazismo. Eichmann defendia agir dentro das normas ao realizar seu trabalho, a realidade é que a suposta legalidade estava nas mãos do nazismo, o que expõe a complexidade do tema. Entre os religiosos, as igrejas sofreram com divisões internas: grupos apoiadores do nazismo e grupos perseguidos.

Como seria possível lidar com esses e outros segmentos sociais influenciados pela magnitude do Terceiro Reich? O método adotado pelos aliados mostrou-se ineficaz desde a sua gênese: utilizar tribunais de *desnazificação*, formulários para levantamento de nazistas, utilização de "ex-nazistas" na limpeza das ruas destruídas com ração diária reduzida e exposição de documentários com imagens da realidade da guerra.

Os formulários fracassaram principalmente pelo número elevado de indivíduos preenchendo. Outro fator determinante foi o crescente desinteresse dos alemães em relação às potências ocupantes. Por que seriam eles os responsáveis pelo futuro da Alemanha? Qual a propriedade que teriam sobre o passado e o futuro da nação? É um equívoco conceber o arrependimento imediato de antigos membros das fileiras nazistas, o que influenciava na persistência do clima de "nós e eles".

Conforme a década de quarenta ia caminhando para seu encerramento, as rivalidades geopolíticas acirraram-se. A Alemanha virou palco dessas divergências entre modelos antagônicos e a *desnazificação* passou por dois momentos quando inserida nessa realidade: instrumentalização e abandono.

A instrumentalização ocorre no campo da propaganda. No Leste, corria a história de que os ocidentais eram complacentes com os antigos nazistas, muitas vezes tomando-os como aliados. Os soviéticos, de início, eram mais duros com os nazistas, enviando-os para campos de trabalho ou condenando-os à morte. Outras acusações iam no sentido de associar nomes da redemocratização com o passado nazista.

O abandono foi progressivo e teve total influência da guerra fria. Conforme os interesses foram sendo centralizados na disputa global, o foco interno foi sendo solapado pelas duas potências. Um caso clássico foi a utilização dos bombardeios de Dresden (1945) como objeto de ataque aos ocidentais. Soviéticos exploraram o "crime de guerra não reconhecido" cometido pelos ocidentais.

O ano de 1948 é visto como o fim da *desnazificação* e as consequências do abandono corroboram a ideia do fracasso. Na segunda metade do século XX podemos observar o crescimento da relativização e do negacionismo, mesmo em meio a novos julgamentos como os de Eichmann e de Auschwitz. Até a década de 1990 nos deparamos com julgamentos de idosos sendo condenadas por crimes durante o nazismo.

Existe evidente relação desse fracasso com o aparecimento de grupos neonazistas, ainda que o suposto sucesso não fosse impedimento para o fortalecimento de extremistas. Todavia, a *desnazificação* pode ser vista como um movimento contemporâneo, já que são muitos os que reivindicam o nazismo como cultura política. Desta forma, as políticas de memória – adotadas com êxito em muitas cidades alemãs- são as armas mais eficientes.

Assim como o fracasso do processo de desnazificação, é necessário compreender o impacto das políticas de Estado na construção do ressentimento alemão. O ressentimento é a memória remoída, não externalizada e cada vez mais recalcada com o passar dos anos. As testemunhas em Dresden foram as primeiras vozes silenciadas pelo novo regime que se apresentava.

Primo Levi, ao abordar o retorno dos sobreviventes judeus para suas casas em *A trégua* (1963), destacou o sentimento de abandono e exclusão vivido por aqueles que haviam vivido o terror. Enquanto os sobreviventes retornavam completamente traumatizados, aqueles que os recebiam tornaram-se agentes catalisadores do trauma, não dando voz a eles e reforçando o silêncio.

Com o silêncio das vítimas, a memória construída nas narrativas não partia dos indivíduos que viveram os episódios como a deportação, o Holocausto ou o bombardeio de Dresden, mas sim daqueles que possuíam interesses na manipulação política da memória. A partir do trauma e do ressentimento, a instrumentalização ganhou espaço em um sistema político cada vez mais totalitário na Alemanha oriental.

Sendo assim, o contexto da República Democrática Alemã foi essencial para a construção e utilização das diferentes memórias dos bombardeios para a legitimação do regime. Se nos anos iniciais do pós-guerra os bombardeios serviam de alerta para o perigo nazista, com o aumento das tensões da guerra fria os escombros passaram a representar a capacidade de destruição dos Aliados.

O inimigo não era mais o nazismo, enterrado como regime político em 1945, mas sim a visão capitalista de mundo. Era preciso, a partir da perspectiva do socialismo soviético, questionar e desmoralizar quaisquer ações tomadas pelos Estados Unidos e seus parceiros, mesmo que isso significasse adotar discursos contraditórios.

A República Democrática Alemã passou a lidar com as memórias dos bombardeios utilizando narrativas semelhantes às de Goebbels, por exemplo: os Aliados cometeram crimes de guerra. Esse olhar proporcionou consequências diretas à parte estrutural da cidade. Paralisada havia anos, a reconstrução do centro histórico saiu de cogitação e os blocos de concreto deixados pelas bombas tornaram-se a prova cabal dos supostos crimes anglo-norte-americanos. Foi a exploração intencional do lugar traumático à revelia que havia se tornado a cidade velha.

Enquanto testemunhas desapareciam no silêncio imposto por ouvidos que se recusavam a escutar, os escombros ditavam a intencionalidade da memória oficial construída pelo governo alemão. Não eram mais os escritos de Böll ou Nossack, mas sim a visão direcionada dos fatos históricos que possibilitaram a construção de discursos negacionistas.

Foi com a instrumentalização comunista que a "memória oficial" de Dresden foi capturada. Digo "oficial" por ser o recorte adotado pelo Estado, mas destaco também as memórias plurais existentes na cidade, agregando diferentes perspectivas e interpretações dos dias 13 e 14. A partir do discurso socialista, Dresden teve seu lugar de vítima entendido como uma necessidade política, não como uma narrativa factual que agregasse as suas testemunhas.

Totalitário por essência, o governo da RDA tornou-se espaço propício para a formação de grupos antidemocráticos e para a proliferação de culturas políticas ressentidas. Pensamentos marginalizados no pós-guerra, mas que formaram a mentalidade da juventude alemã que cresceu sem referências democráticas e habituada ao controle disciplinador do Estado.

Tendo seu Estado policial representado pela *Stasi*⁶¹, polícia política criada em 1950, a RDA estabeleceu parâmetros disciplinadores que moldaram o comportamento social e foi o período da construção de diferentes grupos políticos avessos à democracia liberal. Ainda que o conceito de totalitarismo de Hannah Arendt busque aproximar o

_

⁶¹ Ministerium für Staatssicherheit (Ministério para a Segurança do Estado).

Stalinismo do nacional-socialismo, o caso da Alemanha Oriental é mais específico e requer atenção.

Conceituar a melhor definição para o governo da República Democrática Alemã ainda é objeto de debate historiográfico. Jürgen Kocka, teórico alemão, elaborou uma definição extremamente aceita pelos seus pares ao longo dos estudos sobre a República Democrática Alemã. Em 1993, ao publicar um artigo sobre a RDA, Kocka utilizou o conceito *ditadura moderna*, o qual era defendido pelo autor como ideal para "classificála" o governo comunista. O primeiro passo tomado por ele foi argumentar como parâmetro os princípios liberais de democracia, entendendo os direitos humanos, a liberdade e a constituição inalienáveis em qualquer sociedade. Além disso, foi preciso compreender o grau de liberdade política e econômica a qual os cidadãos da RDA estavam expostos, para então delimitar a dimensão do poder estatal sobre essas esferas.

Classificar o sistema político da RDA como uma "ditadura moderna" ressalta – de maneira idealista – aquelas características da sociedade que resultam *exnegativo* de uma comparação com os princípios modernos, liberaisdemocráticos, constitucionais dos estados. Esses atributos incluem: a violação sistemática de direitos humanos e direitos dos cidadãos, a regra aberta ou velada de um único partido com poder restrito a um círculo de dirigentes, bem como as reivindicações hegemônicas de uma ideologia institucionalizada. (KOCKA, p.18, 1999)

Sob extrema vigilância e ameaças de denúncias, os cidadãos da RDA viviam em constante alerta, inseridos em mais uma experiência de controle estatal. Vale ressaltar, assim como fez Kocka, que o totalitarismo como forma de governo não aproxima sistemas como a RDA e o nazismo no espectro político.

A ditadura moderna da Alemanha Oriental herdou gerações de indivíduos formados no seio do totalitarismo e formou uma juventude educada nos modelos repressivos de sociedade. Dorothee Wierling (1999) apontou o papel ocupado pelos antigos membros da Juventude Hitlerista na formação da nova sociedade alemã. Segundo a autora, esses jovens dividiam-se em grupos que buscavam a inserção nas esferas sociais da RDA e outros que se mostravam extremamente céticos em relação ao novo período.

No caso desses jovens, o ideal de disciplina defendido pelos socialistas acabou sendo um refúgio possível, ainda que muitos tenham recusado a educação nos moldes do comunismo. O caso dessa geração possuiu a especificidade de um passado completamente tomado pela crise e pela estrutura ideológica do nazismo. O

arrependimento não era incomum quando confrontados com os crimes cometidos pelo nacional-socialismo.

Todos os elementos que compõem o cenário político da RDA são fundamentais para a compreensão dos rumos tomados pelas narrativas acerca dos bombardeios em Dresden. O trauma imerso em um sistema político totalitário e tomado pelo ressentimento possibilitaram a profusão de interpretações ampliadas pelo vácuo narrativo propositalmente perpetrado pelo Estado.

Observando o totalitarismo da RDA é possível compreender o fortalecimento dos discursos negacionistas a partir da segunda metade do século XX. Com as testemunhas totalmente ofuscadas pelos interesses políticos, a pauta "bombardeios de Dresden" passou a configurar nas agendas de grupos extremistas que também haviam fincado raízes nas cidades da Alemanha oriental.

A relação ainda atual do Leste alemão com o extremismo está diretamente associada ao ressentimento causado pelos anos de silêncio e pela recusa a encarar o passado. Inseridas na *ditadura moderna*, as gerações que herdaram a história compartilharam uma memória intergeracional completamente deturpada por elementos manipulados do passado.

O ressentimento traumático foi apenas mais um dos combustíveis necessários para fomentar os grupos antissistema que ganhavam corpo na RDA. O extremismo não foi obra do acaso nem surgiu do nada, ele foi escalonado pelas políticas estatais repressivas que geraram grupos alheios aos interesses do Estado e completamente desligados do ideal democrático ocidental.

A construção do regime comunista alemão passou por constantes processos de trivializações de pensamentos e ideias que pareciam ser caras ao regime. Foi o caso do antifascismo, movimento extremamente relevante no imediato pós-guerra, com papel fundamental na formação da RDA, e que passou a ser tratado com pouca importância após a sua desmobilização.

Se em um primeiro momento o governo comunista agiu claramente em prol do ideal antifascista pregado após o conflito mundial, com o entendimento de que o nazismo havia sido uma experiência própria do capitalismo, a RDA mostrou-se interessada apenas na sua instrumentalização como conceito. Após a estabilização do governo, o antifascismo foi para segundo plano e pautas imediatas passaram a ser priorizadas.

Por outro lado, grupos que, por princípios, tinham sido expurgados da política alemã, voltavam a reverberar nas entranhas da nação. Impulsionados pelo contexto turbulento causado pela guerra fria, além de se alimentarem da estrutura totalitária do Estado, movimentos de extrema-direita fortaleceram a sua unidade como grupo a partir do discurso de ódio, ressentimento e negação.

Segundo Berstein (2009), uma série de símbolos e elementos coesivos foram fundamentais para o reconhecimento do ideal extremista como movimento político na Alemanha. Ainda que afastados da política partidária tradicional, eles representavam os anseios de pessoas que não toleravam a ideia da derrota e ainda cultivavam os pilares da doutrina nazista.

O cultivo do totalitarismo durante o governo comunista influenciou na difusão de culturas políticas que haviam sido diminuídas quando comparadas ao seu passado. Contudo, é necessário compreender qual foi a relação da memória traumática dos bombardeios no caso específico de Dresden, visto que a cidade se tornou a representação nacional da efusão do neonazismo.

Uma das características mais notáveis do trauma é a sua capacidade de transpor barreiras geracionais, permanecendo vivo na oralidade e nos relatos dos mais velhos, além de influenciar na pós-memória dos mais novos que não estavam na ocorrência dos fatos (HIRSCH, 2010). Embora o testemunho nem sempre seja em primeira pessoa, ele representa a experiência vivida por alguém em algum momento, significando um laço constante entre o presente e o passado.

Levi, ao descrever a sua inquietação com a recusa dos cidadãos em ouvir as histórias dos campos de concentração e extermínio, construiu pontes, entre o trauma e a culpa. Enquanto os judeus retornavam traumatizados para casa, os indivíduos que haviam ficado remoíam o sentimento de culpa que Karl Jaspers (1946) apontou como geral na sociedade alemã.

Embora não tenham sido carrascos diretos dos judeus, os alemães passaram a compartilhar a responsabilidade pelos crimes nazistas. Não era apenas culpa dos altos oficiais, mas de todo o povo que conviveu e, em muitos casos, legitimou a atuação do Estado genocida. Em 1996, o autor americano Daniel Goldhagen lançou o livro *Os carrascos voluntários de Hitler*, no qual argumenta sobre a participação direta e indireta de toda a sociedade alemã na execução do Holocausto.

O trauma foi, portanto, a consequência mais imediata dos bombardeios. Os indivíduos que estavam inseridos naquele contexto histórico foram instantaneamente traumatizados. As bombas rasgando os céus com o som agudo da queda nunca mais sairiam do imaginário dessas vítimas. Com o tempo, essas memórias traumáticas individuais passaram a compor a memória coletiva que enxergava Dresden como uma cidade arrasada.

Estruturando esses conceitos, podemos visualizar os seguintes cenários: o trauma vivido (pessoas que experimentaram *in loco* a destruição da cidade e as milhares de mortes), o trauma revivido (os escombros deixados no centro histórico que lembravam diariamente do passado traumático daquela cidade) e o trauma transmitido (a pós memória⁶² do trauma chegando aos indivíduos que não vivenciaram os bombardeios, mas foram influenciados por eles). Pollak compreende que a transmissão das lembranças é uma característica das memórias subterrâneas que passam a ser herdadas através das gerações.

Como ocorrera no caso dos judeus, em Dresden, as vozes não foram ouvidas. Os testemunhos dos bombardeios não representavam a vontade política que existia sobre os ataques. Dessa forma, o tempo passou e muito do que havia de relatos em primeira pessoa fora perdido. O testemunho, geralmente transmitido oralmente, representa a experiência e depende da clareza de determinados acontecimentos para ser efetivado. Mesmo com a lembrança, muitos detalhes são perdidos e aspectos da experiência podem ser destoantes de uma memória para a outra.

Houve a experiência traumática em larga escala, mas não a contemplação dos traumatizados por parte da sociedade civil e, muito menos, pelo Estado. Desta forma, o silenciamento da população foi uma característica presente nos anos do pós-guerra. A crítica de W. G Sebald está voltada para o silêncio geral associado à culpa.

Falar sobre o passado do nazismo representava lembrar do nazismo, prática que a maioria optou por evitar. No lugar de enfrentar o passado, como passou a ocorrer na década de 1990, os alemães optaram pelo silêncio. Não falar significava esquecer e, com isso, seguir com a vida com a falsa ideia de normalidade.

Todavia, consequências decorreram desse processo. Em primeiro lugar, às vítimas somente sobrou o ressentimento das suas experiências traumáticas. Sem espaço para

-

⁶²HIRSCH, 2010.

falarem abertamente das suas memórias, esses indivíduos desaparecem do espaço público e guardaram para si o que haviam vivido naqueles dois dias de terror.

Em segundo lugar, quando o Estado alemão optou por não se apropriar das narrativas e promover debates públicos sobre o trauma, os movimentos extremistas de direita tomaram para si os principais pontos da discussão. Dresden passou, gradativamente, a ser associada ao extremismo político.

Ao leitor leigo, a situação de Dresden pode parecer um debate fechado e sem possibilidade de desenvolvimento. Aparentemente, a cidade merecia ser bombardeada e não cabem questionamentos nesse sentido. Contudo, essa visão só é possível pela ineficácia das políticas de memória do pós-guerra, quando as inações do Estado e da sociedade civil renunciaram ao debate.

Se o povo estava tomado pela culpa, não era possível questionar os crimes de guerra dos Aliados. Se o silêncio havia se tornado parte do *modus operandi* da sociedade, não era possível extrair ao máximo os relatos em primeira pessoa de indivíduos que ainda viviam e estavam dispostos a relatarem suas vivências.

Com o tempo, tudo foi deixado de lado. Coube ao Estado lançar mão da instrumentalização da memória, abusando do passado para a obtenção de benefícios políticos no campo da legitimidade e construção de mitos. Contemporaneamente, o totalitarismo formou os indivíduos que se tornariam os principais responsáveis pelo resgate da memória dos bombardeios.

Afastadas do palanque político tradicional, as vozes totalitárias ganharam seguidores e reverberaram conforme os dilemas sociais continuavam sem soluções. Adeptos do salvacionismo totalitário típico dos anos quarenta, os extremistas passaram a apresentar soluções supostamente fáceis para os períodos problemáticos encontrados pelos governos vigentes. Contudo, seu surgimento e sua existência não foram espontâneos. Estes grupos passaram por um processo de construção de uma narrativa catalisada pelos usos do passado.

Pode-se dizer que o processo desenrolado em Dresden possibilitou "brechas narrativas". Enquanto a política oficial era o silêncio, os espaços de apropriação do passado tornaram-se muito mais amplos para o extremismo político de direita. Destacase a pluralidade destes grupos desde o pós-guerra, visto que suas demandas e objetivos

nunca foram homogêneas. Na Saxônia, especificamente em Dresden, os extremistas possuem referenciais históricos ligados à memória dos bombardeios.

Devido às brechas encontradas ao longo do pós-guerra, era possível "falar por Dresden". O olhar para as vítimas e o entendimento da cidade destruída passaram a ser objetos de discussão de movimentos que não deveriam existir em uma sociedade democrática. Todavia, além de continuar ativo, o extremismo angariou apoio ao tocar em feridas abertas que estavam maquiadas pelo governo da RDA.

Fortalecidos pelo contexto totalitário, encontraram no passado local a principal referência do seu discurso, utilizando-a para justificar seus atos antidemocráticos ao longo dos anos. É fato que o extremismo possuiu diferentes faces ao longo da história, posicionando-se de maneira mais ou menos incisiva, fosse nas ruas ou, até mesmo, na literatura.

Se para Berstein (2009) a simbologia é fundamental para a existência da cultura política, pode-se concluir que Dresden passou a compor a simbologia dos grupos extremistas da Saxônia. Não era a cidade nazista com produção industrial relevante, mas sim a *cidade-vítima*. Enquanto os alemães do Reich compreendiam o caráter quase intocável de Dresden durante a guerra, os partidários do extremismo de direita alegam que a destruição da cidade representou um verdadeiro massacre premeditado.

3.3 NARRATIVAS EM DISPUTA

Se olharmos para a memória como um corpo coeso, não será possível compreender as suas variações a partir dos diversos grupos que compõem o corpo social. Para Hallbwachs (2017), por exemplo, a ideia de nação e a memória nacional representavam a sujeição do indivíduo à memória coletiva. Ainda que formada pelas concepções individuais de experiência, era a memória coletiva que prevalecia.

Adepto de uma visão durkheimiana de sociedade harmônica, Hallbwachs compreendia a memória como elemento coesivo dos indivíduos dentro da estrutura social. As relações das memórias individuais com a memória coletiva estreitaram os laços e a ideia de pertencimento, solidificando o conceito de grupo, tão caro aos primeiros

estudiosos da Sociologia. Para o autor francês, a relação coesiva da memória possibilitava a construção da "comunidade afetiva"⁶³.

Para este (Hallbwachs), a lembrança necessita de uma comunidade afetiva, cuja construção se dá mediante o convívio social que os indivíduos estabelecem com outras pessoas ou grupos sociais, a lembrança individual é então baseada nas lembranças dos grupos nos quais esses indivíduos estiveram inseridos. Desse modo, a constituição da memória de um indivíduo resulta da combinação das memórias dos diferentes grupos dos quais está inserido e consequentemente é influenciado por eles, como por exemplo, a família, a escola, igreja, grupo de amigos ou no ambiente de trabalho. Nessa ótica, o indivíduo participa de dois tipos de memória, a individual e a coletiva. (SILVA, p.248, 2016)

Analisando o recorte de Dresden a partir de Hallbwachs, a construção da memória coletiva seria a base de estudo mnemônico sobre os bombardeios. As diferentes concepções individuais presentes na cidade estariam sujeitas à compreensão globalizante de memória que oferece aos membros do corpo social a integração na comunidade afetiva. Servindo de referência nos estudos mnemônico, Hallbwachs não possibilita o enquadramento do objeto analisado por esta pesquisa.

Michael Pollak (1989), autor de origem austríaca, diverge de Hallbwachs e contesta o caráter homogeneizante da memória coletiva. Enquanto categoria coesiva e agregadora das experiências individuais, a memória coletiva sujeita a memória individual à sua própria existência. Os testemunhos, as perspectivas e a heterogeneidade são perdidas em prol da unidade social promovida pela artificial visão harmônica da memória.

Em Dresden, não é possível observar harmonia ou coesão em relação ao passado, mas sim a disputa no terreno da memória desde o fim da guerra. Disputas pelas narrativas e pela apropriação do direito de "falar pela cidade", ganhando assim espaço para levar o trauma para além do sofrimento solitário e ressentido imposto pelas políticas estatais repressivas da RDA. A memória dresdense não é estável, mas sim um objeto de disputa.

Não existem memórias singulares que compõem tudo aquilo que representam as individualidades do povo dresdense. As memórias plurais encontradas na cidade destacam a variedade de experiências e elevam ainda mais o espaço de disputa narrativa entre esses grupos. A disputa narrativa é a "luta" pela apropriação mais fidedigna do

⁶³ A construção de pertencimento e afeto do indivíduo com o grupo. Suas memórias individuais serão permeadas pela memória coletiva.

passado, ressaltando elementos que cada grupo considera como primordiais para a compreensão da sua memória.

Plurais por essência, as memórias estão presentes no discurso político estatal (a memória oficial) e também ocupam espaços afastados dos principais campos de debate (as memórias subterrâneas). No caso dos extremistas de direita, suas narrativas mnemônicas estão inseridas no segundo caso, visto que reproduzem a ideia particular dos grupos antidemocráticos sobre o passado de Dresden, mesmo que essa não seja a memória hegemônica.

A memória oficial, aquela que se pretende hegemônica, preserva e cala os traumas vividos pelos indivíduos. Seu caráter dominador pressiona os indivíduos que se tornam cada vez mais silenciados, possibilitando a profusão dos discursos dominantes. O silêncio não é o esquecimento, mas o comportamento reativo daqueles que estão na posição vítimas.

A despeito da importante doutrinação ideológica, essas lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas. O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas. (POLLAK, p.3, 1989)

A supressão promovida pela memória oficial tem como exemplo a política adotada pelos comunistas em relação aos bombardeios de Dresden. Sejam na condição de vítimas seja na de testemunhas, eles tiveram negados os seus direitos à voz, tornando o silêncio a única alternativa possível. Situação semelhante aconteceu com os judeus ao retornarem dos campos de concentração. Buscando não estimular a culpa, os governos vigentes optaram por induzir o silêncio dos sobreviventes.

Com o advento das memórias subterrâneas, foi possível contestar e ocupar o espaço público com divergências ao discurso hegemônico. Por um lado buscava-se enquadrar a memória para atender aos objetivos nacionais, por outro os grupos silenciados passaram a difundir seus testemunhos para além do seu círculo familiar. Contudo, esse rompimento de barreiras também permitiu a amplificação de discursos problemáticos do ponto de vista histórico.

Os conceitos de memória enquadrada e memória subterrânea relacionam-se e divergem entre si. Enquanto no primeiro ocorre a construção imagética e discursiva da memória, no segundo a experiência individual é ressaltada e o que é lembrado integra as narrativas das experiências vividas. É o paralelo entre o "discurso enquadrado" e a memória de Alda Niemeyer. No primeiro caso, os bombardeios, a ação Aliada, a execução do plano e a destruição da cidade. Na experiência silenciada, o fogo varrendo as edificações, o terror vivido pelos cidadãos, o motor dos aviões e a fuga em busca de refúgio na água.

Vê-se que as memórias coletivas impostas e defendidas por um trabalho especializado de enquadramento, sem serem o único fator aglutinador, são certamente um ingrediente importante para a perenidade do tecido social e das estruturas institucionais de uma sociedade. Assim, o denominador comum de todas essas memórias, mas também as tensões entre elas, intervêm na definição do consenso social e dos conflitos num determinado momento conjuntural. Mas nenhum grupo social, nenhuma instituição, por mais estáveis e sólidos que possam parecer, têm sua perenidade assegurada (POLLAK, p.9, 1989)

Recortada e adaptada, a memória enquadrada atendeu aos interesses dos grupos no poder. Ela diminuiu a importância do relato e tomou para si a narrativa principal dos bombardeios. Quaisquer narrativas diferentes estariam relegadas a um espaço reduzido do debate e não possuiriam possibilidade de levar os seus testemunhos para além do seu círculo. Com isso, as arestas aparadas pela memória oficial foram apropriadas e moldadas pelas diferentes memórias presentes em Dresden.

A memória hegemônica de Dresden entendeu-se conciliadora, pois deixou de questionar o passado e passou a focar no presente como um recomeço. O nazismo havia ficado para trás, da mesma forma que o trauma causado pela guerra. Sendo assim, era preciso abandonar as memórias mais conturbadas e problemáticas deste período, ressaltando apenas as características gerais dos bombardeios. Foi a partir desta construção que a própria narrativa museal de Dresden foi concebida e tornou-se centro de um grande questionamento histórico que será abordado mais adiante.

Representada pelo caráter celebratório da memória, a principal narrativa dos bombardeios não lidava diretamente com a característica central dos ataques entre a população: o trauma. A violência simbólica em Dresden ocorria diariamente com a repetição de histórias que não englobavam toda a realidade dos fatos. Além disso, o espaço traumático configurava a imersão na catástrofe cotidiana, mas sem projetos de apropriação destes locais a partir de um olhar crítico para o passado.

As reanimações, conceito formulado por Aleida Assmann (2011), definem que lugares como Dresden reativam constantemente as recordações. O contrário também ocorre, posto que a memória presente nos lugares reacende constantemente as lembranças dos indivíduos. No caso dos espaços marcados pelo sangue, o trauma caracteriza a aura do lugar e determina a sua condição como local traumático.

O caso das cidades alemãs, segundo Assmann (2011), é específico por configurar a condição de *local de memória a contragosto*. A destruição deixou feridas expostas que não receberam o tratamento adequado ao longo de anos. Os alemães buscaram silenciar, ignorar e mascarar o seu passado, entendendo que o simples afastamento do trauma era a melhor forma de seguir adiante. Contudo, a memória continuava ali, presente, incômoda e recalcada.

A multidimensionalidade e complexidade desse local traumático não se origina, em última instância, da heterogeneidade das recordações e perspectivas dos que o visitam. Para os poloneses, que administram o campo de concentração em seu próprio país e fizeram dele um centro de memoração da própria história nacional marcada por uma condição de vítima, ele significa algo diferente do que para os prisioneiros judeus que sobreviveram; para os alemães e seus descendentes, por sua vez, ele significa algo diferente do que para as pessoas ligadas às vítimas. (ASSMANN, 2011, p.350)

Conforme foi enquadrada, a memória coletiva oficial (a memória nacional), os não ditos do discurso oficial passaram a compor as memórias subterrâneas. Elementos que não estavam presentes nas principais menções a Dresden (a brutalidade dos ataques, os refugiados mortos, os civis carbonizados etc.) foram agregados pelas memórias que corriam entre diferentes grupos da sociedade. Famílias, associações locais e movimentos identitários estruturaram meios informais de comunicação da memória.

Esses grupos, quando colocados na relação de poder, podem ser considerados minoritários e vozes menos ressoantes no debate público mnemônico. Foram os seus quadros que englobaram os testemunhos dos judeus, as vítimas do stalinismo e os sobreviventes das cidades bombardeadas. Todavia, diferentemente dos dois primeiros exemplos, o caso das cidades recaiu em um esquecimento mais alongado e ainda presente em cidades específicas.

As imagens construídas e transmitidas pelas memórias subterrâneas são reproduções daquilo que a memória oficial não diz e não aborda. Enquanto o grupo majoritário impõe o discurso recortado em relação ao passado, os elementos concernentes ao passado real são apropriados, reproduzidos e manipulados com o passar dos anos. O

silêncio é a política oficial, mas as vozes passam a ser escutadas em um nível menor e mais restrito da sociedade.

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor. Distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado. (POLLAK, 1989, p.6)

Em Dresden, os *não ditos* da memória dominante foram fortemente apropriados pelas culturas políticas extremistas presentes na cidade. Ampliado durante o período da RDA, o pensamento de extrema-direita encontrou em Dresden o espaço perfeito para legitimação dos seus discursos. Enquanto o aparato estatal optava por virar as costas para o passado, os extremistas tomaram recortes narrativos para si e colocaram-se como os principais interlocutores da cidade com o restante do mundo. Com o tempo, olhar para Dresden e buscar informações sobre os bombardeios era o caminho certo para se deparar com o extremismo de direita.

Não se pode negar tudo que ocorreu em Dresden. De fato, a cidade foi arrasada, refugiados incinerados e as testemunhas relegadas às margens da História. Contudo, o processo que veio após a instrumentalização do passado possibilitou o fortalecimento do discurso extremista décadas depois. A partir do enquadramento proposto pela memória oficial, grupos de negacionistas encontraram na história de Dresden a principal munição para contrapor o Holocausto. Focados em deslegitimar o genocídio sofrido pelo povo judeu, nomes como David Irving popularizaram uma literatura conspiratória que se alimentou das memórias subterrâneas de Dresden.

Sacralizado por representar o retorno da Alemanha à sua essência, o processo de reunificação germânico trouxe consigo a união dos dilemas de ambos os lados. Ao fim deste estudo, ficarão claras as consequências diretas da política de silenciamento e instrumentalização da memória traumática para a Alemanha contemporânea.

Marcada pelos ataques brutais de 1945, a população de Dresden deparava-se diuturnamente com as rochas escurecidas pelo fogo que representavam seu passado presente. Era a memória que não passava, não por conta da sua transmissão tradicional entre os indivíduos, mas sim pelo cenário de horror forçosamente intacto por décadas. O regime comunista só acabaria em 1989, ano da queda do Muro de Berlim. Até lá, o passado assumira duas funções: ferramenta política ou instrumento de negação.

3.4 REVER A HISTÓRIA OU NEGAR O PASSADO

O pensador búlgaro Tzvetan Todorov, em seu livro *Los abusos de la memoria* (2008), discute a importância da memória para a construção e legitimação de regimes políticos, principalmente os totalitários. Segundo ele, a memória torna-se um instrumento, podendo ser suprimida ou não, a favor das vontades políticas de quem está no poder. Como ocorrera com o nazismo, o passado tornou-se objeto de interesse e muita vez foi manipulado para atender objetivos maiores.

Processo semelhante ocorreu durante o stalinismo, regime conhecido pela manipulação do passado e inevitabilidade do futuro (o comunismo). Traidores do movimento e inimigos políticos eram apagados facilmente dos registros e, até mesmo, das fotografias. Os livros eram modificados, assim como as narrativas sobre acontecimentos não muito distantes na perspectiva histórica. Lidar com o passado não era um trabalho criterioso, mas sim a efetiva manipulação de fatos, personagens e narrativas pelo presente.

Todorov compreendeu que a memória, o passado que é apropriado pelo presente, poderia recair em bons ou maus usos. Era possível aprender com a memória, levando em consideração um trabalho crítico e documental, característico de sociedades em que os objetivos não são restritos a um grupo, mas pertencentes a todos os indivíduos. Por outro lado, assim como fora citado anteriormente, a memória pode ser enviesada, configurando um abuso do passado para legitimar discursos e ações do presente.

O presente, regente da memória, pode apropriar-se dela e utilizá-la para efetivar atos questionados por seus contemporâneos. Observe-se o caso dos sérvios durante a Guerra da Bósnia⁶⁴ (1992-1995), conflito iniciado por questões étnicas e territoriais ancoradas em justificadas históricas. Alegando soberania sobre o território, a maioria sérvia iniciou a guerra embasada nas perseguições sofridas no passado e na sua condição de povo oprimido. A guerra tinha uma aura revanchista que buscava acertar as contas com o sofrimento abertas havia muitos anos.

Responsáveis pelas mortes de milhares, principalmente na cidade de Srebrenica⁶⁵, os sérvios justificaram suas ações no sofrimento do seu povo. O passado e a memória

 ⁶⁴ Ocorrida após a fragmentação da Iugoslávia, a Guerra da Bósnia foi um conflito étnico e territorial que custou milhares de vidas e foi marcada pelas diversas violações contra os Bosniaks, bósnios muçulmanos.
 ⁶⁵ Mesmo com a presença de tropas da ONU, os militares sérvios-bósnios, sob o comando do general Ratko Mladic, levaram adiante a limpeza étnica da cidade de Srebrenica, matando milhares de Bosniaks.

servem, em casos como esses, para embasar, ainda que de maneira manipulada, atos injustificáveis e criminosos. O abuso da memória é a sua utilização pretensiosa pelo presente, ignorando a realidade dos fatos e promovendo um verdadeiro culto à memória.

Norman Finkelstein, ao escrever *A indústria do Holocausto* (2000), colocou combustível em uma polêmica discussão sobre o genocídio perpetrado pelo regime nazismo. A tese do norte-americano, filho de judeus, é que o Holocausto se tornou um objeto de cunho político para o Estado de Israel. Segundo o autor, o movimento sionista amparou-se na condição de eterna vítima, fazendo valer seus privilégios a partir dos acontecimentos passados. A Guerra Árabe-Israelense⁶⁶ (1948) foi um marco, no qual as violações cometidas pelos israelenses eram relevadas por conta da ainda recente memória da *Shoah*.

Polêmica, a visão de Finkelstein foi amplamente questionada, mas ainda assim permite um olhar sobre as instrumentalizações (abusos) da memória. O objeto de estudo desta pesquisa pode ser entendido como exemplo de apropriação indevida e recorrente do passado, assim como das suas memórias. Enquanto silenciada, a repressão da memória representava a necessidade de seguir em frente. Enquanto "cidade-vítima", a instrumentalização recai sobre a afirmação de discursos negacionistas e relativistas em relação ao Holocausto.

A instrumentalização do passado e das suas narrativas, assim como a relativização e a trivialização, são caminhos diretos para o negacionismo. São processos que se retroalimentam e apresentam amplo crescimento em sociedades que demonstram dificuldades em lidar com a sua própria história. Por conta disso, Dresden tornou-se rotineiramente associada à difusão de ideais extremistas baseados nos usos do passado, na relativização do sofrimento judeu e no expurgo da culpa através da negação.

Hoje conceituados claramente como negacionismo, os discursos que buscavam desmentir a realidade dos fatos históricos ganharam corpo ao longo do pós-guerra, principalmente com o acirramento da Guerra Fria. Durante o fracassado processo de desnazificação, indivíduos e grupos amplificaram suas vozes e adotaram tons cada vez mais extremistas em relação aos crimes cometidos pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Ainda que entendidos como inaceitáveis por grande parte da sociedade, o negacionismo encontra muitos adeptos atualmente.

-

⁶⁶ Conflito ocasionado pela criação de Israel na já ocupada região da Palestina.

Diferentemente do que se imagina, não são somente movimentos como os neonazistas que proliferam o negacionismo. Nomes que já foram minimamente conceituados entre a academia também se tornaram vozes difusoras da negação, como foi o caso do escritor britânico já citado David Irving, conhecido mundialmente por levar os seus ideais negacionistas aos tribunais. Irving afirmava que Auschwitz, o maior campo de extermínio nazista, não passava de um grande exagero e que as câmaras de gás, na verdade, eram invenções do sionismo.

Pierre Vidal-Naquet, em *Los asesinos de la memoria (1994)*, delimitou as principais conceituações do negacionismo histórico, aprofundando o entendimento do termo muitas vezes incompreendido. Em primeiro lugar, é necessário destacar que o revisionismo histórico, prática comum ao ofício do historiador, não é o negacionismo. Ainda que negar o passado seja uma prática deturpada da revisão histórica, isso não representa que o revisionismo e negacionismo são a mesma coisa.

Denise Rollemberg e Janaína Cordeiro (2021) destacam que os termos seguem sendo utilizados como sinônimos, o que dificulta a compreensão ampla do negacionismo. Citando o *Relatório sobre o Revisionismo do Holocausto (Holocaust Revisionism Report)*, documento redigido por pesquisadores da Universidade de Yale, as autoras ressaltam que até mesmo instituições de renome ainda reproduzem a visão ultrapassada de que todo revisionismo histórico possui conotação negativa.

Distinguir os dois conceitos é fundamental para delimitar o papel do negacionismo na formação de narrativas que se apropriam da memória para serem efetivadas. Diferentemente da negação, o revisionismo possui uma ampla estruturação acadêmica, passando pela: 1) concepção política e ideológica; 2) historiográfica; 3) judicial (CORDEIRO e ROLLEMBERG, 2021).

O revisionismo tem o objetivo de revisar a historiografia, entendendo que as interpretações dos processos históricos não são acabadas. Além disso, os historiadores revisionistas entendem que novos documentos, abordagens e dinâmicas e podem proporcionar diferentes perspectivas do passado, modificando narrativas historiográficas que antes pareciam encerradas. Os estudos de revisão não são restritos ao tempo presente, eles encontraram na Revolução Francesa, por exemplo, um importante objeto de estudo.

Os debates historiográficos de Furet e Richet, por exemplo, já representavam a vontade de revisitar os estudos ortodoxos marxistas sobre a Revolução, proporcionando

novas interpretações históricas. Em nenhum momento os autores negaram a existência do 14 de julho ou das motivações para a decapitação de Luís XVI, somente adicionaram elementos teóricos que enriqueceram o debate a partir do estudo histórico. Ainda assim, foram pejorativamente taxados de revisionistas (no sentido negativo do termo) por tentarem reavaliar o passado com o uso de novas fontes e interpretações.

O peso negativo dado ao termo corrobora a falta de compreensão e a utilização ofensiva para a validação de posições ortodoxas dentro da historiografia. Colocar os revisionistas no mesmo grupo que os negacionistas é deslegitimar todo o trabalho dos primeiros e relativizar todo o mal causado pelos segundos. Negar a história não é parte do trabalho historiográfico, mas sim um ato político com finalidade extremista que visa a reforçar visões deturpadas do mundo características de movimentos autoritários.

Originalmente, a palavra *revisionismo* fora utilizada durante o processo de Alfred Dreyfuss, o capitão do exército francês acusado de entregar segredos de Estado aos alemães. De origem judaica, Dreyfuss foi injustamente condenado à prisão perpétua e retirado do seu cargo militar. O caso, além de representar o crescente antissemitismo francês, inaugurou a corrente moderna do revisionismo a partir do movimento que possibilitou a reversão do julgamento e divisão da sociedade francesa.

Chamarei aqui "revisionismo" a doutrina segundo a qual o genocídio praticado pela Alemanha nazista contra judeus e ciganos não apenas não teria existido, como não passaria de mito, fabulação ou fraude. Falo aqui do "revisionismo" no sentido absoluto do termo, mas existe também revisionismos relativos, sobre os quais eu direi algumas palavras. A palavra em si possui uma história que é estranha e que mereceria ser desenvolvida. Os primeiros "revisionistas" modernos foram, na França, os partidários da "revisão" do processo de Alfred Dreyfus (1894), mas a palavra foi muito rapidamente apropriada pelos seus adversários e essa mudança de sentido deve ser considerada sintomática. A palavra ganhou em seguida um sentido tanto positivo como negativo, implicando sempre a crítica a uma ortodoxia dominante (VIDAL-NAQUET, 1994, p. 106).

Um dos maiores exemplos da historiografia revisionista também está ligado aos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial e representa a capacidade de ruptura analítica proporcionada pelas novas fontes e interpretações. Em 1972, o historiador norteamericano Robert Paxton publicou o seu livro *La France de Vichy*, obra que buscava desmitificar o governo colaboracionista francês, cuja capital era a cidade de Vichy.

Atuando de maneira independente, a França de Vichy era liderada por indivíduos como o herói de guerra Philippe Pétain⁶⁷.

Além da ascensão do herói Charles de Gaulle, a Resistência tornou-se o mito fundador da nova República francesa. Enquanto os crimes cometidos pelos líderes colaboracionistas eram julgados, configurando a chamada zona cinzenta. Em prol da celebração do mito, o silêncio tornou-se consensual e o passado deixou de ser problematizado até os anos 70.

Os franceses, em sua maioria, não foram primeiramente vichistas depois resistentes, pétanistas depois gaullistas, mas puderam ser, simultaneamente, durante um tempo mais ou menos longo, e de acordo com os casos, um pouco dos dois ao mesmo tempo. (LABORIE, p.39, 2010)

Com o lançamento da obra de Paxton, iniciou-se um processo conhecido como revolução paxtonienne (Cf.: FISHMAN et al, 2004). Ao ressaltar o período vichysta, o norte-americano atingiu o ponto fraco de muitos franceses, recolocando o tema da colaboração em debate. Ademais, com a crescente discussão acerca da participação francesa no Holocausto, o mito da Resistência passou a ser problematizado e viu sua condição sacra ser modificada ao longo do tempo. A partir da perspectiva revisionista de Paxton, a historiografia, os meios de comunicação e a sociedade francesa voltaram sua atenção para um passado silenciado que ainda carecia de questionamentos.

Os trabalhos revisionistas em Dresden ainda não são majoritários e ainda continuam sendo solapados por ideias pré-estabelecidas sobre a história da cidade. A dicotomia *cidade-vilã x cidade-vítima* serviu para dividir ainda mais as opiniões públicas sobre os bombardeios e colocar os extremistas como "proprietários" de uma narrativa. Ocorre que a condição de vítima da cidade, da mesma forma que os crimes cometidos pelos Aliados, deve ser a principal pauta da revisão historiográfica em Dresden. Somente assim será possível retomar elementos do passado, possibilitando sua compreensão crítica e esvaziando o discurso da extrema-direita.

Quando vinculada às fontes e ao trabalho metódico da pesquisa histórica, a revisão agrega valor e tem a capacidade de mudar perspectivas consolidadas sobre os fatos. A negação é a forma encontrada por muitos movimentos extremistas para tentar relativizar

_

⁶⁷ Oficial francês que se tornou um herói após a Batalha de Verdun (1916) na Primeira Guerra Mundial. Posteriormente, na Segunda Guerra, assumiu o comando do Estado colaboracionista de Vichy, sendo condenado à morte anos depois.

o sofrimento de grupos perseguidos e fortalecer sua visão de mundo ancorada em ideologias condenadas por crimes contra a humanidade, como é o caso do nacional socialismo.

O negacionismo não ocorre de maneira imediata e direta. Segundo Vidal-Naquet (1994), o discurso negacionista passa por um processo de deslegitimação das vítimas, contestação dos fatos, negação das fontes, relativização dos crimes e questionamento da veracidade de tudo que é apontado como verdade histórica. A negação do Holocausto é a mais conhecida de todas, além de ser a que causa mais espanto. Seus objetivos são distintos, mas acabam englobando um vasto grupo de extremistas que compartilham da tese de que os judeus forjaram sua própria catástrofe.

A mentira negacionista ganhou corpo nos anos do pós-guerra, reforçando suas fileiras com a culpa generalizada na sociedade alemã e as possibilidades de manipulações históricas ocasionadas pelo silêncio em relação ao passado. Paul Rassinier, ativista político francês capturado pelos nazistas, é entendido como o pai do "Revisionismo do Holocausto⁶⁸". Rassinier, ao lançar o livro *A mentira de Ulisses (1950)*, alegava que a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto não passavam de uma grande mentira construída pelos judeus.

Segundo Henry Rousso, a rejeição ao comunismo soviético e o pacifismo de Rassinier estavam na origem e na motivação de seu comportamento negacionista. Temendo que as denúncias dos crimes nazistas levassem a uma nova guerra, procurou desculpabilizar a Alemanha nazista de seus crimes, acreditando que tal iniciativa colocaria em evidência os crimes de Stalin, assim como os do capitalismo fomentador de guerras. (CORDEIRO e ROLLEMBERG, 2021, p.21)

Da mesma forma que Vidal-Naquet considera o negacionismo um processo, Michael Shafir, pensador romeno-israelense, pontua os diferentes tipos de negacionismo, reforçando a tese de Vidal-Naquet de que "existe mais de um quarto na casa do revisionismo" (VIDAL-NAQUET, 1992). De acordo com o israelense, a negação está associada ao processo de relativização e trivialização do trauma, principalmente no que concerne ao Holocausto e às vítimas do stalinismo. Não se trata apenas de negar, mas de utilizar da negação para relativizar os crimes cometidos pela sua ideologia e tornar a dor alheia algo trivial.

_

⁶⁸ Ressalto que a palavra revisionismo, neste sentido, está colocada de maneira pejorativa.

A compreensão do negacionismo, segundo Shafir, passa pelo entendimento da memória do Holocausto para além das fronteiras germânicas. Principalmente nas sociedades dominadas pelo comunismo, na região da Europa oriental, os discursos foram construídos de maneira que isentassem a participação direta da população no genocídio e, ao mesmo tempo, diminuíssem a importância das milhões de mortes naqueles países. Para Shafir, o negacionismo não ocorre somente de maneira direta, mas também através da transmissão da responsabilidade e do direcionamento da culpa.

Retomando o contexto totalitário da República Democrática Alemã, governo ao qual Dresden estava submetida, pode-se observar diferentes estágios da construção do discurso negacionista. Shari J. Cohen (1999) utilizou o conceito de "Estado organizado de esquecimento da História", no qual Estados pós-comunistas, como era o caso da RDA, adotaram políticas voltadas para o esquecimento. O apagamento das vítimas e o consequente silenciamento tornam esses locais espaços propícios para a difusão da negação.

Quando Dresden tornou-se um tabu para a sociedade alemã e para o governo da RDA, o esquecimento foi adotado como política de Estado para amenizar os espaços de questionamento. Além disso, este processo tornaria mais fácil a manipulação da narrativa histórica, podendo ela ser reescrita de diferentes maneiras e colocada em pauta na memória nacional daquela cidade ou país. O passado de Dresden tornou-se uma colcha de retalhos.

Exemplo do processo de esquecimento, trivialização e negação, a *internacionalização/nacionalização* do Holocausto permitiu o esvaziamento do tema em regiões do Leste europeu, tirando dos judeus a autoridade sobre o próprio sofrimento. Abandonando a concepção de "minorias étnicas", os países do bloco soviético transformaram o Holocausto em um problema nacional, sofrido pela própria população daqueles países.

Isso torna a tarefa dos negacionistas do Holocausto mais fácil, e a receptividade aos argumentos de "trivialização do Holocausto" maior do que seria nas partes ocidentais do continente. Exceto nos primeiros anos do pós-guerra, a historiografia soviética e seu modelo imposto lutaram tanto para "nacionalizar" quanto para "internacionalizar" o Holocausto. A "nacionalização" equivalia a transformar as vítimas judias em vítimas locais, enquanto a "internacionalização" derivou da "definição" de "fascismo" ideologicamente determinada pelo regime. (SHAFIR, 2002, p.4)

Em Dresden, os três elementos citados por Shafir estão presentes nas narrativas dos grupos que compõem a disputa pela memória. A negação direta, a trivialização comparativa e a relativização. O primeiro caso engloba aqueles que negam qualquer existência ou prova do Holocausto, alegando que os judeus organizaram uma verdadeira farsa com objetivos variados.

David Irving e Leon Degrelle, o negacionista belga que enviou uma carta ao papa em 1979⁶⁹, também se enquadram na trivialização comparativa e na decorrente relativização do Holocausto. Buscando diminuir a importância das seis milhões de mortes causadas pelos nazistas, os dois negacionistas colocaram em uma balança moral o Holocausto com os bombardeios Aliados da Segunda Guerra, incluindo Dresden, Hiroshima e Nagazaki. Essa comparação é o ponto fundamental do discurso extremista em Dresden. O chamado *Bomben-Holocaust* (o Holocausto das bombas) tem como objetivo alegar que o verdadeiro genocídio fora causado pelas bombas dos Aliados e não pela Alemanha nazista.

O discurso, além de diminuir a magnitude do Holocausto, também permite expurgar a culpa cultivada ao longo de anos na Alemanha. Se o passado era um tabu, agora ele passa a ser a referência, ainda que deturpado, para legitimar discursos de ódio contra todos os tipos de minorias na sociedade alemã. O direito à voz dado à ideologia extremista foi concedido pela RDA e pelos indivíduos que fomentaram as bases do negacionismo.

No seu livro *Apocalypse 1945: The destruction of Dresden* (1995), Irving reforça visões outrora desmentidas pela historiografía e proporciona ainda mais munição para a extrema-direita já organizada àquela altura. O britânico reproduz a contagem de mortos na casa dos 200 mil e reforça a visão da destruição Aliada como matriz de todo o caos da Segunda Guerra Mundial.

Muito provavelmente tinha sido redigida (ordem do dia número 47) para certos funcionários de Berlim que podiam ser invocados não para manter suas línguas quietas. Até agora não encontrado no original, e sem carimbos ou assinaturas de autenticação, este documento deu o número de mortos em Dresden como 202.040. (IRVING, 1995, p.234)

Degrelle, igualmente negacionista, foi além e responsabilizou os bombardeios Aliados pelas mortes dos judeus durante a guerra. Coloca-se em pauta novamente a

_

⁶⁹ Quando o papa João Paulo II estava em vias de visitar Auschwitz, em 1979, Degrelle enviou-lhe uma carta pedindo que a visita fosse cancelada, alegando que o campo de concentração era uma grande mentira.

tentativa de descredibilizar a catástrofe e isentar-se da culpa direcionando-a para outros indivíduos. Tornar o Holocausto uma grande mentira não é algo impensado, mas parte do processo de construção dos mitos e consenso da extrema-direita europeia. Grupos que, ainda diferentes em aspectos nacionais, unem-se ideologicamente na contestação de fatos históricos comprovados.

O maior desafio envolvendo a pesquisa sobre Dresden é o limiar entre o discurso negacionista e a captura da memória subterrânea ignorada pelo Estado. Durante a construção do silêncio, em meio à culpa e ao trauma, diversas oportunidades foram perdidas no espaço da História e da memória. Conforme fora colocado por Vidal-Naquet e Shafir, esses espaços de rememoração constante (ASSMANN, 2011), quando tomados pelo esquecimento organizado, tornam-se ambientes perfeitos para a difusão do negacionismo, da trivialização e da relativização do Holocausto.

Entretanto, cabe à pesquisa histórica elencar e retomar elementos que foram apropriados pelo discurso de extrema-direita. Entre eles estão: a memória dos bombardeios, o papel dos refugiados, a importância estratégica da cidade e a desproporcionalidade do ataque. O objetivo é elucidar esses tópicos, entendendo que não são propriedades da memória extremista, mas sim parte de uma grande lacuna que acompanhou as testemunhas e toda a sociedade dresdense ao longo de anos.

4. CAPÍTULO 4: ACERTANDO AS CONTAS COM O PASSADO

4.1 REUNIFICAÇÃO E MEMÓRIA REDENTORA

A queda do Muro de Berlim, em 1989, foi um marco na História mundial, pois representou a crise do socialismo soviético que levou, à reunificação alemã (1990), e ao processo de desmantelamento da União Soviética (1991). Em Berlim, indivíduos separados por décadas puderam retomar os abraços e o sentimento de que sua integridade física estaria garantida. Epicentro das disputas ideológicas da Guerra Fria, a Alemanha voltava a ser um país e encontrava muitos dilemas pela frente.

Ainda que pareça imediato, o processo de reunificação envolveu a construção de uma suposta unidade irrestrita. Contudo, anos de divisão cobraram seu preço em diferentes campos da sociedade, principalmente no tocante à memória e à História. É necessário lembrar que no pós-guerra foram criados dois países que seguiam modelos

político-econômicos distintos: a República Democrática Alemã e a República Federal da Alemanha.

Enfrentando os dilemas herdados da divisão, cidades como Dresden ocupavam o status de problemáticas, pois ainda pareciam presas ao imediato pós-guerra e observaram o crescimento de narrativas contrárias à democracia que se reestruturava na região. Antes ignorado e silenciado, o passado tornou-se o principal foco da Alemanha, rendendo a criação de um termo: *Vergangenheitsbewältigung*, o acerto de contas com o passado (VESS-GULANI, 2008).

Acertar as contas com o passado era, enfim, olhar para o período nazista com seriedade e não mais silenciar. De acordo com Karl Jaspers (1946), os anos posteriores à guerra seriam definidos pela responsabilidade recaída sobre toda a comunidade alemã. Não havia brechas morais para questionar o passado, apenas aceitá-lo e esperar que o tempo cuidasse do esquecimento generalizado. Contudo, a política do esquecimento mostrou-se ineficaz e nociva à construção da memória nacional do Terceiro Reich.

Conforme fora desenvolvido nos últimos capítulos, Dresden representa a esquematização dos principais elementos que reforçam a narrativa extremista. Seu passado traumático fora instrumentalizado, suas testemunhas silenciadas e grande parte dos fatos ocorridos em 1945 tornaram-se munição para o discurso negacionista. Foram 44 anos entre os ataques e a reunificação, período marcado pelo longo processo de desestruturação da sociedade civil e dos seus espaços de debate sobre o passado.

O caso de Dresden é um recorte necessário para a compreensão da profusão de grupos extremistas na Alemanha oriental. É possível traçar paralelos com a obra de Henry Rousso *The Vichy Syndrome* (1991), na qual o autor francês aborda o papel da memória no processo de reconciliação nacional. Situada entre a amnésia e a anistia, a memória torna-se objeto de repressão e ferramenta de esquecimento em prol do "bem maior". Assim como ocorrera na França, com o "sequestro gaullista da memória", é possível dizer que os anos de guerra fria em Dresden foram de ampla repressão e amnésia.

Repressão não somente física, mas conceitual. A memória dos bombardeios, quando não mais utilizável, tornou-se tabu e passou a ser excluída dos espaços de discussão. Não havia interesse em lidar com temas tão problemáticos e sensíveis, ainda mais quando os objetivos políticos estavam voltados para o conflito e a divisão causada pelo contexto geopolítico.

Em termos nacionais, a repressão ocorreu com a memória do nacional-socialismo, período que demonstra o pior momento da população germânica. Durante os anos de divisão, as duas Alemanhas lidavam com o seu passado recente de maneira completamente supressiva, sem espaços para lembrança ou projetos nacionais de recordação. Anos depois, com a transformação do panorama político, trilhou-se o caminho da reconciliação.

Segundo Suleiman (2008), a repressão da memória dá lugar à obsessão característica do novo período geopolítico. Após o fim da Guerra Fria, países do antigo bloco soviético e a própria Alemanha olharam para o passado em busca de elementos esquecidos durante todos esses anos. Monumentos e memoriais passaram a ser erguidos em tempo recorde, assim como projetos de lembrança envolvendo o passado traumático antes ignorado. Antes reprimida, agora a memória torna-se objeto de desejo, virando pauta de debate e pesquisa nos mais variados campos de conhecimento.

O Vergangenheitsbewältigung virou o lema da Alemanha pelo entendimento de que o passado não poderia ser uma lacuna entre dois períodos históricos. Era necessário, enfim, confrontar os traumas das diferentes gerações de alemães envolvidos nesse processo. Levando em conta o conceito de pós memória, de Marianne Hirsch, muitos indivíduos durante o confrontamento com o passado não experimentaram o trauma in loco, mas o revivem cotidianamente no seio familiar marcado pela memória traumática.

O principal autor a lidar com o caso da obsessão pela memória na Alemanha foi Andreas Huyssen, teórico alemão da Universidade de Zurique. Em *Seduzidos pela Memória* (2000), o alemão enxerga como indissociáveis a memória e o esquecimento. Ao passo que o *boom* memorialístico toma as sociedades modernas e midiáticas, o esquecimento torna-se o principal motivo de temor. As memórias, cada vez mais imaginadas e não vividas, carregam no seu enquadramento elementos que não vêm à tona, tornando-se fragmentos esquecidos e não abordados.

Para lidar com o esquecimento em profusão, as sociedades adotam o regime de memória baseado na rememoração constante no espaço público e privado. A obsessão pela memória, citada por Suleiman e Rousso, encontra em Huyssen a conceituação para o contexto de reconstrução alemã. Enquanto erguiam museus e memoriais em profusão, os alemães alegavam defender um trabalho de reconhecimento do passado e que estavam caminhando rumo à "memória exemplar" (ROUSSO, 1991; TODOROV, 2004). Nesse

caso, trata-se da memória útil ao presente, servindo como exemplo para que novos traumas não sejam perpetrados.

Por outro lado, os museus e memoriais também são entendidos como espaços que representam uma relação do presente com o passado. Para Huyssen, existe o interesse crescente do presente pelos fatos já ocorridos, é observado principalmente nos meios midiáticos. Segundo ele: "Quanto mais rápidos somos empurrados para o futuro global que não nos inspira confiança, mais forte é o nosso desejo de ir mais devagar e mais nos voltamos para a memória em busca de conforto". (HUYSSEN, 2000)

Pensar a partir da obsessão pela memória é encontrar caminhos que possibilitem o entendimento da reunificação como um novo momento da política mnemônica. A partir dos anos 80, inicia-se, segundo o alemão, a "redenção pela memória" (HUYSSEN, 2000). Antes marcada por ignorar o passado, a sociedade passou a adotar um crescente interesse pelas políticas de memória. Memoriais como a *Topografia do Terror* foram elaborados e erguidos a partir desse período de reconstrução física e ideológica.

A redenção torna-se o caminho para expurgar a culpa e definitivamente promover o acerto de contas com passado. Os memoriais representam, expostos no espaço urbano, o interesse do povo em reconhecer e lidar com os seus traumas. O Holocausto transformou-se no principal objeto de interesse, concretizado pelo Memorial aos Judeus Mortos da Europa, finalizado em 2005 no centro da capital alemã. Durante a reconciliação nacional no pós-guerra, o esquecimento foi a principal arma utilizada para ignorar ações individuais e coletivas que pudessem prejudicar a unidade nacional. Já na memória redentora, imersa na obsessão pela memória, a lembrança e o resgate demonstram o principal interesse da sociedade.

A Sanierung (renovação) do espaço urbano alemão ocorreu com o diálogo de dois elementos: o apagamento das referências ao período comunista, no caso da Alemanha oriental, e a transformação dos "vazios urbanos" (HUYSSEN, 2000) em espaços de lembrança e recordação. Um exemplo é encontrado no já citado memorial Topografía do Terror, antigo quartel-general das forças nazistas, hoje um espaço de conhecimento e contato com a memória traumática.

Abrangente e sofisticada, a visão de Huyssen propõe a compreensão da reunificação para além do campo político. Inserido na transformação da mentalidade alemã, o processo de resgate do passado ocorreu de maneira inflacionária e tomou conta

de diversos campos, das artes à política. Contudo, a construção mnemônica da Alemanha unificada, do ponto de vista de Huyssen esbarra em um grande dilema: o processo não foi homogêneo e deixou enormes lacunas na antiga Alemanha oriental. Dresden permaneceu presa ao passado e inserida no que Aleida Assmann classificou como *memória dividida* (2013).

4.2 ALEMANHA UNIFICADA, MEMÓRIA DIVIDIDA

Vista como referência para os habitantes de Dresden, a *Frauenkirche*, igreja luterana situada no centro da cidade, representa os contrastes envolvendo a memória dividida da cidade. Durante todo o século XX, os escombros permaneceram intocados e projeto algum efetivo de reconstrução foi levado adiante. A memória traumática involuntária continuava como uma ferida aberta no coração do espaço urbano. O que havia restado da *Frauenkirche* simbolizava a essência de Dresden.

A obsessão pela memória e pelos seus espaços, como fora argumentado por autores como Huyssen e Nora, não ocorreu na mesma proporção na antiga Alemanha oriental. Além disso, os recalques levados ao tempo presente tornaram o problema mais atual do que aparenta, visto que o ressentimento em Dresden está associado aos caminhos adotados ao longo do século XX e à reunificação do Estado.

Mesmo que reconstruída respeitando a sua estrutura original, a cidade não passou por debates amplos acerca do passado. As mudanças ocorridas foram superficiais e não condizentes com a realidade mnemônica do local. Os escombros, aos poucos, deixaram de compor o espaço urbano, mas a mentalidade e a memória coletiva permaneciam imersas em discursos dúbios marcados por anos de políticas controversas e malintencionadas.

Em Beyond Berlim: Twelve German cities confront the nazi past (2008), Rosenfeld e Jaskot constroem um panorama que complementa o conceito de memória dividida de Assmann. Os autores constituem uma análise heterogênea da construção mnemônica em diferentes cidades alemãs, demonstrando que o Vergangenheitsbewältigung não foi organizado de maneira única em todos os espaços urbanos.

Para Assmann, a memória traumática continua atormentando o presente, trazendo dilemas políticos como os que ocorrem em Dresden. Partindo do contexto geral da Europa, a autora entende o Holocausto como mito fundador da União Europeia, ainda que

a memória em relação ao genocídio não seja homogênea. Enquanto a Europa ocidental possui uma memória canonizada da *Shoah*, no Leste ela é acentuada e militante (2008). Essa dicotomia, também presente no contexto, demonstra a necessidade de problematizar a memória da reunificação.

As políticas de memória em Berlim foram muito mais profundas e eficazes do que no restante do território. Ademais, a memória da Alemanha oficial se sobrepôs às narrativas do lado oriental, ignorando elementos do passado que ainda não haviam sido confrontados. Portanto, observar a construção efusiva de memoriais na capital e concluir que a política de memória alemã foi um sucesso é errôneo. Ainda que corretamente confrontando o passado, o processo não penetrou o seio da sociedade tomado pelo extremismo.

Dialogar a partir da memória dividida alemã é antagonizar cidades como Berlim e Dresden. Na Saxônia, a memória conturbada e disputada dos bombardeios permaneceu excluída dos locais de discussão. Enquanto o espaço urbano de Berlim viu-se tomado por intervenções memorialísticas, em Dresden o processo cessou na reconstrução da cidade. A maior referência aos bombardeios é a rocha em frente à igreja *Frauenkirche*. Durante os bombardeios, ela despencou da cúpula atingindo o chão, permanecendo no mesmo lugar até hoje. Vale ressaltar que o contraste entre o destruído e o reconstruído também se configura como um elemento memorialístico presente na cidade.

Figura 10: Escombro caído em frente à igreja Frauenkirche em Dresden.



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2020.

Ao visitar Dresden, no dia 13 de fevereiro de 2020, deparei-me com um espaço urbano tomado pelo constrangimento. O constrangimento em relação ao passado evidencia-se pela ausência de menções diretas ao trauma, ignorando o papel ocupado pela cidade no processo de construção da memória dos bombardeios. O olhar proposto por Skarpelis (2020), no qual o autor compara Dresden com Hiroshima, permite o entendimento de contraposições entre as duas cidades. Ainda que representando uma cidade japonesa (país do Eixo) bombardeada durante a guerra, Hiroshima virou símbolo de reconstrução. Dresden, por outro lado, remete a tudo que deve ser esquecido pelos alemães e seu passado recebeu conotação negativa.

Museus voltados diretamente à temática dos bombardeios não são encontrados em Dresden, ainda que a própria reconstrução da cidade represente um memorial a céu aberto. Em Berlim, pode-se viajar entre exposições em *bunkers* e placas em ruas que sinalizam a presença de fatos ligados ao nacional-socialismo, demonstrando preocupação em lidar com o passado. A ausência de políticas semelhantes no Leste corrobora o silêncio estabelecido anos antes e ainda existente em cidades afetadas pela guerra.

Em meio à divisão da memória, coube a Dresden a categoria de local traumático sem propostas de intervenções diretas para lidar com o seu passado. Os silêncios e lacunas tornaram-se não só a sua política oficial, mas também a base narrativa dos seus museus.

Espaços que deveriam aproximar o público da memória problematizada acabaram tornando-se plataformas para a reprodução do apagamento histórico levado adiante ao longo de décadas. Enquanto Berlim vivia o seu furor mnemônico, Dresden viu proliferar em suas ruas movimentos de extrema direita alimentados pelo negacionismo e pela política de esquecimento institucional.

Shafir (2002) endossa as diferenças das políticas de memória envolvendo o Holocausto, reiterando que o Leste pós-comunista passou por um processo de trivialização da *Shoah* refletindo nas sociedades contemporâneas. Defendo que o mesmo ocorreu com a memória dos bombardeios na Alemanha. manipulados pelo Estado comunista e silenciados pela Alemanha ocidental, os elementos traumáticos dos ataques tornaram-se um tabu na sociedade. Após anos de instrumentalização e trivialização, as falhas em relação ao passado abriram o caminho para o negacionismo difundido e solidificado em cidades como Dresden.

4.3 OS ECOS DO SILÊNCIO: MUSEUS EM DRESDEN

Fala-se muito da memória, mas pouco se conhece do esquecimento. Ora, memória e esquecimento são faces do mesmo processo. Não é nenhuma novidade dizer que a memória é um mecanismo de esquecimento controlado, seletivo. Mas a amnésia social ainda é terreno a ser explorado – mormente no campo dos museus. (MENESES, 2018, p.2)

Ulpiano Bezerra de Meneses, teórico brasileiro e uma das maiores referências em estudos sobre museus, corrobora a tese de que o esquecimento e a lembrança são dois lados da mesma moeda. Onde há memória, há esquecimento, seja ele proposital ou não. Para Meneses, é comum que as sociedades enxerguem o "esquecer" como a vertente negativa da memória, visto que ela é diretamente associada às ações de resgate e lembrança (de indivíduos, mitos, heróis, fatos etc.). Todavia, além de ser algo diversificado e com diferentes motivações, não lembrar é uma consequência direta da memória.

Anteriormente, foi citado o enquadramento da memória e os recortes que possibilitam a construção da narrativa mnemônica nacional. É o processo de seleção estruturador da memória coletiva, conceito defendido por Hallbwachs. Enquanto seleção, a memória é lapidada e tem elementos retirados da sua formação.

Segundo Meneses, a capacidade de regimes totalitários, como era o caso do nazismo, promoverem o "recalque" do passado foi um dos motivos para as críticas ao

conceito de Hallbwachs. A memória coletiva tornava-se um instrumento de legitimidade para governos adeptos do esquecimento coercitivo e instrumentalizado, desenvolvendo narrativas nacionais limitadoras que suplantavam as experiências individuais e as memórias subterrâneas.

Sendo assim, o esquecimento torna-se pauta evidente nas instituições que reproduzem as narrativas reconhecidas como oficiais. Ele pode ser desenvolvido em outros segmentos que vão além do aparato estatal, como aponta Paul Connerton, da Universidade de Cambridge, em relação aos seguintes casos:

(...) o apagamento repressivo (o poder abafa a memória, como nas ditaduras), o esquecimento prescritivo (por pressão da sociedade), o esquecimento que é constitutivo da formação de uma nova identidade (quando os ganhos sobrepujam as perdas, como com os imigrantes); a amnésia estrutural (derivada das hierarquias sociais); o esquecimento como anulação (por saturação); o esquecimento como obsolescência planejada (típica do sistema capitalista de consumo); o esquecimento como silêncio humilhado (aquele de acontecimentos vergonhosos ou constrangedores). (CONNERTON, 2018, apud MENESES, 2018, p.2).

A partir das premissas de Connerton e Meneses, é possível analisar a condição de Dresden em meio ao dilema: dever de memória ou direito de esquecer? Seus museus enveredaram pelo esquecimento estabelecido pelo Estado e por grande parte da sociedade. Contudo, as memórias ausentes de Dresden buscaram novos meios de transmissão que possibilitaram a sua reverberação. Conforme fora dito, o extremismo de direita apropriou-se da memória esquecida, do passado ignorado pela exposição do museu. A negação do dever de memória impulsionou o negacionismo da História.

Dresden possui dois museus de grande relevância que atraem milhares de turistas todos os anos. Nesses dois espaços realizei grande parte do levantamento das fontes para esta pesquisa. Os museus possuem características diferentes e propostas que pouco se conectam, além de ocuparem espaços relativamente distantes entre si. Enquanto um localiza-se no centro histórico da cidade (sendo ele a principal referência museal de Dresden), o outro está em uma região periférica, mais afastado do epicentro dos bombardeios.

Misturando arquitetura barroca, rococó e clássica, a *Landhaus*, casa de campo, fora finalizada em 1775, período ainda marcado pela imponência aristocrática na Saxônia. Concebida pelo arquiteto Friedrich August Krubsacius, a casa de campo foi lar das mais importantes instituições de Dresden, entre elas o *Landtag*, o parlamento do Estado saxão.

Desde 1966, a icônica construção tornou-se sede do *Stadtmuseu Dresden*, o museu da capital da Saxônia, responsável por expor séculos de História regional.

A análise do museu começa pela sua atual estrutura, levando em consideração que não foi a primeira, mas se tornou a mais reconhecida. O edifício da *Landhauss*, afetado pelos bombardeios de 1945, foi reconstruído e remodelado entre 2003 e 2006. O local que carrega nas suas paredes a essência da Dresden barroca, também foi dragado pela memória das bombas, sendo ele próprio um lugar traumático.

Situado na cidade antiga, conhecida como *Altstadt*, o museu ocupa as ruas *Lanhauss* e *Wilssdrufer*, próximo de grandes marcos como é o caso da Frauenkirche, do Zwinger e o Terraço Brühl. Em questões geográficas, não há lugar melhor para situar um museu que apresenta de maneira crítica a história saxã desde o ano 800. Partindo do período medieval, momento de criação da cidade, o museu estrutura sua narrativa em seções cronológicas, respeitando a organização linear da História. As salas do museu são dispostas de maneira que harmonizem com a proposta da exposição, permitindo a continuidade da experiência ao visitar o museu.

A linearidade da exposição não é a causa dos seus problemas. Conforme defende Meneses (2018), problematizar e simplificar não são opostos quando o assunto é o museu. A exposição do *Stadtmuseum* é clara, dotada de algumas ferramentas tecnológicas⁷⁰ e didática ao elencar os principais fatos históricos da cidade. Ressalta-se o foco na história nobiliárquica e no passado aristocrático da cidade, consolidando sua posição de centro cultural europeu.

Após uma viagem de mais de mil anos pela história da cidade, a visita tem a sua última seção nomeada como: *Demokratien und Diktaturen – Dresden im 20. Jahrhundert*⁷¹. Apresentada ao visitante de maneira antagônica, a seção dá amostras de ser a mais problemática e questionadora de todo o museu, pois os temas abordados são latentes no tempo presente. De maneira semelhante à maioria dos museus alemães, a seção inicia sua narrativa no século XX a partir da Primeira Guerra Mundial e ressaltando a República de Weimar.

Ela é dividida em três subseções: 1) Dresden durante a Primeira Guerra Mundial e a República de Weimar (1914-1933); 2) Dresden na ditadura nacional-socialista; 3) A

_

⁷⁰ O museu possui painéis interativos, experiências de som e imagens.

⁷¹ Democracias e ditaduras - Dresden no século XX.

cidade socialista: Dresden no pós-guerra e na RDA (1945-1990). Destaca-se de antemão a ausência de uma seção voltada unicamente para os bombardeios de 1945, seja pela construção estritamente temporal da exposição, ou pelo silêncio adotado na construção da narrativa museal. Destaco que a própria escolha pela linearidade da exposição serve como ferramenta para escapar dos dilemas apresentados pela memória traumática.

Ainda assim, o *Stadtmuseum* apresentou-se como o mais crítico e disposto a abordar, ainda que de forma tímida, os bombardeios. O segundo momento da seção, focado nos anos do nacional-socialismo, é composto pelas tradicionais referências ao movimento, ressaltando seu autoritarismo e arquitetação do Holocausto, e pelas únicas menções com imagens que um museu de Dresden faz ao seu episódio mais traumático da sua história.

Entretanto, ainda que aborde os bombardeios, a narrativa do museu é tímida e pouco problematiza o fato. A exposição limita-se a apontar os seguintes dados: número de aviões, número de mortos e a autoria dos ataques. Pouco se fala sobre as justificativas e não se questiona a moralidade dos bombardeios, dando a entender que o assunto já é algo encerrado. Sendo o museu um espaço didático, onde é possível confrontar a memória com a criticidade da pesquisa histórica, comprova-se como errônea a narrativa da exposição do *Stadtmuseum*. O principal museu da cidade informa, mas não instigar a reflexão sobre um passado ainda com enormes lacunas.

Daí a necessidade de problematizar a memória, problematizar a memória do trauma. Isto significa, antes de mais nada, que tanto a memória, como, aliás a cultura, quanto, enfim, as comunidades identitárias não são fenômenos ou entidades homogêneas, pré-definidas, estáticas. São complexos em processos de transformação permanente ao sabor dos interesses humanos e das forças atuantes nos contextos. Em consequência, os maniqueísmos, as batalhas entre os bons e os maus não são um caminho aconselhável. (MENESES, 2018, p.9)

Por fim, destaco a construção emotiva da narrativa museal presente no museu da cidade. Encontrando seu clímax nos anos de glória, expondo o ouro e a bonança característica da nobreza, o museu encerra a visita com o caos político e a destruição causada pela guerra. Ainda que não estimulada, a reflexão sobre o contexto surge no visitante mais atento, mesmo que isso não represente uma mudança de olhar em relação ao passado aparentemente consolidado. Possuindo as principais ferramentas para estimular o debate, o *Stadtmuseum* é a representação da parcialidade dos responsáveis pelo museu, a partir da ausência do debate e da reprodução do silenciamento em Dresden.

Figura 11: Democracia e Ditadura. Dresden no século XX.



Fonte: Acervo pessoal do autor. Stadtmuseum, 2020.

Figura 12: Fragmento de bomba inglesa encontrado nos escombros de Dresden.



Fonte: Acervo pessoal do autor. Stadtmuseum, 2020.

Mesmo com as suas limitações, o *Stadtmuseum* representa o mais próximo da reflexão do passado em Dresden. Comparativamente, o *Museu de História Militar da Bundeswehr*⁷², localizado ao Norte da cidade, constituiu-se com uma narrativa focada na guerra e ignorou quase completamente as maiores marcas do conflito mundial na cidade. Mais moderno e chamativo, o museu militar impõe-se pela sua arquitetura, que mescla elementos tradicionais com uma grande forma geométrica futurista na sua faixada. O projeto, assinado pelo arquiteto Daniel Libeskind, reposicionou o Museu de História Militar como grande referência nacional.

Apesar da sua aparência moderna, a sua existência remete ao início do século XX como museu e ao século XIX como edifício histórico. Com a interferência de Napoleão Bonaparte na política saxã, foram formados exércitos dos eleitorados, como foi o caso do exército saxão. Durante o reinado de Albert da Saxônia (1828-1902), centenas de armas e milhares de munições começaram a ser depositados no arsenal *Albertstadt*, concluído em 1876. Com a dissolução de arsenais semelhantes em toda a Saxônia, o *Albertstadt*

⁷² Forças armadas.

tornou-se o principal depósito de armas do Estado, sendo transformado posteriormente em museu.

Concebido como museu do exército, atravessou os períodos da história local sendo reposicionado, renomeado, mas não deixando de existir até 1945. Somente com o governo comunista que o museu foi fechado e suas peças enviadas para a URSS. Da década de 1970 em diante, a RDA reabriu o museu e constituiu sua exposição a partir da concepção comunista de conflito, priorizando a luta de classes e o exército do povo. Esta visão permaneceu predominante até o século XXI.

Foi quando, em meio ao processo de reunificação germânica, iniciou-se também a reconstrução do museu e da sua exposição. Renomeado como Museu de História Militar, tornou-se uma das principais instituições museais da Alemanha, compondo sua exposição com peças que vão da criação do guerreiro germânico à catástrofe das guerras mundiais.

Curiosamente, a maior referência do museu aos ataques de 1945 está na sua nova arquitetura. Finalizada em 2011, a cunha de metal posicionada na entrada tornou-se sua principal característica. Daniel Libeskind, arquiteto responsável, argumentou que a cunha é uma referência à forma como os aviões ingleses executaram a operação Thunderclap em 1945. Além disso, a seção do museu referente aos bombardeios encontra-se no último andar, onde é possível ter uma vista panorâmica da cidade, em um contraste entre o velho e o novo.

Diferentemente do *Stadtmuseum*, o MHM não possui sua exposição organizada somente na linearidade temporal, mas também em eixos temáticos. O visitante não precisa seguir uma ordem obrigatória, vivenciando a experiência do museu de maneira livre, observando transversalmente a relação do homem com a guerra. Na exposição é possível ver desde animais utilizados nos esforços de combate às experiências sensitivas com os soldados deformados pelas explosões da Grande Guerra.

Dividida nas duas exibições, o museu possui uma exposição permanente que aproxima temas culturais da guerra. Na exibição temática, as seções são: Visão de Dresden; Guerra e memória; Políticas e o uso da força; Moda e militarismo; Guerra e jogos; Linguagem e o militarismo; A formação dos corpos; Animais e o militarismo; Guerra e sofrimento; Proteção e destruição. Na exibição temática a visita torna-se mais

heterogênea e com ligações muito flexíveis entre si. Destaca-se o *Dresden View*, a vista panorâmica do museu que traz algumas imagens e menções aos bombardeios.

Em seu catálogo, o museu apresenta esta seção da seguinte maneira:

A exposição temática começa no quarto andar da nova extensão de Daniel Libeskind. Há uma ligeira inclinação ascendente entre o elevador e a ampla fachada da janela. As paredes se dobram para fora e para dentro sem oferecer ângulos retos como guia para os olhos. Entre a parede de vidro e a ponta da cunha em vigas de aço e lajes de alumínio existe um terraço que, com bom tempo, pode ser acedido através de porta. Oferece uma das vistas mais maravilhosas do centro histórico da cidade de Dresden. (MHM, 2020, p.53. Tradução do autor.)

A vista panorâmica é um ponto positivo do museu, sendo estruturada de maneira conceitual e fazendo paralelos com o retrato da cidade. O desconforto ao olhar a paisagem sendo associado às marcas da destruição no centro histórico, onde paredes marcadas pelo passado dividem o espaço com os símbolos da reconstrução. As lacunas reconstruídas em Dresden não foram dispostas para dar uma nova cara à cidade, mas sim resgatar o que havia sido perdido em 1945.

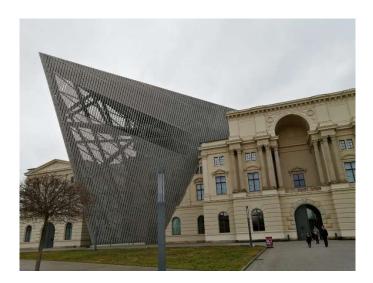


Figura 13: Entrada do Museu de História Militar em Dresden.

Fonte: Acervo pessoal do autor, 2020.

Figura 14: Blocos de concreto recuperados em Dresden.



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2020.

Figura 15: Vista do 4º andar no Museu de História Militar, Dresden.



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2020.

O museu, de fato, faz referências aos bombardeios. Contudo, assim como o museu da cidade, sua narrativa é focada em número de mortos e na destruição estrutural dos edifícios. Mais focado na apresentação visual, o MHM apresenta poucas possibilidades de argumentação mais ampla ao visitante, restringindo o olhar à perspectiva já elaborada pelo museu. Fora a vista panorâmica da cidade, a exposição permanente do MHM é pobre ao abordar o trauma das bombas.

Por ser pensado como museu nacional, a sua exposição não se restringe ao espaço urbano de Dresden, grande diferença em relação ao museu anterior. A amplitude da sua

exposição, somada ao tabu ainda insistente em Dresden, torna a exposição limitada a poucas referências, saturada de peças temáticas e pouco crítica em relação ao passado (até mesmo o da guerra).

Por fim, destaco que a seção "1914-1945", a qual despertava expectativa em relação ao recorte temporal, é focada na narrativa militar do passado. Visto que o museu possui esse objetivo, não há grandes críticas a serem desenvolvidas nesse sentido, pois cumpre o seu papel de museu militar. Sendo o objetivo do visitante buscar referências sobre os ataques de 1945, o Museu Militar torna-se apenas uma nota de rodapé na construção de narrativas sólidas.

Desta forma, ressalta-se que o espaço museal não é um tribunal e não foi essa a expectativa gerada nas visitas aos principais museus históricos de Dresden. Não se propondo à condição de júri ou juiz, ele deve, na verdade, ser ferramenta indispensável na construção da consciência histórica (MENESES, 2018) e no engajamento em temáticas ainda pouco discutidas entre o público. No caso de Dresden, os museus representariam a ruptura com anos de inverdades e fugas no tocante ao conhecimento do passado.

Apropriando-se de diferentes narrativas, do olhar estatístico dos bombardeios à crítica à sua execução, os museus assumem a responsabilidade de amplificar o debate sobre as memórias de Dresden. Todavia, ocorre totalmente o oposto, já que as instituições museais da cidade são representações claras da política executada ao longo de anos, acrescidas do tímido olhar para o passado trazido pela reunificação. É olhar para os bombardeios, mas não enxergar a sua profundidade, desconsiderando seus efeitos na dinâmica atual dresdense.

A cidade do silêncio, do trauma e da negação tornou-se o epicentro do extremismo de direita. Anos de repressão à memória, poucos espaços de discussão e instrumentalizações do passado em uma perspectiva negacionista, todos esses elementos moldaram Dresden e culminaram no ano de 2019: após mais de 70 anos da Segunda Guerra Mundial, uma cidade alemã declarava "emergência neonazista". O parlamento local, ciente do avanço extremista na cidade, chamou a atenção do poder federal e os holofotes do mundo para Dresden.

4.4 DRESDEN: MEMÓRIAS EM DISPUTA

Em 2019, Dresden chamou a atenção do mundo com uma notícia que parecia irreal para o século XXI: a cidade alemã declarava ao governo federal emergência neonazista.

Basicamente, a declaração de emergência teve como objetivo alertar as autoridades da Alemanha que a capital da Saxônia caminhava na contramão da democracia. Enquanto partidos de extrema-direita como o AfD⁷³ e o NPD⁷⁴ galgavam espaço na política institucional, grupos organizados de rua como o PEGIDA se manifestavam e conquistavam cada vez mais adeptos.

Neste sentido, destaca-se a especificidade de Dresden, visto que o próprio passado da cidade está diretamente envolvido com os grupos que lhe causavam transtorno, pois são eles integrantes no debate sobre os bombardeios de 1945. Visando a iniciar um processo de reconciliação na cidade, o presidente alemão Frank-Walter Steinmeier proferiu seu discurso nos eventos que lembravam os 75 anos dos bombardeios. Partindo de Wielun, na Polônia, Steinmeier deixou claro para os presentes que o passado de Dresden é moldado pela complexa relação entre a culpa e o trauma.

As bombas destruíram muito do que foi construído em séculos em Dresden. Elas atingiram pessoas que não tiveram a mínima chance. Crianças, mulheres e homens dresdenses, refugiados, prisioneiros de guerra, nazistas e gente da gestapo, lutadores da resistência e pessoas dos campos de concentração. As bombas acertaram de forma aleatória mais de 10 mil pessoas, mas alguns sobreviveram, como Viktor Klemperer, que tirou sua estrela amarela e se abrigou no meio do caos geral, ele sobreviveu a essa tempestade de fogo, um medo físico e psicológico. (STEINMEIER. Discurso em 13 de fevereiro de 2020. Tradução do autor.)

Ao discursar no evento de lembrança dos bombardeios, em fevereiro de 2020, o presidente alemão estruturou o panorama da memória traumática dresdense. Diferentemente de momentos e líderes políticos anteriores, Steinmeier adotou um tom conciliador, mas sem deixar a criticidade de lado. Assumiu as responsabilidades do Estado alemão, mas não deixou de citar a brutalidade dos bombardeios de 1945. Ele não levantou tópicos polêmicos como a justificava dos ataques e a sua moralidade, mas deixou claro que os sobreviventes de Dresden não deveriam ser relegados ao ostracismo por pertencerem a uma antiga cidade nazista.

Figura 16: Discurso de Frank-Walter Steinmeier em Dresden, 2020.

_

⁷³Alternativa para a Alemanha.

⁷⁴ Partido Democrático Nacional.



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2020.

Figura 17: Preparação para o abraço coletivo à Frauenkirche, 2020.



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2020.

Steinmeier discursou reconhecendo o peso do passado e rompendo as barreiras da culpa, ainda muito presente quando o povo alemão é indagado sobre os crimes. Sua fala reforça o seguinte ponto: Dresden não se fez nazista, mas foi transformada em uma cidade do regime. A essência da cidade e da sua cultura não eram ligadas ao nacional socialismo, mas a sua constituição social no período dos ataques sim. Desta forma, não é correto endossar o esquecimento, mas sim retomar os debates sobre o passado local.

Toda a construção histórica desenvolvida ao longo dos quatro capítulos foi pensada para a compreensão do status atual de Dresden. Uma cidade ressentida com o seu próprio passado e tomada por disputas entre grupos extremistas e antifascistas. Lidar com as memórias no plural é entender a amplitude de interpretações dos acontecimentos, principalmente os traumáticos, podendo o ressentimento recair em deturpações da realidade e memórias falaciosas.

Por outro lado, os grupos que defendem a memória oficial, tida como correta e pertencente à sociedade, parecem pouco importarem-se com a problematização do passado. Dresden supostamente mereceu os ataques e isto não é um problema para grupos antifascistas como o *Dresden Nazifrei*⁷⁵. Portanto, anos de história e disputas de poder sobre o passado atuaram diretamente no comportamento social de cidadãos influenciados pela pós memória dos bombardeios. Indivíduos que não vivenciaram o trauma, mas falaram inspirados por ele e como se representassem as vítimas primárias dos ataques.

Os olhares desconfiados da comunidade internacional em relação aos episódios extremistas em Dresden são compreensíveis. Quando marchas neonazistas e comícios de partidos extremistas viram notícias, tendo a cidade como palco, o entendimento prévio é de que a Saxônia está entregue à extrema-direita. O alarde é necessário, ainda que as narrativas democráticas também estejam presentes em Dresden, pois suscita cada vez mais o debate sobre o tema.

Popularizadas no início dos anos 2000, as marchas fúnebres de Dresden passaram a ser eventos de cunho internacional. Reunindo milhares de indivíduos ressentidos com o passado, ela tornou-se a principal manifestação de extrema-direita na Europa. Homens de todas as idades, vestindo roupas pretas, carregam faixas e gritam palavras de ordem. Seu principal argumento é o *Bombenholocaust*, o Holocausto das bombas em Dresden.

Realizado anualmente, o rito fúnebre seria em memória das vítimas dos ataques aliados, massacradas sem justificativas plausíveis que balizassem a Operação Thunderclap. São os discursos mais diretos no confrontamento dos Aliados como heróis de guerra, mas estão sendo proferidos por grupos sem legitimidade que utilizam da manipulação do passado para objetivos negacionistas. Se por um lado defendem a tese do Holocausto das bombas, por outro alegam que a *Shoah* não passa de um delírio judeu.

⁷⁵ Dresden livre de nazistas.

Com a realização do rito fúnebre, Dresden tornou-se o polo europeu do extremismo, atraindo a atenção do mundo no dia 13 de fevereiro. Entre os grupos envolvidos, movimentos de rua a partidos políticos, dois temas aparecem como basilares nos discursos e manifestações: o número de mortos, já citado acima, e o *Opfermythos* (o mito da vítima). Constituído a partir da suposta irrelevância militar de Dresden na Segunda Guerra, o mito é a tentativa de inverter as posições de vítima-algoz entre os alemães e os Aliados.

Além de exigirem reparação por parte de ingleses e norte-americanos, os movimentos extremistas insistem em negar o número de 25 mil mortos nos ataques, compreendendo ser uma quantidade muito inferior à realidade. Tino Chrupalla, então presidente da AfD, partido de extrema-direita alemão, defende que o número de mortos está na casa dos 100 mil⁷⁶, uma vez que grande parte das testemunhas relataram pilhas de mortos nas ruas de Dresden.

No segundo capítulo dessa dissertação, foi abordada a ideia de que a cidade era apenas um centro cultural abarrotado de refugiados. De fato, era o reduto da cultura barroca na Europa e abrigava milhares de deslocados da guerra, mas possuía também sua estrutura militar de relevância, além de ocupar a importante rota do Leste para os esforços de guerra. Na narrativa da extrema-direita, a irrelevância é supervalorizada e os ataques soam como ações injustificadas por parte dos Aliados.

A questão está exatamente neste limiar entre a cidade-vítima e a cidade-algoz. Dresden não possuía o mesmo status que cidades como Hamburgo ou Colônia, mas foi igualmente destruída pelos aviões anglo-norte-americanos. Os ataques, mesmo com objetivos definidos, não respeitaram princípios básicos de preservação da vida civil e do patrimônio cultural, ainda mais em uma cidade que não mudaria os rumos da guerra. Em nome do terror psicológico, Dresden foi arrasada. Não era irrelevante, mas sofreu ataques não condizentes com o seu status no contexto da guerra, rendendo as problemáticas presentes até hoje.

O *Opfermythos* é o principal argumento das milhares de pessoas que se reúnem na *Neustadt*, em Dresden. Indivíduos das mais variadas idades, vindos de diferentes regiões da Europa e adeptos de uma visão política que contrapõe a destruição de uma cidade alemã com o extermínio do povo judeu durante a guerra. A defesa da cidade não

⁷⁶ Disponível em: https://istoe.com.br/extrema-direita-tenta-instrumentalizar-bombardeios-de-dresden/. Último acesso em 12/08/2022, às 17:26.

é apenas parte de um sentimento nacionalista dos extremistas, mas o principal argumento para tornar as discussões sobre o Holocausto triviais e, até mesmo, negar a existência dos campos de extermínio durante a guerra. Desta forma, é possível afirmar que o passado de Dresden, ou pelo menos parte da sua narrativa, fora capturada pelo extremismo político de direita.

A captura de detalhes presentes nos relatos das testemunhas e, até mesmo, da defesa pública pela construção de um memorial para as vítimas, posicionam a extremadireita na condição de interlocutores. Mesmo dialogando a todo o momento com o passado nazista, grupos de rua neonazistas e partidos institucionais de extrema-direita são vozes poderosas nos debates sobre o passado dos bombardeios. No campo democrático, grande parte da oposição busca apagar e silenciar as narrativas da extrema-direita, mas sem proporcionar um resgate da memória tomada por eles.

É de extrema preocupação que os requerimentos para a construção de um memorial dos bombardeios partam de grupos nacionalistas e neonazistas. Soa como se esses indivíduos fossem preocupados com a história das testemunhas silenciadas, aproximando seu discurso de camadas da população deslocadas do debate público. O *modus operandi* da extrema-direita em Dresden é instrumentalizar o passado demonstrando apego ao que fora esquecido, preocupação com o que fora apagado ao longo de anos e menção aos testemunhos deslocados da memória oficial de Dresden.

Para ampliar o problema, a cidade tornou-se ambiente propício para o extremismo político, em razão dos anos de totalitarismo associados ao ressentimento do trauma moldaram gerações de indivíduos sem laços com o discurso democrático. Entendendo serem parte do resgate memorial de Dresden, muitos enveredam pela ideologia extremista, presente nas manifestações fúnebres do dia 13 de fevereiro. A cidade tornou-se o palco de mitos que insistem em se reproduzir em detrimento das políticas diretas voltadas para o passado.

Além de ter as ruas tomadas por manifestantes neonazistas, Dresden insere-se no rol de cidades da antiga Alemanha Oriental que se transformaram em base eleitoral dos partidos de extrema-direita, caso da AfD e do NPD. Acrescenta-se a esse contexto, o PEGIDA, movimento islamofóbico criado na cidade e principal grupo reacionário à política imigratória alemã. Sendo assim, pode-se destacar a extrema-direita atuante na Saxônia em três vertentes: o neonazismo, majoritário nas marchas fúnebres; a extrema-

direita partidária, representada principalmente pela AfD; e o PEGIDA, que possui o seu foco voltado para a questão imigratória e xenofóbica.

O fracasso das políticas de memória em Dresden transformou a cidade em um campo de batalha, sendo o passado o principal foco da disputa. Museus passivos e a ausência de memoriais voltados para o trauma de 1945 abrem espaços para o antagonismo entre duas culturas políticas: o extremismo, com uma narrativa repleta de apropriações essenciais para a compreensão crítica do passado, e o crescente grupo das contramanifestações antifascistas, representado principalmente pelo *Dresden Nazifrei*.

Em decorrência da ocupação anual do espaço urbano de Dresden por extremistas, defensores da democracia e membros do antifascismo organizado passaram a adotar contramedidas para as manifestações do 13 de fevereiro. Utilizando a divulgação prévia das marchas fúnebres, os contramanifestantes organizam atos no mesmo local e ocupam os espaços. É a apropriação da cidade de maneira literal, visando a impedir que os espaços de recordação se tornem ainda mais simbólicos para a extrema-direita internacional.

Em 2020, a tensão estava centrada na possibilidade de enfrentamento físico entre os dois grupos. A princípio, extremistas e contramanifestantes deveriam encontrar-se na área de *Neustadt*, local onde geralmente ocorre a marcha fúnebre pelas vítimas de Dresden. Com a possibilidade de embate, a polícia local montou um aparato de segurança e forçou a realização dos atos em horários diferentes, dificultando a realização do evento que costumava ocorrer de maneira livre e sem grandes incômodos. Os atos de contramanifestação antifascista têm sido as ações mais diretas no sentido de enfrentar e tentar frear o avanço do extremismo em Dresden. Contudo, ressalto que suas ações não são tão eficazes na construção de uma narrativa crítica dos bombardeios.

Em sua página virtual, o *Dresden Nazifrei* é descrito como opositor ao mito da cidade vítima e às políticas extremamente celebratórias em Dresden. Seu foco, segundo o próprio grupo, é construir e conscientizar uma mentalidade voltada para os crimes nazistas cometidos na cidade, ressaltando a sua importância para a máquina totalitária do nacional-socialismo e o envio de judeus a partir da estação ferroviária local. Adepto da culpabilização irrestrita da cidade, o *Nazifrei* considera um erro qualquer discussão acerca da problematização dos bombardeios, em função de se tratar de uma cidade nazista sendo devidamente castigada por isso.

A narrativa é forte e integra o ideal de oposição ampla aos discursos extremistas. O lema do *Dresden Nazifrei*, "Dresden se opõe a si mesma", corrobora com o enfrentamento do passado pela perspectiva do antifascismo. Na concepção do grupo, formado em 2009 a partir de uma aliança entre partidos democráticos e indivíduos da comunidade, a narrativa silenciada de Dresden reverbera o negacionismo extremista, dando a entender que a memória oficial da cidade reproduz a lógica do *Opfermythos*. Portanto, opor-se a si mesma seria negar qualquer questionamento aos bombardeios, aceitar o papel ativo da cidade durante a guerra e lidar com as consequências desse passado.

Procurei o *Dresden Nazifrei* em 2021, depois de presenciar atos do grupo na cidade em 2020. Após diálogos iniciais e envio de perguntas, o contato fora interrompido abruptamente sem qualquer justificativa. Desde então, toda tentativa é ignorada pelos meios oficiais de contato e o que restou foi o material gerado até então e as informações disponibilizadas pelo grupo em seus canais na internet. Os panfletos distribuídos em todas as ações do dia 13 servem, ao mesmo tempo, como objetos e fonte na análise da sua narrativa.

O site do grupo⁷⁷, principal plataforma de difusão de ideias, possui as informações acerca das ideias, atos anteriores e discussões históricas sobre a necessidade da contramanifestação em Dresden. Situados no enfrentamento e na conscientização, o *Dresden Nazifrei* tem sido a principal barreira para uma maior consolidação do extremismo de rua, ainda que o crescimento desses grupos continue ocorrendo. Ressaltase sua importância na mitigação de peregrinações e na preservação de espaços traumáticos de recordação que, não tendo sido apropriados pelo Estado, tornam-se alvos fáceis para os extremistas.

Como nos anos anteriores, nosso foco na demonstração está na "marcha fúnebre", que vem sendo realizada pela cena nazista local há 20 anos com amplo apoio de nazistas de toda a Alemanha e países vizinhos. Não queremos permitir que esta marcha nazista revisionista histórica, que tem sido regularmente noticiada pelo presidente da associação distrital do NPD em Dresden, Maik Müller, espalhe sua propaganda do Nacional Socialismo sem ser perturbada. Como no passado, usaremos a desobediência civil para impedir essa marcha nazista. ⁷⁸ (DRESDEN NAZIFREI, 2020. Tradução do autor)

⁷⁷ Disponível em: https://dresden-nazifrei.com/. Último acesso em 12/08/2022, às 19:58.

⁷⁸ Disponível em: https://dresden-nazifrei.com/13februar-dresden/13februar-2020/aufruf2020/. Último acesso em 12/08/2022, às 19:57.

O campo de disputa referido neste trabalho diz respeito às múltiplas narrativas relativas ao passado traumático de Dresden. Devido ao contexto - conflitos ideológicos entre a democracia e o extremismo - não existe possibilidade de consenso. Enquanto a extrema-direita, marcada por anos de negacionismo histórico, se apropria dos debates essenciais para a problematização dos bombardeios e os instrumentaliza, algo que não ocorre nos museus locais, os grupos como o *Dresden Nazifrei* renunciam aos questionamentos e apropriam-se da culpa. Situados no seio desse debate estão os cidadãos e os herdeiros do trauma, pessoas que não estavam no apagar das luzes de 1945, mas que tiveram suas vidas moldadas pelo sofrimento.

O sofrimento pelo trauma pode ser vivido pelo espaço onde a violência ocorreu, no caso a cidade e o seu potencial constante de recordação. Ele também está presente nos núcleos familiares compostos por testemunhas que, na ausência de políticas efetivas de memória, encontravam na família o único refúgio para romper com o silêncio. E, por fim, a memória também está no esquecimento, uma vez que os seguidos recortes do passado em Dresden culminaram no cenário atual, no qual o passado torna-se fundamental para romper com uma ameaça democrática anual.

Ao referir-se à sofrimento e à culpa, Steinmeier vislumbrou, mesmo que de maneira implícita, as disputas mnemônicas de Dresden. De fato complexo, o debate sobre as memórias locais necessita lograr o resgate das narrativas capturadas pela extremadireita. É preciso questionar os bombardeios aliados sem adotar uma perspectiva negacionista, da mesma forma que é necessário definir a relevância de Dresden para a guerra. Centro cultural por excelência, a cidade viu os judeus serem reduzidos a quantidades mínimas, sua sinagoga ser queimada e um campo de trabalho forçado ser montado pela principal empresa local.

Também nesse sentido, foi em Dresden onde toneladas de explosivos abriram caminho para bombas incendiárias transformarem o centro histórico no verdadeiro inferno. Conhecida mundialmente pela sua igreja, a suntuosa *Frauenkirche*, a capital do antigo reino Saxão sucumbiu aos desmandos da guerra. Era realmente necessário tanto poder de fogo? As vidas civis eram baixas calculadas? Uma cidade, pelo fato de pertencer ao regime responsável pela morte de milhões, poderia ser reduzida aos escombros sem grandes questionamentos morais?

Todas essas perguntas proporcionam a complexidade do tema. Vítima ou algoz, Dresden representa anos de abandono em diferentes sentidos. O passado a serviço da instrumentalização política, um ambiente autoritário e o ressentimento como propulsor do negacionismo histórico do Holocausto. A possível capital da cultura europeia nos anos seguintes, será lembrada pelo seu trauma e pelos rumos tomados no presente, em que é necessário declarar emergência nazista para manter de pé uma democracia que insiste em ser cambaleante.

Apropriar-se do debate crítico em Dresden passa por atos semelhantes ao do presidente Steinmeier, crítico e consciente na medida certa. O objetivo da discussão sobre o passado da cidade não é isentar a culpa, mas determinar que a construção da democracia e um eficaz enfrentamento do passado totalitário (*Vergangenheitsbewältigung*) passa por narrativas museais problematizadores, governos atuantes, comunidade civil engajada, espaço público com intervenções de memória e debate abertos, sem tabus, sobre o episódio que mudou os rumos da cidade. Com a efetivação do resgate da memória, os discursos extremistas serão esvaziados, pelo menos em um aspecto, e Dresden terá novamente seu povo falando sobre o próprio trauma.

CONCLUSÃO

Estudando os lugares de memória (Pierre Nora), durante a iniciação científica, deparei-me com Dresden. Cidade marcada pela beleza incontestável, onde o bucólico e o clássico dão o tom de uma paisagem à margem do rio Elba, corpo d'água que acompanha todo o horizonte da *Altstadt*, a cidade velha. A partir do Terraço Brühl, uma das principais atrações de Dresden, é possível ter o olhar panorâmico do contraste. Símbolos da modernidade erguem-se ao lado de construções que remetem a centenas de anos na História.

No Terraço, também é possível conceber a importância do rio para a cidade. Ao mesmo tempo em que divide duas porções de terra, ele une a partir das navegações diárias que levam turistas. Visitantes vislumbrados pelo cartão postal que é o centro histórico, tendo a cúpula da *Frauenkirche* como ponto culminante no cenário local. Dresden é a cidade das porcelanas alemãs, tão sofisticadas que não se encontram semelhantes em toda a Europa, e do barroco, estilo que molda a arquitetura cidade reconstruída.

O contraste é também metafórico, uma vez que a beleza dá lugar à feiura do trauma. A violência permanente proporciona a construção de narrativas que permeiam gerações a partir da experiência testemunhal. Os pontos turísticos que atraem visitantes

curiosos são os mesmos que se tornaram alvos das bombas lançadas ao longo de dois dias. Do Terraço Brühl, Viktor Klemperer reencontrou a liberdade em meio ao fogo. Sabia que milhares morreriam, mas a estrela amarela não encontraria mais lugar em seu peito. Era judeu e livre.

Com as bombas, os anos de história não foram apagados, mas encontraram um elemento que se tornaria determinante nos anos vindouros: a experiência traumática dos ataques aéreos. Os corpos que não estavam amontoados corriam em direção ao Elba. Salvaram-se aqueles que, em meio à fumaça e às labaredas, guiaram-se rumo ao rio. O fogo, tão intenso, não queimava somente pessoas, mas também consumia o oxigênio e tornava a vida impossível no centro histórico.

O dia seguinte à catástrofe é a concepção nítida do trauma. Milhares de corpos sendo recolhidos. Ao mesmo tempo que lidava com a possível categoria de vítima, Dresden ainda era uma "cidade nazista", utilizando a mão de obra compulsória de judeus para revirar escombros. Kurt Vonnegut, horrorizado, descreveu Dresden em ficção, deixando a realidade para a capacidade imaginativa daqueles que lerem *Matadouro Cinco* (1969).

Buscando compreender de perto a história de Dresden, embarquei em um ônibus rumo à cidade no dia em que os ataques completavam 75 anos (13 de fevereiro de 2020). A única pergunta feita pelo motorista ressaltou minha atenção e mostrou-me que o caminho era mesmo aquele: "Brasileiro? Sabe que dia é hoje e para onde está indo?" Na lembrança das mortes, a marcha fúnebre em Dresden fica por conta da extrema-direita xenofóbica e neonazista.

Sendo assim, o objetivo desta pesquisa tornou-se compreender as atuais narrativas em Dresden, parte de uma grande disputa pela memória, a começar pela reconstrução histórica das políticas que sucederam à guerra. Considerando o trauma, era necessário conceber a instrumentalização, a culpa, a negação e, por fim, a reunificação da Alemanha. Com o seu território dividido entre 1949 e 1989, os germânicos experimentaram políticas e culturas memoriais diversas.

A memória traumática de Dresden surge como um excesso, é utilizada como instrumento e reproduz-se como um erro. Em meio à guerra fria, o governo da RDA forneceu dois elementos essenciais para a extrema-direita: a cultura política autoritária e o silenciamento do passado. Testemunhas não eram ouvidas, o passado não era discutido

e, então, o negacionismo desenvolveu-se sem grandes dificuldades. Primeiro, como política de Estado, já iniciada com Goebbels manipulando números de mortos. Depois, a partir da literatura negacionista encabeçada por nomes como David Irving.

Enquanto isso, a sociedade ressentida lidava com a sua culpa silenciada. "Esquecer para seguir em frente" era uma frase típica do governo Adenauer, no qual o passado pertencia a outro período histórico. Na RDA, existia pouco apreço dos comunistas pelo passado de Dresden, a não ser que fosse possível obter ganhos políticos ao questionar os Aliados e a sua política de bombardeios.

Se a memória oficial, recortada e selecionada, ignorou Dresden, as memórias subterrâneas, formadas pelos crescentes extremistas, apropriaram-se das narrativas do passado. Falar dos bombardeios tornou-se uma maneira de relativizar o sofrimento alheio e negar o Holocausto como grande catástrofe do século XX. Segundo os extremistas, a cidade era um centro de refúgio e não possuía relevância de guerra. Os bombardeios desproporcionais tiveram a intenção de destruir a "cidade vítima", configurando o verdadeiro Holocausto.

O *Bombenholocaust* e o *Opfermythos* são as duas bases da narrativa extremista de Dresden ainda hoje. Construiu-se a imagem da cidade inocentemente arrasada pelos bombardeios, discurso proferido sem grandes problematizações por indivíduos que fogem do campo da extrema-direita. Por outro lado, os museus (*Stadtmuseum* e o *Museu de História Militar*) têm suas exposições embasadas no silenciamento ou na abordagem tímida dos bombardeios. Não há referências que fujam da tradicional perspectiva factual e estatística dos ataques.

Impulsionado pelo discurso do presidente Frank-Walter Steinmeier, este estudo amplia o debate historiográfico sobre a construção da memória em Dresden, entendendo o processo histórico do acerto de contas com o passado (*Vergangenheitsbewältigung*) e a obsessão pela memória como limitados. Dresden continuou imersa no século XX, passando "apenas" pela reconstrução do seu centro histórico.

Enquanto o silêncio pautar a narrativa oficial, o esquecimento será mais forte que a lembrança. É necessário retomar o debate e intermediar as discussões entre a vitimização exacerbada (característica da extrema-direita negacionista) e a assimilação irrestrita da culpa, iniciada no pós-guerra e parte integrante da cultura alemã da segunda

metade do século XX. Quando a disputa pelo passado se tornar um debate democrático de narrativas, Dresden abandonará sua injusta alcunha de "cidade nazista".

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor W. **Propaganda fascista e anti-semitismo.** Ernts Simmel (org.), Anti-semitism: A social disease. Madison: International University Press, 1946. Reproduzido em Gesammelte Schriften Vol. 9, T. I [Soziologische Schriften] Frankfurt: Surhkamp Verlag, 1975, p. 397-407. Traduzido por Francisco Rüdiger.

ANDREAS-FRIEDRICH, Ruth. **Diários de Berlim ocupada** (1945-1948). São Paulo: Globo, 2012.

ARENDT, Hannah. Origens do totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. Eichmann em Jerusalém. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Tradução: Paulo Sothe. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2011.

ATKINS, Stephen E. **Holocaust denial as an international movement**. Londres: Praeger, 2009.

BENDA-BECKMANN, Bas von. **A German catastrophe?** German historians and the allied bombings: 1945-2010. Amsterdã: Amsterdam University Press, 2010.

BERSTEIN, Serge. **Culturas políticas e historiografia**, in Cultura política, memória e historiografía. AZEVEDO, Cecília, et al, FGV: Rio de Janeiro, 2009.

BESSEL, Richard. Alemanha, 1945. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BLACKER, Uilleam; ETKIND, Alexander; FEDOR, Julie. **Memory and Theory in Eastern Europe.** New York: Pallgrave macmillan, 2013.

BÖLL, Heinrich. O anjo silencioso. São Paulo: Estação da liberdade, 2001.

CAMUS, Jean-Yves; LEBOURG, Nicolas. Far right politics in Europe. Massachussetts: Harvard Press, 2017.

DEGRELLE, Leon. Carta al papa. Madri: 1979.

DRESDEN. Stadtmuseum. Dresden, 2020.

EVANS, Richard J. **Terceiro Reich na História e na memória:** novas perspectivas sobre o nazismo, seu poder político, sua intrincada economia e seus efeitos na Alemanha do pós-guerra. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

EVANS, Richard J. A chegada do terceiro reich. São Paulo: Planeta, 2016.

FINCHELSTEIN, Federico. Do fascismo ao populismo na História. Edições 70, 2020.

FISHMAN, Sarah; DOWNS, Laura Lee; SINANOGLOU, Ioannis; SMITH, Leonard V. e ZARETSKY, Robert (orgs.). La France sous Vichy: autour de Robert O. Paxton. Paris: IHTP/CNRS; Bruxelas: Editions Complexe, 2004.

FRIEDRICH, Jörg. **O incêndio**: como os aliados destruíram as cidades alemãs (1940-1945). Rio de Janeiro: Record, 2006.

FUCHS, Anne. **After Dresden Bombing**: Pathways of memory, 1945 to the present. Londres: Palgrave Macmillan, 2012.

FULBROOK, Mary. **The people's state**: East German Society from Hitler to Honecker. New Haven: Yale university press, 2008.

GARRAIO, Julia. **Hordas de violadores:** A instrumentalização da violência sexual em discursos anticomunistas alemães da Guerra Fria. Coimbra: Revista Crítica de Ciências Sociais, 2012.

GELLATELY, Robert. **Apoiando Hitler**: consentimento e coerção na Alemanha nazista. Rio de Janeiro, Record, 2011.

GOEBBELS, Joseph. The Goebbels diaries: the last days. Londres: Pan books, 1979.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2017.

HASTINGS, Max. Bomber Command. Londres: Michael Joseph, 1979.

HIRSCH, Marianne; SPITZER, Leo. **Memory**: Histories, Theories, Debates. Nova Iorque: Fordham University Press, 2010.

HUYSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: arquiteturas, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

IRVING, David. Apocalypse 1945: The destruction of Dresden. Londres: Parforce, 2005.

IRVING, David. The Hitler's War: and the war path. Londres: Parforce, 2000.

JARAUSCH, Konrad H. **After Hitler:** Reciviling Germans, 1945-1995. Nova York: Oxford, 2006.

JARAUSCH, Konrad H. **Dictatorship as experience**: Towards a Socio-Cultural History of the GDR. New York: Berghahn books, 1999.

JARAUSCH, Konrad H. **Out of Ashes**: A new History of Europe in the twetieth century. New Jersey: Princeton University Press, 2015.

JASPERS, Karl. **A questão da culpa**: a Alemanha e o nazismo. São Paulo: Todavia, 2018.

JUDT, Tony. **Postwar**: A History of Europe since 1945. New York: Penguim books, 2005.

KLEMPERER, Viktor. **I will bear witness**: a diary of the nazi years 1942-1945. Nova York: Random house, 2000.

LACAPRA, Dominick. Escribir la memoria, escribir el trauma. Buenos Aires: Nueva vision, 2005.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. tradução Bernardo Leitão ... [et al.]. Campinas: SP. Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios)

LENZ, Sylvia Ewel. **Refugiados do Leste alemão (1944-1945).** Anais do I seminário internacional de História do Tempo Presente. Florianópolis: UDESC, 2011.

LIEBEL, Vinícius. **O populismo de direita e suas estratégias de sobrevivência na Alemanha:** o *Alternativ für Deutschland* (AfD) in Tempos conservadores: estudos críticos sobre as direitas (volume 3: direitas na Europa). Goiânia: Gárgula, 2020.

LIPSTADT, Deborah. **Denying the Holocaust**: the growing assault on truth and memory. Plume; Reprint Edit (1994).

| | . History on Trial: my day in Court with a holocaust denier. Ecco |
|----------------------|---|
| Reprint Edit (2006). | |
| | Negação. São Paulo: Universo dos livros, 2020. |

LÖWY, Michael. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 124, p. 652-664, dez. 2015. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282015000400652&lng=pt&nrm=iso. acessos em 16 set. 2020. http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.044.

LÜBBE, Hermann. **Esquecimento e historicização da memória.** Estudos Históricos Rio de Janeiro, vol. 29, nº 57, p. 285-300, janeiro-abril 2016.

LUSTIG, Oliver. **KZ**: Dicionário do campo de concentração. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

McDONOUGH, Frederick. **Gestapo**: mito e realidade na polícia secreta nazista. São Paulo: Leya, 2015.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Os museus e as ambiguidades da memória**: a memória traumática. Conf. 10° encontro paulista de museus. Memorial da América Latina, 18/07/2018.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A problemática da identidade cultural nos museus: de objetivo (de ação) a objeto (de conhecimento). Anais do Museu Paulista. São Paulo: Universidade de São Paulo. Nova série, n.1, 1993.

MOELLER, Robert. What Has "Coming to Terms with the Past" Meant in Post-World War II Germany? From History to Memory to the "History of Memory". Central European History, vol. 35, n.2, p. 223-256.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. In: Projeto História. São Paulo: nº 10, p.7-28, dez. 1993.

NOSSACK, Hans Erich. **The end:** Hamburg, 1943. Hamburgo: 1943. Tradução: Joel Agee.

OMISSI, David E. **Air power and colonial control**: the royal air force 1919-1939. Manchester: Manchester University Press, 1990.

OVERY, Richard. **The bombers and the bombed**: allied air war over Europe 1940-1945. Nova York: Penguin, 2014.

PAXTON, Robert. Vichy France: old guard and new order, 1940-1944. Nova York: Alfred A. Knopf, 1972.

PINTO, Rafael Haddad Cury. **Memória e representações da segunda guerra mundial em museus e memoriais alemães (1950-2014).** Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2014.

PIEKEN, Gorch; ROGG, Mathias. **Militär Historisches Museum**: exhibition guide. Dresden, 2020.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p 3-15.

. Memória e identidade social. Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-2012.

PORTELLI, Alessandro. **O massacre de Civitella Vai di Chiana** (Toscana, 29 de junho de 1944). Em: Usos Marieta de Moraes Ferreira y Janaína Amado. Usos & abusos de la História Oral. Cap. 8. Fundação Getulio Vargas. Brasil. 1998. pp. 103-130.

RICOEUR, Paulo. A memória, a História, o esquecimento. São Paulo: Unicamp, 2014.

ROLLEMBERG, Denise. **Resistência**: memória da ocupação nazista na França e na Itália. São Paulo: Alameda, 2016.

ROLLEMBERG, Denise. **Aos grandes homens a pátria reconhecida**: Os justos no Panthéon. In Angela de Castro Gomes (org.). Direitos e Cidadania. Memória, política e cultura. Vol. 2. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2007.

ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha Viz (org). A construção social dos regimes autoritários: Legitimidade, consenso e consentimento no século XX. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2010.

ROLLEMBERG, Denise. **Valquírias:** Memórias da resistência alemã ao nazismo. Niterói: Eduff, 2021.

ROSENFELD, Gavriel; JASKOT, Paul. **Beyond Berlin:** Twelve german cities confront the nazi past.

ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento**: seis ensaios da história das ideias. São Paulo: Unesp, 2007.

ROUSSO, Henry. **A última catástrofe:** a História, o presente e o contemporâneo. Rio de Janeiro: FGV, 2016.

ROUSSO, Henry. **The Vichy Syndrome**: History and Memory in France since 1944. Massachussetts: Harvard press, 1991.

SACÇO, Roberta. **Memória e esquecimento no pós-guerra**. Programa de pós-graduação em letras: Estudos literários. UFJF: vol.11, n.1.

SEBALD, W.G. Guerra aérea e literatura. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

SHAFIR, Michael. **Between Denial and "Comparative Trivialization"**: Holocaust Negationism in Post-Communist East Central Europe. Jerusalém: Vidal Sassoon International Center for the Study of Antisemitism, 2002.

SODARO, Amy. **Museus memoriais**: a emergência de um novo modelo de museu. Revista PerCursos, Florianópolis, v. 20, n. 44, p. 207 - 231, set./dez. 2019.

SULEIMAN, Susan Rubin. Crises of memory and the Second World War. Massachussetts: Harvard Press, 2006.

TAYLOR, Frederick. **Dresden**: Terça-feira, 13 de fevereiro de 1945. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2011.

TODOROV, Tzvetan. Diante do extremo. São Paulo: Unesp, 2013.

. Les abus de la Mémoire. Paris: Arléa, 2004.

VALENCIA-GARCÍA, Louie Dean. Far-Right revisionism and the end of History. New York: Routledge, 2020. Michigan: University of Michigan, 2008.

VAIZEY, Hester. **Born in DDR**: Living in the shadow of the wall. New York: Oxford press, 2014.

VIDAL-NAQUET, Pierre. Los asesinos de la memoria. Madri: Siglo veitiuno de españa, 1994.

VONEGUT, Kurt. Matadouro cinco. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.

WALZER, Michael. **Just and Unjust wars**: a moral argument with historical illustrations. Nova York: Basic books, 1972.

¹¹ Grupo em 1939: 6 esquadrões de 16 aeronaves. Grupo em 1945: 18 esquadrões de 20 aeronaves (HASTINGS, 1979).

ii ii Citado por Charles Messenger, "Bomber" Harris and the Strategic Bombing Offensive 1939-1945, Londres, 1984, p. 39 [e esse é um ataque absolutamente devastador, de exterminação, por bombardeiros muito pesados partindo de nosso país para a pátria nazista].